

Estudos
Universalistas e
Ecumênicos

Centro de Cultura e
Educação Espiritualista

COLEÇÃO
Animagogia e
Espiritualidade

Volume 1

Educação após a morte

princípios de animagogia com seres incorpóreos

ADILSON MARQUES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Adilson Marques

EDUCAÇÃO APÓS A MORTE:

PRINCÍPIOS DE ANIMAGOGIA COM SERES INCORPÓREOS

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

São Carlos – março de 2009

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
PARTE I – A ANIMAGOGIA E O LIVRO DOS ESPÍRITOS	08
CAPÍTULO 1 - A FUNÇÃO DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO E O ESPIRITISMO	09
CAPÍTULO 2 – DEUS: INTELIGÊNCIA SUPREMA E CAUSA PRIMÁRIA DE TODAS AS COISAS .	12
CAPÍTULO 3 – OS DOIS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO.....	15
CAPÍTULO 4 – O OBJETIVO DAS ENCARNAÇÕES.....	17
CAPÍTULO 5 – A ESCOLHA DO GÊNERO DE PROVAS E O LIVRE-ARBÍTRIO.....	24
CAPÍTULO 6 – A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NO MUNDO MATERIAL.....	27
PARTE II - TEORIA E MÉTODO DA ANIMAGOGIA.....	32
CAPÍTULO 7 - A NECESSIDADE DO PEDIDO DE AUXÍLIO E AS TÉCNICAS POSSÍVEIS PARA O ESCLARECIMENTO ESPIRITUAL.....	33
CAPÍTULO 8 - A APOMETRIA COMO TÉCNICA ANIMAGÓGICA OU DE LIBERTAÇÃO DO EGO.	36
PARTE III - ESTUDOS DE CASO.....	40
CAPÍTULO 9 - ESCLARECENDO SUICIDAS.....	41
CAPÍTULO 10 - DESCOBRINDO A MORTE DO CORPO FÍSICO, A COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA E O VALOR DA PRECE.....	46
CAPÍTULO 11 - O EFEITO DA EUTANÁSIA EM SERES MATERIALISTAS	50
CAPÍTULO 12 - DIALOGANDO COM OS “FALSOS PROFETAS”	53
CAPÍTULO 13 - ALGUNS DESAFIOS E A BUSCA DO AUTODOMÍNIO	56
CONCLUSÕES.....	61
Anexo: você está preparado para morrer?.....	73

APRESENTAÇÃO

Espiritistas, budistas, ocultistas, terapeutas de vidas passadas, entre outros estudiosos, procuram demonstrar que a reencarnação é um fato, faz parte das Leis numinosas (divinas) ou naturais que regem a vida na Terra. Excluindo os materialistas que, por convicção, não podem conceber a existência de um princípio não material no ser humano, as correntes religiosas ou espiritualistas que não aceitam a lei da reencarnação costumam utilizar passagens bíblicas para legitimar suas convicções. Assim, para, teoricamente, afirmar que os Espíritos (mortos) não podem fazer nada de útil (como ajudar encarnados) ou prejudicá-los, recorrem ao Salmo 145:4. Para afirmar que a alma morre junto com o corpo físico buscam argumento em Ezequiel (18:4). No caso da comunicação com os desencarnados, prática realizada por médiuns espiritistas ou de outras correntes medianímicas, assim como por xamãs, oráculos, etc., buscam em Isaías (8:19) argumentos para mostrar que se trata do demônio¹ se passando pelo Espírito de um morto, apesar de também acreditarem que Samuel conversou com o rei Saul através de uma pitonisa, fato narrado no livro Samuel 1, no capítulo 28.

Não é o nosso objetivo nessa pesquisa analisar as inúmeras experiências e obras que afirmam comprovar a existência da vida após a morte e a naturalidade com que se reveste a comunicação com os seres incorpóreos (Espíritos). Sobre o assunto, recomendo aos leitores o estudo da chamada literatura mediúnica (ou seja, escrita pretensamente por Espíritos) e dos estudos com enfoque científico (psicologia transpessoal, terapia de vidas passadas etc.). Por exemplo, as pesquisas realizadas por Hernani Guimarães Andrade ou por Stanislav Grof trazem uma quantidade expressiva de dados que poderão, em breve, levar os cientistas, antes mesmo do que os espiritualistas em geral, a aceitarem que a reencarnação, a vida após a morte e o intercâmbio entre encarnados e seres incorpóreos são fatos naturais no processo evolutivo do ser humano na Terra, ou pelo menos considerar essa hipótese como plausível.

Este estudo, provavelmente o primeiro e único trabalho acadêmico realizado no Brasil para o estudo dos processos de educação após a morte, sem proselitismo ou tentativa de fazer doutrinação, reconhece que existe a crença na comunicação com os seres incorpóreos e as pessoas que realizam esse intercâmbio o fazem de forma séria e compenetrada, acreditando que estão ajudando seres incorpóreos iludidos pelo chamado Ego. Assim, ao elaborarmos essa pesquisa em 2003 como um projeto de pós-doutorado que, infelizmente, não foi aceito por várias instituições de pesquisas, seja no campo das Ciências Sociais ou da Pedagogia, se transformou em uma pesquisa independente, que resultou em um pequeno livro no ano de 2004.

Passados cinco anos da primeira edição, resolvi revisar e aprofundar este estudo que busca compreender como se processa os chamados trabalhos de “desobsessão” ou de “evangelização” de seres incorpóreos, prática comum tanto em centros espiritistas, em terreiros de umbanda e centros universalistas, espalhados por todo o país. Por centro espiritista estamos entendendo apenas os locais que realizam intercâmbio mediúnico seguindo as teorias formuladas por Allan Kardec, no século XIX. Por terreiros umbandistas, entendemos os locais que dizem seguir as orientações transmitidas pelo “espírito Sete Encruzilhadas”, através do médium Zélio Fernandino de Moraes, apesar de sabermos que há outras linhas de Umbanda que seguem outras orientações, sacrificando animais ou cobrando pelo serviço prestado aos consulentes. E, por fim, por centros universalistas, compreendemos os grupos espiritualistas que realizam intercâmbio mediúnico, seguindo as orientações do Espírito Ramatís, do “preto-velho” pai Joaquim de Aruanda, entre outros, buscando realizar uma espécie de síntese entre os ensinamentos espiritistas e os advindos das filosofias orientais. A pesquisa abaixo foi realizada em um centro localizado na cidade de São Carlos que, dentro do exposto acima, poderia ser classificado como universalista, no qual espíritos de “pretos-velhos”, “índios” e outros que costumam ser estigmatizados

ou proibidos de se manifestarem nas “mesas kardecistas” dão comunicação ao lado dos “médicos”, “padres”, “literatos”, “filósofos” e outros que, naturalmente, são aceitos nos chamados centros espiritistas por serem, em tese, “Espíritos superiores”.

Mas, se a reencarnação é uma lei natural, o que, segundo estes grupos, acontece com o Espírito no período entre uma encarnação e outra?

Levantando informações e dados sobre o assunto, notamos uma significativa convergência entre as comunicações mediúnicas coletadas por escritores espiritistas e umbandistas, pelos transcomunicadores instrumentais (que contatam os mortos através de aparelhos eletrônicos) e dados empíricos coletados por terapeutas de vidas passadas em suas sessões de psicoterapia. Em todos os casos, a informação que nos chega é a de que os Espíritos trabalham, estudam e planejam suas futuras encarnações, escolhendo seus “gêneros de prova”. Porém, nem sempre o Espírito vive, imediatamente, esse momento sublime. Há relatos de Espíritos que antes de recuperar sua consciência espiritual plena, penam com a dor, o frio ou o calor insuportáveis; um sofrimento que, segundo as narrativas, parece eterno. Em suma, a impressão que nos chega é a de que o ser incorpóreo apenas deixou sua vestimenta material (o corpo físico), mantendo seus ideais, sentimentos, angústias, etc. como qualquer um de nós. Por isso, um Espírito pode continuar humanizado (ligado ao Ego, a personalidade que viveu na Terra) apesar de não estar mais encarnado (preso ao corpo físico), dizem os universalistas.

Felizmente, nestas narrativas, parece que ninguém “queima eternamente” no fogo do “inferno”, mas, por alguma razão, há os que passam uma temporada em algum lugar similar criado dentro de sua própria mente, como acontece conosco durante um sonho. Este fato é narrado como sendo uma forma de “expição” para o Espírito que não aproveitou a encarnação para fazer o “Bem”.

Um dos livros mais interessantes que descreve fragmentos da vida no plano espiritual é o *Nosso Lar*, escrito supostamente pelo Espírito André Luiz, uma obra psicografada pelo médium mineiro Chico Xavier. Apesar de, atualmente, ser um clássico do espiritismo brasileiro, sua publicação na primeira metade do século XX causou estranheza inclusive no meio espiritista. Muitos seguidores de Kardec, os kardecistas, acusaram o médium de fantasiar ou de inventar as histórias narradas na obra, pois, até aquele momento, não havia referências ou comunicações mediúnicas que apresentassem de forma tão explícita o mundo “errante” dos desencarnados. Para boa parte dos espiritistas, aquela obra seria “não-doutrinária”. Somente com o passar do tempo, quando o médium se tornou famoso, aquele autor incorpóreo passou a ser idolatrado no meio espiritista brasileiro e sua obra passou a ser classificada também como “doutrinária” ou “complementar às obras básicas”, aquelas escritas por Kardec. E esse processo aconteceu sem que houvesse a necessidade de passar pelo hipotético “controle universal”, uma regra criada por Kardec no século XIX para estabelecer quais comunicações dos Espíritos deveriam ser levadas a sério e quais deveriam ser descartadas como “mistificação”.

O aceitar que o mundo astral ou dos Espíritos pode ser ativo ou que o ser incorpóreo trabalha ao invés de ficar eternamente esperando pelo “Juízo Final” não faz parte do imaginário das principais religiões Ocidentais, o que as levam a valorizar muito mais o mundo material ou ao imaginário de que somos seres humanos que eventualmente passamos por experiências espirituais. Nesse sentido, as atividades religiosas, com seus ritos e preceitos, costumam ser apenas um evento rotinizado no cotidiano. Porém, podemos notar que mesmo as religiões medianímicas brasileiras, analisando suas práticas e valores, demonstram dar mais importância a vida material do que a vida espiritual, apesar de afirmarem que esta é mais importante que a primeira. Esse é um aspecto fundamental que as diferenciam das tradições orientais, nas quais fica evidente que, em Tese, seríamos Espíritos eternos vivenciando uma experiência humana provisória, e não o contrário.

Realmente, é necessário um exercício mental hercúleo para conceber e aceitar que o Espírito existe independente do nosso corpo físico, pelo menos para nós Ocidentais, sejamos ateus ou religiosos. Daí a dificuldade também em aceitar que o Espírito antecede nossa existência corporal.

Para os reencarnacionistas, uma homologia fartamente difundida é a de imaginar que o nosso corpo físico é similar à roupa especial que o astronauta necessita para sua aventura/missão fora da Terra. Sabemos que o astronauta, antes de viajar para o espaço, prepara-se muito bem, planejando vários detalhes da missão. No espaço, necessita de roupa especial, projetada para aquelas condições ambientais. Porém, tal roupa será abandonada assim que voltar para a Terra, uma vez que ela deixou de ser necessária. Com a encarnação aconteceria o mesmo. Antes de voltar para a Terra, o Espírito planejará com seus amigos e mentores o que faria, com quem se relacionaria, que Espíritos viriam para serem cuidados como seus filhos, etc. Tudo bem planejado para que possa lapidar sua alma eterna.

Porém, para que esse “jogo cooperativo” possa ser vivido com mais intensidade, a regra é clara: ao encarnar, apaga-se, momentaneamente, a lembrança dos “erros” e “acertos” do passado. Também não nos lembraremos do gênero de provas escolhido para vivenciar na Terra e, sem saber o que vai acontecer durante nossa humanização, teríamos a oportunidade de viver essa experiência com amor, felicidade e fé ou, ao contrário, alternando momentos de euforia e desespero, de acordo com as vicissitudes experimentadas.

Nessa Tese, não seríamos frutos de um acaso ou de um destino cego, pois, após a encarnação, teríamos o livre-arbítrio² no âmbito dos sentimentos, ou seja, das atitudes. A ação material seria fruto da Lei de causa e efeito, e os acontecimentos seriam pré-programados em função das escolhas feitas no período entre as encarnações, mas todos sempre teriam livre-arbítrio para amar ou se revoltar, ser feliz ou infeliz diante das vicissitudes da vida humanizada.

Isso explicaria porque, em vários livros religiosos, encontramos o ensinamento de que Deus julga a intenção e não o fato. Essa idéia é constante na Psicossófia de Lao-Tsé (Tao Te Ching) e de Krishna (Baghavat Gita) e também, de forma esporádica, no Antigo Testamento e até em O livro dos Espíritos, de Allan Kardec. E os estudos de caso apresentados neste livro, recolhidos em um centro universalista, parecem demonstrar a veracidade e o sentido profundo da afirmação de Paulo de Tarso: “Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas, 6:7). Na ótica universalista este semear é no plano do sentimento, na atitude, e não necessariamente nos atos materiais, como já salientamos acima. É a consciência do Espírito que parece ser o próprio alçômetro, sem que Deus ou Jesus precisem julgar ou punir. A idéia de um Deus castigador e cruel, como aparece no Antigo Testamento, não está presente, de forma geral, nas narrativas dos Espíritos que, em Tese, sofrem no plano invisível.

Nas reuniões mediúnicas que acompanhamos, há um forte indício de que é a própria consciência que age como o alçômetro do Espírito arrependido por sua fracassada encarnação, levando-o a ter a sensação de que sofre eternamente quando retorna à sua condição natural, ou seja, a de um ser incorpóreo. Apesar de não mais terem o corpo físico, muitos Espíritos relatam que sentem dor ou que sofrem torturas, sobretudo morais.

Assim, *Deus* (ou o nome que queiramos dar para essa força muito sublime e pura) oferecerá àquele que não soube aproveitar sua passagem pela Terra outras oportunidades de aprendizagem e de aprimoramento. É por isso que reencarnar não é visto pelos reencarnacionistas como punição ou castigo divino, mas como a expressão da justiça e do amor numinoso para com aqueles que se “perderam no caminho”, que se arrependeram de não emanar amor em seus atos materiais e que desejam saldar seus “débitos”, não com Deus, mas com sua própria consciência.

Voltado ao livro *Nosso Lar*, em tese, um livro escrito por um desencarnado, por vias mediúnicas, nele encontramos a organização e a gerência de uma colônia espiritual localizada acima do território do Estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Trata-se de uma colônia para onde são encaminhados Espíritos que atingiram um mediano nível vibracional. Portanto, embora não sejam mais Espíritos “primitivos”, segundo a nomenclatura de Allan Kardec, também não atingiram o grau em que poderiam ser chamados de “anjos”. Para lá são encaminhados os Espíritos que ainda necessitam de novas encarnações nos chamados mundos de “provas e expiações”, como ainda seria a Terra.

Na colônia descrita no livro, há hospitais, educandários, áreas de lazer etc. Os Espíritos compreendem suas faltas, seu estado evolutivo e planejam com os mentores suas próximas encarnações. Porém, como salientamos, vão para as colônias os Espíritos que já atingiram determinado estágio evolutivo. E o que acontece com os Espíritos que desencarnam, mas que ainda se mantêm presos aos laços da matéria densa ou que cometeram “erros graves” que lhes pesam na consciência?

Com base em pontos de contato entre a literatura espírita e a de correntes que procuram estudar a vida espiritual sem um enfoque religioso, há consenso de que o Espírito, ao romper com os laços materiais, não terá autorização para contemplar e vivenciar todas as “moradias de Deus” existentes no plano astral, formadas por matéria mais sutil e que são invisíveis aos olhos do encarnado.

Os Espíritos menos esclarecidos, ou seja, que ainda se mantêm unidos ao Ego ou que ainda possuem fortes apegos materiais, sentimentais ou culturais, raramente conseguem enxergar os Espíritos mais *libertos* ou esclarecidos, cuja vibração eletromagnética seria mais sutil. Muitas vezes, dependendo do grau evolutivo desse Ser, nem alguns encarnados ele seria capaz de enxergar³.

O contrário, porém, aconteceria. Os Espíritos mais esclarecidos seriam capazes de enxergar aqueles que se encontram nos degraus mais baixos da escala evolutiva e, em Tese, podem auxiliá-los. É aqui que entramos, de fato, no assunto deste livro. Nem todos os Espíritos estariam em condições de ingressar nos educandários do plano espiritual sem o auxílio de um grupo de encarnados, organizados para realizar esse trabalho de educação espiritual (que chamaremos aqui de Animagogia).

Assim, para aqueles que não aproveitaram o estágio na carne para lapidar um pouco mais seu Espírito, diferentes centros, seguidores de diferentes doutrinas reencarnacionistas e técnicas mediúnicas, praticam uma Animagogia, ou seja, uma atividade educativa para ajudar desencarnados iludidos pelo Ego. E esta educação necessita, para ser realizada, daquelas pessoas que, em Tese, servem de intermediários entre o plano invisível e o visível, os hermes da pós-modernidade: os médiuns.

No caso da educação de seres incorpóreos, os educadores são, ao mesmo tempo, os Espíritos esclarecidos (os *bodhissatvas* das filosofias budistas, também chamados de *entidades* na Umbanda) e vários encarnados (médiuns ou não). Esse trabalho de educação espiritual consiste, basicamente, em orientar e esclarecer esses seres que retornaram ao plano astral, mas cujas mentes e corações estão ainda presos ao mundo denso da matéria. Por isso a afirmação dos Universalistas de que são ainda “espíritos humanizados apesar de estarem, no momento, desencarnados”. Em Tese, para encarnar, é necessário se humanizar, ou seja, ligar-se a um Ego. Porém, a desencarnação nem sempre é suficiente para o Espírito readquirir, imediatamente, sua consciência espiritual, permanecendo, por algum tempo, ainda humanizado, ou seja, preso ao Ego que criou antes de sua última aventura encarnatória. O Espírito Ramatís chama o Ego de personalidade e a consciência espiritual de Individualidade, no livro *Samadhi*, psicografado pelo médium Norberto Peixoto.

Acredita-se que alguns se mantêm presos ao Ego por terem vivenciado experiências como ateus ou intelectuais materialistas⁴ (apegos culturais), outros por excesso de ódio, paixão ou ciúme (apego sentimental), ou por terem cometido suicídio⁵ (orgulho, egoísmo, falta de fé em Deus) etc.

Como já salientamos, este livro pretendia ser o fruto de uma pesquisa de pós-doutorado. Infelizmente, este tema ainda não adquiriu cidadania acadêmica. Ainda predomina no meio acadêmico brasileiro a idéia de que a mediunidade está associada com loucura ou com fraude.

Porém, independentemente dos percalços, acredito que o mesmo é um estudo original, descrevendo e interpretando um trabalho realizado com seres incorpóreos em uma instituição que se considera universalista, localizada na cidade de São Carlos, entre os anos de 2003 e 2006. Se tudo o que assistimos for verdade e não loucura ou delírio coletivo, podemos afirmar que são muitos os que necessitam de orientação e esclarecimento em relação à vida após a morte e que a ressurreição⁷ nem sempre é um processo simples e sem complicações, como poderemos constatar pelos casos aqui apresentados.

É importante salientar, novamente, que este livro não possui finalidade doutrinária, nem é voltado para a prática do proselitismo. Apesar de não termos conseguido auxílio das instituições de pesquisa para o transformar em um projeto de Pós-doutorado, ele foi realizado de acordo com os padrões e procedimentos acadêmicos, próprios das ciências humanas, onde se permite o estudo do marxismo, dos contos de fadas, do “inconsciente coletivo” etc., mas que, infelizmente, ainda não permite o estudo da mediunidade como uma das práticas sócio-culturais humanas mais antigas do planeta.

Talvez agora, com o surgimento dos cursos de Graduação e também de pós-graduação em Ciências da Religião, desde que estes cursos não se transformem em campo para o doutrinismo católico e evangélico, possa o tema da mediunidade gozar de cidadania acadêmica e, quem sabe, se tornar tema de discussão no Ensino Religioso Escolar, atualmente, uma disciplina optativa no ensino fundamental e médio.

PARTE I
A ANIMAGOGIA E O LIVRO DOS ESPÍRITOS

“inteligente é quem conhece os outros; sábio é quem se conhece a si mesmo.”

Lao Tsé

CAPÍTULO 1

A FUNÇÃO DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO E O ESPIRITISMO

Neste primeiro capítulo se faz *mister* abordar a relação entre o que estou chamando de Ciências do Espírito (ou Espiritologia), uma disciplina acadêmica para se estudar sem finalidades doutrinárias ou proselitismo as possíveis relações entre o mundo material e o espiritual, e o Espiritismo, a doutrina filosófica criada por Allan Kardec, no século XIX, e base para a prática medianímica que acontece nos chamados centros espíritas. Ao contrário destes que consideram os livros de Kardec uma verdade absoluta, tratando-os de forma dogmática; na Espiritologia os estudos de Kardec possuem o mesmo peso que os escritos por outros autores encarnados ou “desencarnados”. Por exemplo, já salientamos que, hoje em dia, os livros psicografados por Chico Xavier são considerados “doutrinários”, mas esse processo não foi consensual no meio espírita brasileiro. Atualmente, são os livros escritos por um Espírito que se identifica como Ramatís que são estigmatizados e tratados como “não-doutrinários”. Ou seja, as bancas ou livrarias espíritas são proibidas de venderem livros desse “Espírito” por ele não ser considerado um “espírito espírita”. Um outro exemplo que nos ajuda a entender essa diferença seria a relação diante de um Espírito de “preto-velho”. Enquanto o espiritismo afirma que um “preto-velho” não pode se manifestar em um trabalho mediúnico, a Espiritologia se pergunta: “por que o Espírito se manifesta dessa forma?”.

É por isso que é necessário diferenciar a Espiritologia enquanto disciplina acadêmica e o Espiritismo, atualmente um movimento sócio-religioso brasileiro que possui dogmas e valores próprios. Isto, porém, não significa que não devamos estudar profundamente a obra de Kardec, pois ela é a base para qualquer trabalho de Animagogia com os seres incorpóreos, como veremos adiante.

O Livro dos Espíritos foi escrito em 1857, por Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) e tem uma história singular. Supostamente, o autor entrevistou o Espírito Verdade, através da mediunidade de vários sensitivos. O livro apresenta cerca de 50 ensinamentos espiritualistas, aprofundados e discutidos ao longo das mais de mil questões que Kardec formulou ao suposto Espírito. Existem duas hipóteses no meio espírita brasileiro sobre este Espírito. Alguns afirmam que seria a manifestação de Jesus Cristo, enquanto outros afirmam que se trata de uma coletividade de “Espíritos superiores” que, sob a ordem de Jesus, respondeu as perguntas formuladas por Kardec.

Em relação ao chamado intercâmbio mediúnico, não resta dúvida que, excluindo as fraudes e os diversos tipos de charlatanismo, o verdadeiro médium, após entrar em um estado alterado de consciência, é capaz de manifestar informações que o próprio médium desconhece em seu estado de vigília. Temos inúmeros dados coletados ao longo dos últimos 10 anos de pesquisa que nos dão indícios, apesar de não provar, que o médium manifesta através de seu corpo e de sua fala a opinião de consciências incorpóreas, mas não descartamos a hipótese de que o mesmo pode estar manifestando informações provenientes de um suposto “inconsciente coletivo”, algo também nada científico, mas que ganhou esse *status* entre os que não aceitam, nem como hipótese, a possibilidade de comunicação com os mortos ou a reencarnação.

Na introdução de O Livro dos Espíritos, Kardec esclarece que nem todos os espiritualistas, ou seja, aqueles que acreditam na existência dos Espíritos, aceitam que é possível estabelecer comunicações com o mundo invisível. Assim, para designar aqueles que acreditam, Kardec empregou o termo “espírita” ou “espírita” e definiu o Espiritismo como o estudo das relações entre o mundo material e o espiritual e do papel ativo dos Espíritos no mundo invisível. Nesse sentido, Kardec reservou à palavra espiritualismo sua acepção própria, ou seja, a de oposto do materialismo. Assim, todo aquele que acredita haver em si outra coisa que a matéria, é espiritualista. Porém, espíritas, seriam os que acreditam

na possibilidade do espírito se manifestar e se relacionar com o mundo material.

A partir da definição proposta por Kardec, podemos dizer que o espiritista (aquele que acredita nas manifestações dos Espíritos) é também espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espiritistas, como é o caso dos católicos e evangélicos. Porém, pela definição de Kardec, também deveriam ser chamados de espiritistas os Umbandistas e os Universalistas, por exemplo, pois eles acreditam nas manifestações dos Espíritos e fazem reuniões mediúnicas, mesmo que seja com aqueles Espíritos estigmatizados e proibidos de se manifestarem através de médiuns kardecistas por serem considerados “inferiores”, “mistificadores” ou “selvagens”.

É por isso que O Livro dos Espíritos é classificado por Kardec como um livro de “filosofia espiritualista”, pois considera o Espiritismo uma das faces do espiritualismo, sem negar a importância das outras (Budismo, Catolicismo, Hinduismo etc.), como se pode perceber com a leitura da questão 628 de O Livro dos Espíritos.

Outro dado importante é que o Espiritismo, na definição de Kardec, seria uma ciência experimental que derivaria, necessariamente, em uma filosofia de cunho moral. Em outras palavras, seria uma ciência que, em Tese, estudaria a existência da vida após a morte, a reencarnação como lei natural e que sistematizaria as formas possíveis de intercâmbio com os seres incorpóreos através do fenômeno denominado “mediunidade”.

Em suma, para Kardec, que possuía um olhar cientificista, o Espiritismo seria uma disciplina com o objetivo de estudar toda e qualquer manifestação de Espíritos, sejam elas físicas ou intelectuais, buscando compreender a relação entre o mundo material e o espiritual. Mas esse processo deixou de ser aplicado no meio kardecista brasileiro. Por exemplo, tenho acompanhado a vidência de uma médium paulista desde 2003. Ela, ao entrar em uma igreja evangélica, costuma descrever o trabalho dos Espíritos dando “passes” nos frequentadores, quando estes oram e colocam as mãos em recipientes com água que os pastores dizem que é para curar, mesmo que os pastores acreditem que os Espíritos dormem após a morte, esperando pelo dia do “juízo final”.

Da mesma forma, ao adentrar em uma casa holística que aplica Reiki (uma técnica de tratamento bioenergético criada pelo monge budista Mikao Usui no início do século XX, e similar ao “passe espírita”), ela enxerga e descreve a equipe de médicos desencarnados utilizando diferentes recursos de tratamento como fitoterapia, cromoterapia etc. e até enfermeiros fazendo curativos nos pacientes, invisíveis para nós que não temos esse potencial psíquico, mas que estão “plasmados” no paciente. É importante salientar que a maioria dos adeptos dessa técnica também não acreditam na intervenção dos desencarnados durante suas sessões.

Outro fato curioso que essa médium vidente já me descreveu foi que, durante uma aula de Yoga, ela observou a presença de vários espíritos levitando sobre coloridas almofadas e pulverizando nos praticantes diferentes luzes coloridas (verdes, douradas, lilases etc.) no momento em que estes se encontravam meditando.

Em outras palavras, todos esses fenômenos que essa médium vidente é capaz de descrever, mesmo em seu estado de vigília, e que são chamados de alucinação pela neurociência também não são considerados pelos espiritistas como “fatos espíritos”. Para vários espiritistas, as informações que ela descreve são “elementos estranhos ao espiritismo”, pois não haveria relação entre Espiritismo e Yoga ou Espiritismo e Reiki, apesar de Kardec escrever que os Espíritos estão em todos os lugares observando o que fazemos e intervindo no mundo material como uma das forças da natureza.

Em suma, se o potencial psíquico dessa médium não interessa para os espiritistas, se faz *mister*, urgentemente, a criação das Ciências do Espírito, uma ciência que tenha instrumentos para estudar essa forma de vidência. Em suma, se o Espiritismo não mais se interessa pelas “manifestações dos Espíritos”, pois não busca mais compreender a “relação que existe entre o mundo espiritual e o material”, precisamos de um cientista do espírito, alguém que seja tão inquiridor como foi Kardec, no século

XIX. Ou seja, esse cientista se faz necessário para estudar todas as manifestações espíritas (ou dos espíritos), sem idolatrar ou criticar qualquer religião, manifestação mediúnica ou prática espiritualista.

É importante salientar que a mediunidade é um fenômeno conhecido desde a Antiguidade e foi através dela que Kardec sistematizou a Doutrina Espírita, ou seja, a filosofia espiritualista ensinada pelos Espíritos, no século XIX. Porém, cabe às ciências do espírito o estudo de todo e qualquer fato espírita, ou seja, as manifestações latentes e patentes dos Espíritos. Nesse sentido, operações espíritas (realizadas por desencarnados através de médiuns) não é Espiritismo, mas um objeto de estudo privilegiado das Ciências do Espírito; da mesma forma, as mensagens psicografadas em um centro espiritista ou a manifestação de um Espírito na forma de preto-velho em um terreiro de Umbanda, também não é Espiritismo, mas cabe às Ciências do Espírito estudar estes fenômenos imparcialmente, assim como estudar a Apometria, a Transcomunicação Instrumental e tantos outros fenômenos nos quais a “manifestação de Espíritos” acontece, mas que são considerados “elementos estranhos ao Espiritismo”.

Enfim, as Ciências do Espírito possui uma infinidade de temas e fenômenos para observar e estudar, sempre com o objetivo de compreender as ações que os Espíritos exercem, em Tese, tanto sobre o mundo moral como sobre o mundo físico, pois, segundo os pressupostos kardequianos, eles agem sobre a matéria e sobre o pensamento, constituindo-se em uma “força da natureza”.

Kardec afirmou que os Espíritos são a causa de uma multidão de fenômenos, até agora inexplicados ou mal explicados, e que só encontram uma solução racional através do Espiritismo. Porém, como já salientamos, há muito tempo os espiritistas abandonaram as pesquisas e transformaram os livros de Kardec numa espécie de Bíblia, idolatrando-os e os cultuando irracionalmente.

É importante também salientar que a filosofia transmitida pelos Espíritos para Kardec não pode ser alvo de pesquisas científicas, mas filosóficas. Daí não fazer sentido dizer que o Espiritismo seria científico. Não temos, por exemplo, como comprovar se antes de encarnar escolhemos um gênero de provas ou se não morreremos antes da hora, não importando o perigo. Estes são alguns dos ensinamentos da filosofia espírita presentes em O livro dos Espíritos. Podemos aceitá-los ou não, mas não temos como realizar pesquisas e comprovar se são verdadeiros. No máximo, podemos fazer pesquisas científicas sobre a mediunidade, comparando suas diferentes formas ou manifestações.

Obviamente que esses ensinamentos espiritualistas podem ser utilizados para fins educativos ou animagógicos. Mas, no momento, não podem ser comprovados empiricamente por nós, apesar de fazerem parte do discurso ou da narrativa de inúmeros Espíritos, nas reuniões mediúnicas kardecistas, de Umbanda e Universalistas.

Para concluir esse capítulo, podemos afirmar que as Ciências do Espírito precisa ser instituída nas Universidades para estudar cientificamente a vida após a morte (o sobrevivencialismo) e elaborar teorias que possam compreender as relações possíveis entre o mundo espiritual e o material, ou seja, não se importando se tais relações acontecem dentro de um centro espiritista, em um terreiro de Umbanda, em uma igreja evangélica, em uma casa “mal-assombrada” etc. O seu papel é o de revelar ou não a ação de uma inteligência e de uma vontade que saem do domínio puramente físico, explicando aqueles fatos que a ciência materialista não é capaz de explicar por não levar em consideração a existência ativa do mundo espiritual e sua influência sobre a matéria. E tal ciência é feita, basicamente, através da observação dos fenômenos, diretamente ou através de sensitivos, e também através do intercâmbio mediúnico, evocando e entrevistando os Espíritos.

Por sua vez, o Espiritismo, enquanto uma filosofia ensinada pelos Espíritos, é sem dúvida um dos pilares da Animagogia, como veremos nos capítulos seguintes, mas a Animagogia também é um dos campos privilegiados de estudo da chamada Ciências do Espírito ou Espiritologia e não, necessariamente, do Espiritismo.

Nos capítulos seguintes vamos analisar e compreender os ensinamentos espiritualistas

transmitidos pelos espíritos para Kardec, presentes em O livro dos Espíritos, no qual se encontra formulada a Doutrina Espírita e que formam a base epistemológica de praticamente todo e qualquer trabalho de auxílio aos seres incorpóreos, chamado aqui de Animagogia, não importando se o mesmo acontece em um centro espírita, de umbanda ou universalista.

Capítulo 2

Deus: inteligência suprema e causa primária de todas as coisas

A pergunta que abre O livro dos Espíritos é bem polêmica: o que é Deus?

A resposta transmitida pelos Espíritos parece simples, mas dá margem para muitas interpretações. Será que inteligência suprema significa o mesmo que onisciência? E causa primária de todas as coisas? Será que tal expressão é sinônima de onipotência? Possivelmente sim, se estudarmos atentamente as respostas posteriores fornecidas pelos Espíritos para Kardec.

Apesar dos Espíritos afirmarem na questão 10 que os encarnados não possuem o sentido necessário para compreender Deus, deixam transparecer que, ao afirmarem que Deus é a causa primária de todas as coisas, estão se referindo tanto às coisas que nos agradam como também àquelas que nos desagradam. E as coisas que nos desagradam são permitidas por Deus não para nos punir ou como castigo, mas apenas para que aprendamos a purificar o coração, amando incondicionalmente. Ou seja, compreendendo que Deus é a causa primária de todas as coisas, os Espíritos nos ensinam a não julgar ou culpar um outro Espírito humanizado (encarnado) pelo que nos acontece. Da mesma forma, nosso orgulho e vaidade também diminuem quando sabemos que aquilo que conquistamos na vida (casa, emprego etc.) também foi fruto da permissão divina.

Da mesma forma, também deixamos de lamentar ou de nos fazer de vítimas quando algo que não está de acordo com a nossa vontade acontece. Ao invés de acusar o governo, a religião rival, os pais, o bandido etc. de não terem feito a coisa “certa”, já que Deus é a causa primária de todas as coisas, buscamos perdoar, não se ofender e compreender aquele que nos fez algum “mal”, pois, mesmo inconscientemente, o nosso “algoz” não deixa de ser um instrumento nas mãos de Deus.

Mahatma Gandhi, por exemplo, costumava dizer que Deus estava em todas as coisas, tanto na arma de um bandido, como no bisturi de um médico, mas quem mataria ou salvaria uma vida seria Deus e não o bandido ou o médico. E como ninguém morre antes da hora, segundo a Doutrina Espírita, ensinamento presente na questão 853 de O livro dos Espíritos, podemos compreender que somente Deus tem permissão para tirar a vida de alguém. Assim, a arma do bandido vai “matar” se estiver na hora daquela pessoa morrer e o médico vai “salvar” aquele paciente que ainda precisa permanecer encarnado, pois sua hora de partir da Terra ainda não chegou.

Em outras palavras, com bases na Psicossófia (sabedoria espiritual) do Espírito Verdade, se não merecermos sofrer uma determinada ação, ela não acontecerá conosco. E não importa se é um ato “positivo” ou “negativo”. Para que ele aconteça, um instrumento se faz necessário. Em suma, a justiça divina acontece a cada segundo, onde cada um recebe o que necessita e merece de acordo com o gênero de provas que escolheu antes de encarnar, como veremos com mais detalhes no capítulo 4 deste livro.

Segundo a Doutrina Espírita, todos nós, antes de encarnarmos, escolhemos um gênero de provas para vivenciarmos na Terra. E, com base em outras respostas fornecidas pelos Espíritos, vamos compreender que o mundo material, segundo a Doutrina Espírita, é um mundo de intencionalidade e não de ação. Frequentemente, o Espírito Verdade responde para Kardec que Deus julga a intenção e não os fatos (questão 747).

Curiosamente, hoje em dia, com o esfacelamento da crença positivista na materialidade do mundo, e com a ciência holonômica aceitando que a realidade material é ilusória, só existindo em nossas mentes, podemos aceitar que sobra como Real apenas a intenção, ou seja, os sentimentos com os quais esse mundo ilusório é vivenciado por nós. Nesse sentido, o “Bem” passa a significar a vivência do amor universal, enquanto o “mal” é o agir motivado pelo egoísmo. Aliás, o Espírito Verdade diz que o maior dos males da humanidade é o egoísmo, na questão número 913 de O livro dos Espíritos.

Assim, a Doutrina Espírita, por enfatizar a intenção e não os fatos, centraliza suas forças contra o egoísmo, pois não adianta atacar o efeito (aborto, assassinato, vícios etc.) deixando a causa livre para se manifestar por outros caminhos. Uma lei humana pode até proibir o aborto, o uso de armas etc., mas o egoísmo continuará a se manifestar enquanto ele for o sentimento predominante na alma humana.

Em outras palavras, os atos exteriores não são “bons” ou “maus”, pois tudo dependerá sempre da intenção como eles foram vividos. Por exemplo, um prato de comida pode ser dado para quem passa fome tanto com amor ou com o desejo de aparecer, de se mostrar caridoso etc. Em Tese, Deus já sabia, antecipadamente, quem daria o prato de comida e quem receberia, mas nos deixa livre para escolher a intencionalidade, o sentimento com o qual vivenciaremos esse ato: o amor ou o egoísmo. Mas essa questão será aprofundada, como já dissemos, nos próximos capítulos, quando falarmos do Livre Arbítrio, segundo a Doutrina Espírita.

O importante, nesse momento, é compreender que o “Bem” e o “mal” não se encontram no mundo exterior, pois este é criado por Deus, a causa primária de todas as coisas, mas se encontra dentro de cada um de nós. Na questão número 04, por exemplo, o Espírito Verdade diz para Kardec que se procurarmos a causa de tudo o que não seja obra do homem encontraremos Deus. E o que o homem pode fazer como co-criador do Universo?

Se Deus é a causa primária de todas as coisas, justamente para não acontecer injustiças, não cabe aos homens criar os atos materiais, mas emanar a essência energética de toda criação. Em suma, cabe ao homem, ao Espírito humanizado, emanar sentimentalmente amor ou não-amor em seus atos. Por isso, segundo a Doutrina Espírita, como já salientamos, é a intenção que Deus julgará e não os fatos. E para aqueles que afirmam que os ensinamentos dos Espíritos não se coadunam com a Bíblia, comparemos o que dissemos acima com o ensinamento presente em Provérbios 16.9: “o coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos”. Ou seja, em função do sentimento emanado pelo coração (espírito), Deus criará os atos materiais necessários. Se eu emano amor, Deus vai canalizar esse amor para quem merece recebê-lo; e se emano ódio, Deus também vai direcioná-lo para quem o merecer. E Deus está castigando? Em hipótese alguma, pois tudo o que emanamos para o Universo, volta necessariamente para nós. Como diz Paulo, a “plantação é livre, mas a colheita obrigatória”. Assim, cada um só recebe aquilo que necessita e merece, a partir da energia (sentimento) que emanou de seu coração.

Isso explicaria os famosos “resgates cármicos”, uma vez que só vivemos uma única vez, pois só existe uma única Vida, a do Espírito, mas esta, segundo os reencarnacionistas, se processa ao longo de várias existências. O ser humano existe, mas o Espírito É. Assim, uma energia não amorosa emitida em outra existência pode voltar para o mesmo Espírito na atual. A colheita é sempre obrigatória, não importa o momento que ela ocorra, acreditam os que não aceitam a idéia de acaso.

Assim, colocar amor ou não em seus atos é o papel que cabe ao homem na co-criação do mundo ilusório, pois todo o resto é fruto do trabalho de Deus, que não pára um só segundo de criar e não assina nenhuma de suas obras, afirmam vários Universalistas. Em suma, se os nossos atos sempre serão guiados por Deus para que cada um possa receber, a cada segundo, o que necessita e merece, positiva ou negativamente, seremos sempre um dos instrumentos necessários para que Deus possa criar a prova de uma outra pessoa. Mas teríamos sempre a opção de escolher ser um instrumento amoroso ou não, de acordo com a intenção que manifestarmos em nosso coração.

E como encontramos na questão número 9 de O Livro dos Espíritos: “quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, essa inteligência tem, ela mesma, uma causa, e quanto mais o que ela realiza é grande, mas a causa primeira deve ser grande. Esta inteligência é a causa primeira de todas as coisas, qualquer que seja o nome sob o qual o homem a designe”.

Em suma, não importa se o que o homem realiza é uma casa, um computador, um foguete ou até mesmo uma guerra; a inteligência, causa primeira desse prodígio, será Deus. Em outras palavras,

Deus utiliza cada um de seus filhos para criar a ilusão da vida material, não existindo o “certo” ou o “errado”, mas apenas o fluxo da justiça e da sabedoria providencial se manifestando tanto nas menores como nas maiores coisas, numa ação contínua, mesmo quando não conseguimos perceber ou conceber tal Realidade⁸, pois nos falta, como afirma o Espírito Verdade, na questão 10, um sentido para que possamos compreender a natureza íntima de Deus.

Esse ensinamento espiritualista (Psicosofia) aproxima a Doutrina Espírita dos ensinamentos de Buda, que também afirmava que não tínhamos como racionalmente compreender qualquer coisa sobre Deus. Essa fala de Buda levou muitos interpretes a dizer que o budismo seria ateu, uma grande inverdade. Buda apenas se limitou a dizer que tudo aquilo que falarmos sobre Deus é criação humana, ilusória, pois não temos como compreender todos os seus atributos.

Capítulo 3

Os dois elementos gerais do Universo

A confiança nos desígnios de Deus aumenta quando entendemos que, segundo a Doutrina Espírita, só há dois elementos gerais no Universo, o assunto do capítulo II de O Livro dos Espíritos, principalmente, a partir da questão 27. Um deles é o princípio material, o chamado “fluido cósmico universal”, hoje em dia chamado de “energia cósmica universal”. O outro elemento é formado pelo princípio inteligente do universo, de onde se originam os Espíritos. E, acima de tudo, Deus, o criador de todas as coisas.

Em outras palavras, se pudéssemos nos desligar momentaneamente dos órgãos de percepção que criam as formas materiais e as sensações, deixaríamos de enxergar todos os objetos que nos rodeiam e os ditos espaços vazios, para “enxergarmos” apenas energia. Essa já é uma hipótese aceita pela ciência materialista, após a famosa descoberta de Albert Einstein: $E=MC^2$ (energia é igual a massa vezes a velocidade da Luz ao quadrado).

Como salientamos, hoje em dia, a ciência já aceita que a energia é a base de toda matéria que existe, não importando a forma como ela se manifesta. O Espiritismo, porém, vai além dessa hipótese e afirma que imersos nesse campo energético se encontram os Espíritos, tanto os encarnados como os desencarnados. Eles formariam o princípio inteligente do Universo e manipulariam esta energia através do pensamento e do sentimento.

Porém, o que os diferencia cada Espírito é que, enquanto alguns se encontram nesse campo de energia pulsando amor, outros se encontram no mesmo “lugar” pulsando outros sentimentos. Em função dessa emanção de sentimentos, podemos encontrar um desencarnado acreditando que está dentro de uma linda colônia espiritual (Céu), o outro se vendo no mais fétido umbral (inferno). Em suma, ambos estariam “lado a lado” vivenciando as formas materiais que só existem dentro de suas próprias mentes. O Céu e o inferno são criações mentais, são estados de sentir e pensar.

E o mesmo acontece com o Espírito encarnado, ou seja, conosco. Todo o mundo material que nos rodeia, incluindo as florestas, as construções etc. não passariam de miragens nesse cenário uniforme de energia cósmica. Isso se torna evidente, na questão 32, quando Kardec pergunta: “diante disso, os sabores, os odores, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos não seriam mais que as modificações de uma só e mesma substância primitiva?” E a resposta do Espírito Verdade é: “sim, sem dúvida, e que não existem senão pela disposição de órgãos destinados a percebê-los”.

Em suma, podemos compreender que os Espíritos transmitem para Kardec ensinamentos budistas, com outras palavras, obviamente. Buda, há mais de dois mil e quinhentos anos, ensinava aos seus discípulos que o Ego é composto por cinco atributos responsáveis pela criação do mundo material ilusório. O Ego seria uma espécie de consciência provisória responsável em fazer com que o Espírito encarnado tenha percepções de algo que, na essência, não existe: os sabores, os odores, as formas, as sensações, as percepções etc. O mesmo afirma hoje a ciência quântica ou holonômica.

Assim, como tudo o que existe na paisagem material não passa de uma miragem, considerar qualquer coisa como “bela” ou “feia”, “agradável” ou “desagradável” não passa também de uma ilusão criada em nossa própria mente, e o que é pior: é causa de sofrimento, pois nossa tendência é a de se apegar àquilo que consideramos agradável, querendo que tal situação permaneça eterna, e costumamos ter aversão a tudo o que acreditamos ser desagradável, esquecendo que até as vicissitudes negativas da vida não são permanentes.

Porém, como ensinam os Espíritos, “tudo está em tudo” (questão 33). Essencialmente, como já salientamos, o “Bem” e o “mal”, o “belo” e o “feio” existem dentro de nós e não fora, onde tudo não passa de ondas e vibrações energéticas.

Assim, todo o mundo exterior está em nossa mente, na forma como nosso Ego foi programado para enxergar a manifestação daquela energia cósmica universal. Existem, portanto, as decodificações coletivas (caso contrário um enxergaria mesa onde o outro enxergaria cadeira) e as decodificações individuais (fruto do gênero de provas que cada um escolheu para passar), o que vai fazer com que uns não tenham medo de sangue e outros desmaiem ao ver o menor sinal desse líquido, por exemplo.

É por isso que o Espírito Verdade diz na questão 22 que existe matéria em estados que não percebemos. Existe matéria que não produz nenhuma impressão em nossos sentidos. Não seria por essa razão que não enxergamos a vida em outros planetas do sistema solar, por exemplo, e também os Espíritos?

Na questão 55, os Espíritos afirmam que nenhum mundo está despovoado, ou seja, sem Espíritos vivendo suas experiências humanizadas. Assim, por que não enxergamos a vida que se desenrola na Lua ou em Marte? A resposta é simples: porque não temos em nosso Ego a programação necessária para enxergar o que nestes mundos, também ilusórios⁹, está acontecendo nesse exato momento. Talvez a sonda que anda no solo de Marte consiga captar informações que nosso cérebro não se encontra apto para processar na forma de imagem e acreditamos piamente que lá só há “terra seca”. Possivelmente, enquanto o astronauta da Terra andava sobre a Lua, maravilhado com aquela façanha, ele estava, sem perceber, sendo uma atração para os habitantes da Lua que assistiam às suas peripécias, caso o Ego do “lunático” tenha sido programado por Deus para ver os Espíritos que habitam a Terra.

Em suma, é ingênuo, do ponto de vista holonômico, aquele que acredita que a realidade consiste somente naquilo que o seu “olho” é capaz de enxergar. Aliás, o olho apenas recebe luz, pois quem cria as imagens que vemos é o cérebro. E por mais maravilhoso que seja o cérebro humano, esse pedaço de carne, que não passa também de energia cósmica, foi programado por Deus para decodificar algumas ondas visuais, olfativas e sonoras que criam aspectos da realidade e não a Realidade. Assim, segundo os Universalistas, presos ao Ego, nós acreditamos que a forma como a vida é vivenciada na Terra é a única realidade possível no sistema Solar, esquecendo que essa “realidade” só existe dentro de nossa mente, em função do que o nosso cérebro consegue processar. Em outras palavras, se nada enxergamos em outros planetas e nem os Espíritos que nos rodeiam é porque nosso Ego não foi programado para criar tais percepções. Em relação aos Espíritos, na questão 23 de O livro dos Espíritos eles dizem que para nós, os encarnados, eles não são nada, pois são impalpáveis. E na 88, afirmam que eles variam de cor, do escuro ao brilho do rubi.

Essencialmente, a Doutrina Espírita admite que existe um único mundo, o espiritual, e este é dividido em dimensões energéticas. Ou seja, nesse exato momento várias realidades diferentes podem estar se processando no espaço ilusório ocupado por uma cidade. A quadra esportiva de uma casa, por exemplo, pode, em outra dimensão, ser uma zona umbralina, cheia de Espíritos dementados, presos ainda às ilusões do Ego. Os moradores daquela casa podem até passar mal quando usam a quadra, sem imaginar que tal situação é uma influência extrafísica. Como encontramos na questão 87, os Espíritos estão por toda a parte e há aqueles que estão ao nosso lado nos observando e atuando sobre nós.

Além disso, como encontramos na questão 91, a matéria não constitui obstáculo aos Espíritos. Estes penetram em tudo: o ar, as águas e mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis. Ou seja, para a Doutrina Espírita, aquilo que chamamos de mundo material é uma ilusão ou uma miragem criada por Deus para nossas provas e expiações enquanto permanecermos encarnados, pois, como afirma a questão 85, o mundo espírita, ou seja, o mundo dos espíritos, preexiste e sobrevive ao mundo material. E, o que é mais importante, mesmo em uma encarnação não aproveitável, o Espírito jamais degenera. Ele pode estacionar, mas nunca retrogradar (questão 118). E Deus, a causa primária de todas as coisas, ama a todos do mesmo modo, inclusive os extraviados (questão 126). Esse também é a Psicologia de Krishna, presente no clássico Baghavad Gita.

Capítulo 4

O objetivo das encarnações

Compreendendo que não somos seres humanos tendo experiências espirituais esporádicas, mas que somos espíritos vivenciando uma experiência humana ou uma encarnação, a questão que nos vêm à mente costuma ser a seguinte: por que necessitamos encarnar? Por que não ficamos no mundo dos Espíritos eternamente?

A resposta, segundo a Doutrina Espírita, está na questão 115 de O Livro dos Espíritos: “para o nosso aperfeiçoamento espiritual”.

E se o objetivo é o aperfeiçoamento espiritual, o mundo fenomênico passa a ser o palco desse aperfeiçoamento. Ou seja, antes de encarnar estudaríamos o que precisaríamos aprender. No plano espiritual se encontrariam as escolas. E a encarnação serviria para colocar em prática o que foi estudado. A encarnação seria, portanto, o momento das provas.

Vamos exemplificar! O Espírito não vai se aperfeiçoar se ele encarnar para estudar medicina, aprender uma língua estrangeira ou passar a vida pintando quadros ou escrevendo livros. Tudo isso não passaria de coisas materiais. Porém, se tudo isso for feito com amor e não por vaidade, por exemplo, aí sim o Espírito se aperfeiçoaria. Esse aperfeiçoamento, que nas tradições orientais é chamado de “iluminação” acontece quando colocamos amor em nossos atos e não outros sentimentos considerados negativos (ciúme, inveja, ódio etc.).

Enfim, vai se dedicar à medicina quem se preparou antes de encarnar para essa atividade. Assim como vai se interessar por arte quem se preparou para ter uma personalidade ou um Ego artístico. Porém, o Espírito que encarna para viver o papel de médico ou de artista vai se aprimorar espiritualmente de acordo com o grau de amor que colocar em suas atividades. O amor é o termômetro que mede o aprimoramento do Espírito. Como já salientamos, o médico vai salvar quem merece ser salvo e não vai conseguir salvar aquele que está na hora de desencarnar, pois Deus é a causa primária de todas as coisas. Porém, o Espírito que vivencia o papel de médico tem o livre arbítrio para exercer sua profissão com amor (servindo a Deus) ou visando apenas dinheiro (servindo a *Mammon*, ao *Ego*).

Nessa mesma questão, o Espírito Verdade diz que passamos por provas que Deus nos impõe. E, enquanto alguns Espíritos aceitam essas provas com equanimidade e amor, outros as suportam murmurando, permanecendo distanciados da perfeição, segundo a Doutrina Espírita. É também nesse sentido que, na questão 117, o Espírito Verdade comenta como o Espírito apressa o seu progresso: sendo submisso à vontade de Deus. Se amarmos a situação vivida, não importando se a mesma é prazerosa ou não, agradável ou desagradável, alegre ou triste, estaremos nos aprimorando espiritualmente. Porém, é importante sempre salientar que Deus não cria situações desagradáveis por sadismo, mas por respeitar o gênero de provas que nós mesmos escolhemos antes de encarnar. Ou seja, o Espírito escolhe um gênero de provas e Deus cria as provas, usando sempre o sentimento emanado por outros Espíritos humanizados para que todos sempre recebam o que necessitam e merecem, a cada momento de sua existência.

Por isso, lamentar, culpar o outro, blasfemar etc. são atitudes¹⁰ que não purificam o coração e não promovem a “reforma íntima”. Enfim, se Deus programou um encontro amoroso que satisfaz o nosso Ego, não devemos ficar eufóricos; da mesma forma, se Deus programou uma traição amorosa, não devemos entrar em desespero. E se Ele programou o recebimento de uma herança, de nada ainda para o nosso aperfeiçoamento espiritual agir com atitudes egoísticas, mas se Ele programou um assalto a nossa casa, lamentar ou culpar o outro apenas nos distancia da perfeição e da felicidade prometida, que não é para uma vida futura, mas para ser vivida desde já, no momento presente.

Em nenhum momento os ensinamentos dos Espíritos fazem apologia do sofrimento. Em nenhum momento afirmam ser necessário sofrer hoje para ser feliz amanhã. Porém, também não dizem que nascer em uma favela, ser pobre ou ganhar na loteria é uma contingência, ou seja, fruto do acaso. Todas

essas vicissitudes, positivas ou negativas, são criadas por Deus a partir do gênero de provas escolhido pelo próprio Espírito antes de encarnar. Mesmo assim, podemos ser felizes, não importando o que aconteça em nossa vida humanizada, desde que aprendamos a ser “submissos” às vontades de Deus¹¹.

Alguns anos atrás, uma propaganda de TV feita para uma escola de inglês mostrava um rapaz internado em um hospital e seu irmão entrando no quarto com uma camiseta que trazia os seguintes dizeres: “não importa o que acontecer, a culpa não é minha”. Em suma, é isso mesmo. Não devemos nos culpar por nada que acontecer, desde que não tenhamos agido com a intenção de prejudicar o outro, segundo a Doutrina dos Espíritos.

Como já salientamos, o mundo de “provas e expiações”, como é ainda o caso da Terra, segundo a Doutrina Espírita, é um mundo de intencionalidade. Ou seja, somos julgados por nossas intenções ou atitudes (ações interiores) e não pelos atos exteriores praticados, pois os fatos que são criados por Deus. Por isso, aquele que praticar o “mal”, ou seja, agir motivado por egoísmo, colherá, mais cedo ou tarde, nesta ou em outra encarnação, o fruto dessa intencionalidade e terá que aprender também a ser benevolente ou a não culpar o outro, aquele que será o instrumento da ação que ele merecerá viver ainda nesta existência ou em outra.

Por isso, como diz o Espírito Verdade, o Espírito encarna para se aprimorar. E não faz o menor sentido acreditar que vamos nos aprimorar adquirindo conhecimentos do mundo material, que é subordinado ao espiritual. Assim, fazer uma faculdade, tornar-se médico, engenheiro etc. pode até servir para o nosso aprimoramento espiritual, se nossa intenção é servir ao próximo. Se a intenção for egoística, tanto esforço não terá valor ao Espírito. Aliás, costuma se aprimorar espiritualmente quem doa a verdade aos outros, inclusive àqueles que acreditam que vão evoluir intelectualmente absorvendo os conhecimentos da Terra (que para Deus é loucura, como afirmou o apóstolo Paulo).

Em suma, para se aprimorar espiritualmente devemos praticar a vivência do *não-saber*, uma das virtudes ensinadas por Lao-Tsé, discutida com mais profundidade em nosso livreto *A animagogia do Tao Te Ching*. Mas podemos aqui salientar que o *objetivo do não-saber* é trazer simplicidade ao coração, abandonando as dicotomias “certo” e “errado”, “bem” e “mal” e todo desejo de lutar por verdades ilusórias.

Assim, nos aprimoramos espiritualmente quando deixamos de saber (de acreditar) que somos homens ou mulheres, negros ou brancos, ricos ou pobres, brasileiros ou alemães, espíritas ou católicos, que estamos “certos” e os outros “errados” etc. para vivermos toda e qualquer vicissitude com o mais nobre dos sentimentos: o amor.

É por isso que, no mito de Adão, quando o ser humano come a fruta do conhecimento, ou seja, adquire a capacidade de julgar o “certo” e o “errado”, ele passa a viver sob o domínio da Lei de ação e reação, Lei cósmica que só existe nos chamados “mundos de provas e expiações”. Assim, quando age com amor, purifica o coração; quando age com egoísmo, permanece estacionado. A energia emanada na intenção com que um determinado ato foi vivido definirá o retorno energético que o Espírito merecerá receber, mais cedo ou mais tarde. É o famoso “é dando que se recebe” da Oração de São Francisco. Porém, enquanto acreditar nas verdades criadas em seu Ego, mas difícil a prática do amor incondicional e mais tempo o Espírito perde nos mundos de “provas e expiações”, deixando de se aprimorar, afirmam os Universalistas.

E toda essa reflexão nos leva a pensar também na caridade que, para muitos consiste em dar comida ou roupa para pobres, acreditando que o Espírito humanizado que possui casa, comida e trabalho não precisa também de caridade. Porém, a Doutrina Espírita, na questão 886 de O livro dos Espíritos afirma que caridoso é ser benevolente para com todos, indulgentes para com as imperfeições alheias e perdoar as ofensas.

Em suma, a Doutrina Espírita não afirma que devemos dar um prato de comida para um mendigo (que na verdade foi Deus, a causa primária de todas as coisas, que deu, apesar de nos escolher como

instrumento para aquela ação) e criticar o governo, as “classes dominantes” ou quem quer que seja pela fome daquele Espírito humanizado.

Se não formos indulgentes, não amamos incondicionalmente. Dar comida para o mendigo e criticar o que não ajuda satisfaz apenas o nosso Ego e não serve para nos aprimorar espiritualmente, pois continuamos vendo erro na ação do outro. Ou seja, toda nossa atitude permanece sendo baseada no egoísmo e não no amor.

É por isso que todos os verdadeiros mestres espirituais de todos os tempos afirmaram que devemos sempre fazer o “Bem” pelo “Bem”, ou seja, desinteressadamente. Porém, como ainda somos imperfeitos, costumamos fazer o “Bem” pelo “mal”, ou seja, motivados pelo orgulho, pela vaidade etc. Em suma, até acreditar que “fora da caridade não há salvação”, nos leva a ajudar os outros por interesse: o de ser salvo!

Sobre essa questão, encontramos na Psicossófia de Krishna, presente no clássico Baghavad Gita, que aquele que desconhece o ensinamento que cada um só recebe o que necessita e merece, acredita que ele é quem faz os atos materiais e, por isso, sente prazer por algo que não foi ele o real artífice. Em suma, quando aquele ato que já estava escrito para acontecer se realiza, e o vivenciamos interiormente com vaidade, com o desejo de receber uma recompensa, seja na Terra ou no Céu etc., não o aproveitamos para o nosso aprimoramento espiritual, segundo quase todas as escolas espiritualistas.

Enfim, sendo Deus a causa primária de todas as coisas, só vamos nos aprimorar quando amamos o papel que Deus escolheu para representarmos naquele momento. Enquanto estivermos iludidos pelo Ego, ao invés de amar a situação, ou seja, emanarmos amor incondicionalmente, nós sentiremos prazer ou vamos nos lamentar, culpando alguém ou nos fazendo de vítimas.

É por isso que Krishna ensina que o “senhor da mente” é aquele que pelo poder do Espírito alcança perfeito domínio sobre seus atos externos, ficando internamente desapegado deles. Este sabe que a fonte dos atos é Deus e realiza os atos que precisa realizar sem apego ou interesse. Porém, aqueles que trabalham por lucro pessoal (motivados pelo Ego) procedem “mal” e colherão o fruto dos seus “maus” atos. Ou seja, serão instrumentos inconscientes de Deus para que ação carmática que o outro precisa vivenciar aconteça.

Esta questão é aprofundada no livreto A animagogia do Baghavad Gita, no qual assinalamos que todo aquele que não tem essa consciência, não purifica seu coração. Assim, iludido por Maya, deixa de amar a Deus, a causa primária de todas as coisas, para sentir prazer ou regozijo quando acontece algo que lhe agrada, ou sente desprazer quando algo que lhe desagrade acontece.

E podemos compreender que tudo, no mundo exterior, já está pré-programado, ao analisarmos a questão 243 de O livro dos Espíritos, quando Kardec questiona se os Espíritos conhecem o futuro e o Espírito Verdade afirma que Deus já sabe o que vai acontecer no futuro e os Espíritos mais próximos a Ele o entrevêm. Assim, se Deus já sabe tudo o que vai acontecer, é porque já está pré-programado. Ou seja, eu não tenho como saber se amanhã eu terei o que comer, mas Deus já sabe. Enfim, por sermos ainda imperfeitos, só saberemos o que estava escrito para acontecer depois que o fato realmente acontece. Por isso, depois que algo aconteceu, de nada adianta querer encontrar culpados, lamentar, acusar, se fazer de vítima etc., ensina a Doutrina Espírita.

Assim, mesmo que todos os fatos não tenham sido programados antes da encarnação, nada acontece por acaso ou por “imprudência”, pois até o Espírito imprudente não deixa de ser um instrumento nas mãos de Deus. Se algo acontece por acaso, então podemos afirmar que Deus não é Onisciente, pois Ele não sabia que aquele fato aconteceria. Pode parecer imprudência ou acaso do nosso ponto de vista, mas obviamente que temos o livre-arbítrio no âmbito das atitudes, ou seja, da intenção. Esse ensinamento está presente, por exemplo, no livro Ação e Reação, de André Luis, psicografado por Chico Xavier. Em um determinado momento, um desencarnado comenta que foi assassinado por seu irmão porque merecia passar por aquela expiação, mas que o seu irmão era o responsável pelo ato. Ou seja, apesar de ter sido

escolhido por Deus para ser o instrumento daquela ação carmática, como teve a vontade de assassinar o irmão, contraiu um débito espiritual. Assim, podemos compreender que há alguns fatos pré-programados antes da encarnação do Espírito e que são de seu conhecimento e outros programados durante a encarnação, mas que contemplam o gênero de provas que o mesmo escolheu e que Deus, antecipadamente, já sabia que aconteceriam.

Em suma, se Deus conhece o futuro e alguns Espíritos também, apesar de não terem sempre autorização para o revelar, como afirma o Espírito Verdade, é porque nosso “destino” no mundo material é inexorável, apesar de sermos os responsáveis por ele no plano das intencões, pois a energia que emitirmos para o Universo, voltará para nós com a mesma intensidade. Existiria, assim, uma relação oximorônica entre a liberdade e a necessidade, ou seja, entre o livre-arbítrio e a fatalidade. Assim, o melhor caminho seria o de se entregar e confiar em Deus, com pureza de intenção, não se importando o que acontece no mundo fenomênico¹².

Até agora apresentamos e falamos que a encarnação serve para nosso aperfeiçoamento. Mas como isso é feito? Segundo a Doutrina Espírita, é através da expiação. E o que o Espírito Verdade entende por expiação? Na questão 132, ele diz: “passar pelas vicissitudes da existência corporal”.

Muitos espiritualistas interpretam a palavra vicissitude como sinônima de fatos ou situações desagradáveis da vida humanizada. Assim, costumam interpretar que a expressão “passar por vicissitudes” é sinônima de sofrer. Porém, se atentarmos à definição que os dicionários trazem para a palavra vicissitude, vamos compreender que ela significa apenas alternância. Ou seja, vicissitude seria a alternância entre os “altos” e “baixos” da vida, entre os momentos “alegres” e “tristes”, entre os momentos de “prazer” e de “desprazer”.

Diante dessa definição, expiar não é sofrimento, mas o ato de passar pelos “altos” e “baixos” da vida humanizada. Nesse sentido, qual seria a melhor maneira de passar pelas vicissitudes?

A resposta está em praticamente todos os mestres do oriente: com equanimidade, ou seja, com igualdade de ânimos. É assim que tanto Lao-Tsé, como Krishna e Buda ensinaram seus discípulos. Aquele que consegue vivenciar com equanimidade as vicissitudes da vida está muito mais preparado para ser feliz, uma vez que a felicidade é um estado de espírito que não precisa ser condicionado a nada exterior. Não precisamos de nada, absolutamente nada, para sermos felizes. Para ser feliz, basta ser.

E como já ensinava Buda, a felicidade não se confunde com a alegria ou com a euforia. Felicidade é o estado de paz interior, uma sensação de plenitude ou de graça vivido interiormente. É justamente o que Buda chamou também de *Nirvana*.

Nesse sentido, quando conseguimos passar pelas vicissitudes com equanimidade, não há motivos para sofrimento quando uma situação for desagradável ou dolorosa, e nem motivos para ficarmos eufóricos quando o fato for agradável e alegre. Em suma, como afirma o Espírito Verdade, vamos nos aprimorar passando pelas vicissitudes da vida. Porém, não basta apenas passar, é preciso saber como passar: amando cada situação e sendo feliz, não importando se estamos diante de vicissitudes positivas ou negativas.

Em outras palavras, não encarnamos para transformar a Terra em um lugar “melhor” para se viver, uma vez que ela já é perfeita para o objetivo para o qual foi criada: ser o palco de “provas e expiações”, pelo menos por enquanto, até que se transforme em “mundo de regeneração”, segundo a Doutrina Espírita.

Nossa encarnação na Terra acontece para que possamos vencer nossas imperfeições, que nascem todas do egoísmo: a inveja, o ciúme, a avareza, a vitimização etc., ou seja, os “tormentos” que nos fazem sofrer quando passamos por vicissitudes negativas e podemos dizer também que o orgulho, a vaidade, a ambição etc. também são “tormentos” egocêntricos que nos fazem esquecer que foi graças a Deus, a causa primária de todas as coisas, que passamos por vicissitudes positivas em nossa existência.

Enfim, se encarno para vencer a inveja, eu preciso passar por experiências que estimulem em

mim a inveja; se eu encarno para vencer o ciúme ou o orgulho, idem. E assim com todas as demais “imperfeições”. Por isso, eu não terei condições de vencer a inveja, ou o desejo de possuir o que o outro possui, se eu tenho condições de comprar tudo, se tenho os dotes físicos para ficar com o galã da escola etc. Nesse sentido, podemos compreender que o Espírito escolhe um gênero de provas, mas o criador das provas é Deus, a causa primária de todas as coisas, e para tanto, necessita usar os sentimentos positivos ou negativos dos demais Espíritos encarnados e desencarnados para gerar as provas de cada um. Na questão 87, o Espírito Verdade diz que Deus, para o cumprimento de seus desígnios, utiliza os Espíritos como instrumentos.

Se não existir uma situação que me leve a sentir inveja do outro, não tenho como vencer essa “tentação” e ser feliz incondicionalmente, mesmo não tendo aquilo que meu Ego deseja e acredita que é importante também ter.

É por isso que não significa que aquele que nasceu branco, rico ou em um país do primeiro mundo seja, necessariamente, um Espírito “superior”; e não quer dizer que estamos diante de um Espírito “inferior” só porque ele encarnou negro, pobre e nasceu em um país que vive em conflito. Segundo a Doutrina Espírita, tudo dependerá do gênero de provas que cada um escolheu. Assim, cada situação sócio-econômica e cultural fornece aquilo que o Espírito precisa para vivenciar sua expiação, prova ou missão. O importante sempre é o Espírito e não o palco criado para sua encarnação.

E além de passar por vicissitudes, outro objetivo da encarnação também é discutido na questão 132: “colocar o espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação”. E como isso acontece? O Espírito Verdade responde: “Tomando um aparelho em harmonia com a matéria essencial desse mundo, cumprindo aí, daquele ponto de vista, as ordens de Deus, de tal sorte que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta”.

Nós já salientamos como isso se processa. Todos nós somos instrumentos de Deus. A partir do conjunto de verdades relativas que está gravado em nosso Ego, em nossa consciência provisória, vamos apresentar uma forma singular de perceber, sentir e pensar o mundo e, assim, estabelecer nossas relações com outros Espíritos humanizados.

Apesar de dirigidos pelos nossos sentimentos e pensamentos, nossos atos serão guiados por Deus, pois somente assim poderemos cumprir Suas ordens, fazendo aquilo que precisa ser feito, sendo um instrumento (consciente ou não) da prova que o outro precisa vivenciar. É por isso que encontramos na questão 159 que, ao desencarnar o Espírito se sente envergonhado se fez o mal com a intenção (desejo) de o cometer e, na questão 244, o Espírito Verdade deixa claro que quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra não deve ser dita, uma força superior impede tanto os Espíritos como nós, os encarnados, de fazermos ou falarmos. Em suma, só podemos fazer ou falar o que Deus permitir, em função do merecimento daqueles que sofrerão o impacto, positivo ou negativo, das nossas ações.

Vamos tomar um exemplo. Um espírito tem o Ego programado para sempre fazer o “bem” material, dando comida, roupa e banho em quem precisa. Porém, cobra dos outros que façam o mesmo, sofrendo quando alguém se nega a fazer. Assim, ele vive lamentando, e acredita que só ele faz o “Bem”, que só ele é caridoso e que só ele será “salvo”.

Esse é um exemplo hipotético de uma encarnação que corre sério risco de falhar. Ou seja, este Espírito ao desencarnar tomará consciência que não se aprimorou. E isso acontecerá não por causa dos atos exteriores praticados, uma vez que por serem criados por Deus, já estava definido quem receberia a comida ou a roupa, quem receberia o banho etc. Porém, interiormente, no plano das intenções, o Espírito permaneceu julgando, vendo erro no mundo, criticando ou condenando os outros. É por isso que o “bom samaritano”, da metáfora do Cristo, é aquele que ajuda o que foi agredido, não critica o que não ajuda e ainda estende a mão ao agressor. O bom samaritano é aquele que ama incondicionalmente, sem esperar nada dos outros, pois sabe que Deus é a causa primária de todas as coisas.

No exemplo acima, esta pessoa só “praticou” boas ações, mas não amou. Ao se ver no mundo

dos Espíritos vai sentir vergonha. O mesmo acontece com aquele que faz o “mal”, mas com intenção.

Por isso a reencarnação, como diz o Espírito Verdade, na questão 178, é somente para aqueles que falharam em suas missões ou provas. E como o Espírito pode falhar em sua missão ou em sua prova? Em função do que já apresentamos até aqui, não pode ser por este ou aquele fato, mas pela intenção com a qual vivenciou suas vicissitudes.

Assim, segundo a Doutrina Espírita, falha o Espírito quando deixa de amar o que lhe aconteceu ou quando tirou vantagens (egoísmo) de um ato em que foi um mero instrumento de Deus para a prova de um outro Espírito encarnado. Ou seja, falha no sentimento, no mundo interior, na atitude e não nos atos exteriores. Falha-se quando não se sabe vivenciar com equanimidade aquilo que Deus criou em sua vida humanizada. Por isso o ser humanizado não é um autômato. Pode não haver livre arbítrio no ato, mas, no aspecto moral (mundo interior) somos livres para decidir amar ou agir com egoísmo.

Kardec, demonstrando que compreendia os ensinamentos espiritualistas que estava recebendo, pergunta ao Espírito Verdade, na questão 196, o seguinte: “os Espíritos não podendo melhorar-se, senão **suportando** as tribulações da vida corporal, seguir-se-ia que a vida material seria uma espécie de cadinho ou depurador, pelo qual devem passar os seres do mundo espírita para atingirem a perfeição?” E a resposta, obviamente, é a seguinte: “sim, é bem isso. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem”.

Fica evidente na pergunta de Kardec que as tribulações da vida corporal, outro nome para as vicissitudes, acontecem independentemente da nossa vontade. E o nosso papel é o de suportá-las, ou melhor, passar por elas evitando o “mal” e praticando o “Bem”. Ou seja, evitando o egoísmo (não criticar, não julgar, não condenar o outro, não ver erro na ação do outro) e exercendo plenamente o amor incondicional (amar tudo que lhe acontece e todos que aparecem em seu caminho, não importando o que este faça ou deixe de fazer).

Este ensinamento do Espírito Verdade é semelhante ao que Lao-Tsé chamou de *não-lutar*, uma das virtudes ensinadas por ele. Ou seja, *não-lutar* é reagir a todas as ações do mundo exterior sempre com atitude amorosa, com benevolência, sendo indulgente e perdoando. Em suma, nunca criticando ou vendo erro na ação alheia. E o *não-lutar* deve ser colocado em prática não apenas nos momentos positivos, mas, sobretudo, naqueles em que nossa tendência é a de se passar por vítima ou como alguém injustiçado.

E como salientamos anteriormente, ninguém encarna para aprender o que quer que seja, já que os estudos são realizados no mundo espiritual. Na questão 224, encontramos a informação de que os Espíritos podem prolongar o período entre as encarnações para continuarem seus estudos, pois isso só pode ser feito com proveito no estado de Espírito, afirmou o Espírito Verdade.

Em outras palavras, somente quando nos encontramos com o domínio pleno de nossa consciência espiritual é que podemos escolher o que estudar e podemos planejar nossas encarnações futuras. Por isso, como vamos aprofundar no capítulo seguinte, o nosso livre arbítrio já foi exercido na espiritualidade, ao escolhermos o gênero de nossas provas. Aqui na Terra, nesse mundo de “provas e expiações”, vamos provar se aprendemos ou não as lições anteriormente estudadas, o que está evidente na questão 230, quando o Espírito Verdade diz: “é na existência corporal que colocaremos em prática as novas idéias adquiridas na espiritualidade”. Em suma, ninguém vem para a Terra para passear ou para estudar. O estudo já foi feito, e aqui estamos para provar, não para Deus ou para Jesus, mas para nós mesmos se conseguimos amar ou não dentro de determinadas situações impostas pela vida humanizada.

Em suma, se aprendi no mundo espiritual que o ciúme é um sentimento negativo que nos distancia do amor universal, posso pedir uma encarnação para colocar em prática se consigo me libertar desse sentimento. Dessa forma, terei um Ego ciumento e vou conviver com pessoas que serão instrumentos dessa provação, “criando” os atos que eu preciso vivenciar para me libertar do ciúme. Em outras palavras, o ciúme não está nos atos do outro, mas em minha mente. Eu não preciso mudar o

outro, mas vencer a tendência em sentir ciúme, fato que me leva a sofrer.

Da mesma forma, se eu quero vencer a vaidade, Deus pode criar para mim um Ego de artista. Assim, a minha prova não é vir à Terra para aprender a cantar afinado ou interpretar bem, mas vencer a vaidade que a minha profissão estimula em meu ser.

Capítulo 5

A escolha do gênero de provas e o livre arbítrio

Como já salientamos, segundo a Doutrina Espírita, o livre arbítrio foi exercido antes da encarnação ao escolhermos um gênero de provas. Após a encarnação, a escolha é moral e não material. Ou seja, podemos escolher entre o “Bem” (amor) e o “mal” (egoísmo). A questão que melhor traduz esse ensinamento é a de número 258, na qual o Espírito Verdade responde para Kardec que o livre arbítrio consiste em escolher um gênero de provas para ser vivenciado na Terra.

Podemos compreender que o livre arbítrio é exercido sempre pelo Espírito (a individualidade), ou seja, quando gozamos de nossa plena consciência. Dessa forma, não faz sentido acreditar que o ser humanizado, ou seja, o Espírito ligado a um Ego (a personalidade) para uma nova encarnação tenha livre arbítrio. Normalmente, o ser humano, motivado pelo egoísmo, o sentimento que nutre os planetas de “provas e expiações”, tende a escolher vivenciar uma situação diferente ou oposta àquela escolhida quando se encontrava livre, com sua consciência espiritual desperta. Na questão 266, Kardec pergunta se não é natural o Espírito escolher provas não penosas e ouve como resposta: “para vós (encarnados), sim; para o Espírito, não. Quando ele está liberto da matéria, cessa a ilusão, e a sua maneira de pensar é diferente”.

É por isso que sempre o Espírito Verdade afirma que Deus julga a intenção e não os fatos ou, então, afirma que o “mal” só é prejudicial ao Espírito quando praticado com o desejo de o cometer. Se cada um de nós deve receber somente aquilo que necessita e merece, o livre arbítrio após a encarnação não pode estar nos atos materiais, mas na forma como os mesmos serão vivenciados. Após a encarnação, o livre arbítrio está no sentimento, no mundo interior, nas atitudes morais.

È por isso que o Espírito Verdade afirma ainda na questão 258: “se um perigo vos ameaça, não fostes vós que criastes, mas Deus; contudo, pela própria vontade, a ele vos expondes porque vedes um meio de adiantar-vos e Deus o permitiu”.

No ensinamento acima, temos a informação de que o perigo é criado por Deus e que Ele permite aos Espíritos participarem dele. Porém, é através da vontade de nos aprimorar, não como seres humanos, mas como Espíritos, que vamos nos expor a esse perigo. Em suma, o mundo em que vivemos é, ao mesmo tempo, fatalista e livre. Temos a liberdade de escolher um gênero de provas, porém, para que tudo aconteça de forma sincronizada e perfeita, os atos materiais, perigosos ou não, serão criados por Deus, a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas.

Mas é importante salientar que esse perigo não é material. Os perigos são as tentações morais: a vaidade para o artista, o orgulho para o médico, o apego às verdades para o professor etc. Assim, se após a encarnação (humanização), o Espírito optar pelo “Bem” (o amor incondicional) vai se aprimorar; se optar pelo “mal” (o egoísmo), permanecerá estacionado.

Para melhor entendermos esse processo, ou seja, como os “perigos” da vida humanizada são criações de Deus, em função do gênero de provas escolhido pelo próprio Espírito, vamos tomar o seguinte exemplo. Um Espírito quer passar pela prova de vencer o vício. Assim, para que a prova dele aconteça, Deus terá que criar um Ego sedento por bebidas alcoólicas, drogas, sexo ou qualquer outra coisa que vicie. Em outras palavras, temos que compreender que o Espírito em si não é viciado, mas o seu Ego (a consciência provisória) foi programado para o Espírito vivenciar essa provação.

Ao encarnar, este Espírito terá as condições necessárias para provar a si mesmo e a mais ninguém se consegue ser mais forte que o Ego, que a matéria, resistindo à tentação por bebidas, drogas, sexo etc.

Esse processo nos ajuda a entender o porquê de muitos desencarnados permanecerem viciados, como se lê rotineiramente nos romances espíritas. Trata-se de desencarnados ainda presos ao Ego que vivenciaram na Terra. Eles ainda não recuperaram sua real consciência. É por isso que o desencarne (o libertar-se da carne) não é suficiente para libertar imediatamente o Espírito da consciência provisória

criada para ele vivenciar na Terra e passar por determinados gêneros de prova.

E a escolha do gênero de provas, como está explícito na questão 259, é sempre de ordem moral, nunca material. Por exemplo, o Espírito não escolhe como prova ser um bom cantor, mas ele pode ser um bom ou mau cantor se sua prova consiste em vencer o orgulho, a vaidade etc.

Vamos tomar mais um exemplo polêmico. O Espírito não escolhe, necessariamente, ter um Ego homossexual porque ele é um Espírito “promíscuo”, mas se ele escolhe como gênero de provas vencer o sentimento de rejeição, a probabilidade de encarnar com um Ego homossexual aumenta, ainda mais se os Espíritos que foram escolhidos para serem os seus pais escolheram como gênero de provas vencer o preconceito.

Podemos notar que o teatro está prontinho. Um Espírito escolhe vencer o sentimento de rejeição e um outro o sentimento de preconceito. Deus aproxima os dois e cria a prova: nasce naquela família um filho com Ego homossexual. Em suma, um se torna o instrumento para a provação do outro, pois Deus respeita sempre o gênero de provas escolhido por cada um antes da encarnação.

Como já salientamos anteriormente, ao mesmo tempo, passamos por nossas expiações (vicissitudes) e somos instrumentos para o carma alheio, “cumprindo aí, daquele ponto de vista, as ordens de Deus”.

E como também já salientamos, o aprimoramento espiritual acontece quando conseguimos ser felizes e amamos incondicionalmente o outro, não importa a forma que ele tenha. No exemplo acima, o Espírito que encarnou como filho vai se aprimorar se for feliz, mesmo sendo rejeitado pela família e amar incondicionalmente o pai; já o outro Espírito vai se aprimorar quando viver seu papel de pai amando incondicionalmente o filho homossexual e sendo feliz.

Após todas essas reflexões baseadas nos ensinamentos que formam a Doutrina Espírita, vou abordar um assunto que é polêmico no meio espiritista brasileiro, e que aparece na questão 259, na qual o Espírito Verdade afirma que nem tudo o que acontece na vida humanizada do Espírito estava escrito, ou seja, havia sido planejado antes da encarnação.

Para entender essa explicação do Espírito Verdade precisamos compreender que ao escolher um gênero de provas, o Espírito já prevê os grandes momentos de provação moral, porém, os pequenos atos do cotidiano serão criados em função da “natureza das coisas”, e como Deus é a causa primária de todas as coisas, só podemos concluir que Deus também é o responsável pelos pequenos atos, inclusive a telha que cai, “por acaso”, na cabeça do Espírito humanizado.

Ou seja, apesar do Espírito não ter programado ou previsto que em determinado momento de sua vida humanizada uma telha lhe cairia na cabeça, esse fato também está relacionado ao gênero de provas escolhido. Assim, uma telha pode cair na cabeça de alguém sem que aquilo tivesse sido programado por ele antes de encarnar, mas foi escrito por Deus, por alguma razão que desconhecemos, como parte da prova daquele Espírito.

Se esse ato material fosse desnecessário, ele teria “merecimento” para que um Espírito o intuísse para se desviar ou até mesmo ver a telha caindo e parar de caminhar antes que ela o atingisse na cabeça.

O problema aqui, como acontece no estudo de outros textos espiritualistas, como é o caso da Bíblia, é tomar uma passagem isolada, sem a relacionar com o conjunto dos ensinamentos. Porém, no capítulo seguinte, ao discutirmos sobre a influência dos espíritos no mundo material, dirigindo, freqüentemente, como afirma a Doutrina Espírita, nossos pensamentos e atos, vamos tomar consciência que uma telha não cai na cabeça de alguém por acaso ou por contingência, como acreditam certos espiritistas.

Segundo a Doutrina Espírita, o Espírito liberto dos liames que o prendem ao Ego da encarnação anterior planeja sua futura encarnação. Com seus mentores e instrutores planeja os grandes acontecimentos morais de sua existência humanizada. E Deus, como causa primária, criará os fatos materiais que irão gerar a prova do espírito. Porém, outros fatos materiais de menor importância também

irão acontecer, mesmo que o Espírito não tenha conhecimento deles e nem os planejado antes, tais como a telha que cai na cabeça, o dedo que se queima, o chute em uma pedra etc.

Porém, todos esses pequenos desgostos na vida humanizada não vão alterar em nada o rumo da atual encarnação. Eles podem ter sido escritos para servir de alerta, informando que algo nos pensamentos e sentimentos emanados precisa mudar. Estes pequenos desgostos podem acontecer para mostrar ao Espírito que ele deixou de emanar amor em algum momento ou mesmo para alertá-lo que não se deve sentir prazer nos atos em que somos o instrumento para a prova de um outro espírito humanizado.

Vamos exemplificar o que estamos dizendo. Imaginemos um torcedor do time que é o vencedor de um determinado torneio. O prazer que ele sente quando o seu time vence não pode ser chamado de felicidade, pois a felicidade só existe quando é um sentimento universal. O prazer que se sente quando um time é campeão só é possível em função do desprazer que passa os torcedores dos times rivais. Nesse sentido, o prazer sentido naquele momento vai gerar, necessariamente, um momento de desprazer de mesma intensidade energética, que pode ser vivenciado, se Deus permitir, ainda na atual encarnação.

Em outras palavras, para se harmonizar com o Universo, a energia de não-amor universal, emanada pelo espírito no ato de sentir prazer com o time campeão, gerou a necessidade de uma vicissitude negativa na vida dele. E tal vicissitude negativa pode ser a telha que cai na cabeça, por exemplo, mesmo que isto não tivesse sido escrito antes pelo Espírito.

Essa questão nos lembra dos ensinamentos de Lao-Tsé quando afirma que a alegria contém a semente da tristeza, assim como o prazer traz em si a semente do desprazer. É a interação e o equilíbrio entre o “yin” e o “yang”. É por isso que os ensinamentos orientais afirmam que a melhor forma de passar pelas vicissitudes, tanto as negativas como as positivas, é sempre com equanimidade, sem sentir prazer ou desprazer. Ou seja, sem se apegar aos frutos do trabalho realizado, sejam eles agradáveis ou desagradáveis, do ponto de vista do Espírito humanizado.

Capítulo 6

A influência dos espíritos no mundo material

Do ponto de vista da Doutrina Espírita, ninguém, esteja encarnado ou desencarnado, consegue interferir na encarnação de um outro Espírito, sem que este mereça. Em outras palavras, somos sempre instrumentos, conscientes ou não, para a provação dos demais Espíritos humanizados, mas não podemos interferir na prova do outro. Ao dizer que não podemos, estamos compreendendo que, mesmo querendo, não iremos conseguir fazer isso.

Por exemplo, se um Espírito foi escolhido para uma determinada missão que acontecerá quando ele completar sessenta anos de idade, ele não terá seu corpo físico gerado por uma mãe que fará um aborto. Deus é onisciente e sabe com antecedência o que vai ou não ocorrer. Caso contrário, Ele deixaria de ser Deus e não seria justo, ou seja, não respeitaria o livre arbítrio dos Espíritos. Na questão 336, por exemplo, o Espírito Verdade afirma que “uma criança, quando deve nascer para viver, tem sempre uma alma predestinada.” Ou seja, só será abortado quem precisar passar por essa experiência. Mas, se os pais tiverem a intenção de interromper uma gravidez, eles serão “culpados” devido à atitude (ação sentimental interior), mas não pelo fato, pois se era para a criança viver, Deus utilizaria como instrumentos para gerar o corpo físico daquele Espírito pais que não fariam um aborto voluntário.

Nesse sentido, até mesmo aqueles Espíritos que chamamos rotineiramente de “obsessores” são instrumentos (na maior parte das vezes inconscientes) para a provação daquele que está sendo a “vítima”, ou seja, o obsediado. Em outras palavras, a obsessão, a magia negra ou qualquer outra coisa que possa “prejudicar” alguém só acontece se Deus o permitir, caso esse fato contemple o gênero de provas escolhido e o merecimento daquele Espírito que será a “vítima”.

Isso está evidente na questão 274 de O livro dos Espíritos quando o Espírito Verdade afirma que é irresistível a autoridade dos Espíritos superiores sobre os inferiores. Ou seja, se a Doutrina Espírita afirma que tal autoridade é irresistível, só podemos concluir que qualquer ato dos Espíritos ditos inferiores só acontece com a permissão daqueles que se dizem superiores. Assim, se um Espírito obsessor faz “mal” a alguém é porque os Espíritos superiores a ele estão permitindo que isso aconteça. Por alguma razão, naquele momento, eles não vão interferir no processo enquanto o Espírito humanizado que estiver sendo a “vítima” precisar dessa provação, dessa expiação ou ter merecimento negativo para ser obsediado. Em outras palavras, ninguém é inocente ou coitadinho nessa história.

Em suma, até o Espírito “mau” é utilizado como instrumento, mesmo que isso aconteça inconscientemente, para a provação de um outro. Ele pode até achar que está fazendo sua própria justiça, como normalmente se lê nos livros psicografados, nos quais Espíritos “trevosos” escravizam outros e os usam em trabalhos de magia negra, por exemplo. Porém, quando a “vítima” já possui merecimento para ser auxiliada, de uma forma ou outra a ajuda virá, não importando se ela acontecerá em um centro espírita, em um terreiro de umbanda, em um trabalho de apometria ou através de práticas de exorcismo em uma igreja católica ou em uma sessão de “descapetamento” em uma igreja evangélica.

Enfim, como Deus é a causa primária de todas as coisas, Ele encaminhará aquele que possui merecimento para obter uma cura espiritual para o lugar que esteja de acordo com o grau de compreensão daquele Espírito humanizado.

Porém, ao mesmo tempo em que o Espírito humanizado recebe o auxílio para libertar-se da obsessão, Deus cria uma nova prova para todos os envolvidos. Por exemplo, ao ser socorrido, o ex-obsediado vai idolatrar o lugar que o “curou” ou vai agradecer e amar a Deus, a causa primária de todas as coisas? Os que participaram do trabalho, vão acreditar que possuem “poder” para curar, fortalecendo ainda mais o Ego, ou vão agradecer e amar a Deus, a causa primária de todas as coisas, portanto, o

único responsável pela cura daquela obsessão?

Nesse sentido, é importante saber que até os trabalhos espirituais não acontecem por mérito daqueles que foram os instrumentos do ato na Terra, mas pela autoridade irresistível dos Espíritos superiores que fazem o obsessor libertar-se da ilusão, pois ainda se encontrava preso aos valores do último Ego que vivenciou sobre a Terra. Por isso, não faz sentido brigar por verdades, dizendo que a desobsessão kardecista é melhor que a apometria, o culto evangélico ou a gira de umbanda, e vice-versa. Se tudo é criação de Deus, todas as práticas espiritualistas foram permitidas por Ele para que os mais diferentes casos fossem atendidos e, no fim das contas, é sempre Deus quem cura ou liberta o espírito humanizado da “obsessão”.

Enquanto acreditarmos que fazemos alguma coisa, não nos aprimoramos espiritualmente. Quando acreditamos que somos capazes de fazer o que quer que seja, deixamos de amar a Deus para amar nosso Ego, acreditando que temos poder ou conhecimento para fazer “isso” ou “aquilo”, e deixamos de amar o próximo, pois passamos a acreditar que a técnica adotada em nossa casa espiritualista é mais eficiente que a da outra casa ou religião¹³.

Indo além nessa reflexão, na questão 466, o Espírito Verdade comenta o fato de Deus permitir que os espíritos “maus” (presos ao egoísmo) nos excitem. Segundo afirma: “os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem”. Novamente o Espírito Verdade afirma que eles são também instrumentos dos quais Deus se utiliza para nos provar. Em suma, nada, absolutamente nada, acontece sem a permissão de Deus. Até a obsessão vai acontecer se a “vítima” tiver merecimento negativo para passar por esta experiência ou para provar sua fé.

Obviamente que não estamos dizendo que o obsessor é um “missionário”, mas ele, por também se encontrar humanizado, apesar de desencarnado, está sendo um instrumento inconsciente da justiça Divina, uma vez que aquele que vivencia o papel de “vítima” precisa, naquele momento, dessa provação.

E como o Espírito humanizado vence tal prova? Na questão 467 está a resposta: “mudando os pensamentos. Eles (os obsessores) se ligam aos que os solicitam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos”.

Em outras palavras, quanto menos egoísmo manifestarmos, menor a influência desses Espíritos sobre nós. Em suma, o Espírito “mau” ou imperfeito está sendo, como já salientamos, um instrumento inconsciente da vontade de Deus. O egoísmo do Espírito está sendo utilizado por Deus para colocar um outro em provação. Assim entendemos porque “nunca o Espírito recebe a missão de fazer o mal” (questão 470), mas, por ser imperfeito, ele o faz por sua própria vontade (segue aos impulsos do Ego) e Deus permite que isso aconteça como prova ou como expiação para a “vítima”. Ou seja, está evidente que ele é um instrumento inconsciente da vontade de Deus e que a sua “vítima” não é inocente, apenas está vivenciando uma experiência que está de acordo com a expiação que precisa passar na atual encarnação.

O mesmo acontece com um assassino. Ninguém encarna com a missão de matar outra pessoa. Porém, aquele que precisa desencarnar com um tiro, precisará de um instrumento. E este instrumento será escolhido por Deus, na hora certa, em função do sentimento que o Espírito nutrir no momento. Enfim, tudo acontece por merecimento, seja este negativo ou positivo.

Assim, segundo a Doutrina Espírita, nascer, por exemplo, em uma favela não é fruto do acaso, culpa dos poderes públicos ou destino. Tudo é fruto do livre arbítrio do Espírito. A questão 334 esclarece isso ao afirmar que: “o Espírito escolhendo a prova que deve suportar, pede a encarnação. Ora, Deus que tudo sabe e tudo vê, sabe e vê antecipadamente que tal alma se unirá a tal corpo”.

Em outras palavras, se um Espírito humanizado na forma de mulher engravida em uma favela, não será o acaso que fará um Espírito se ligar àquele corpo que está em gestação, mas o gênero da prova daquele Espírito que vai se humanizar. Mas pode ocorrer, como também afirma o Espírito Verdade na questão 337, que a união de um Espírito a um determinado corpo seja imposta por Deus, sobretudo

quando o Espírito não está ainda apto para fazer uma escolha com conhecimento de causa.

Em suma, em um caso ou no outro, não foi o acaso que fez um determinado Espírito vivenciar a personalidade de um favelado. Dizer que a miséria é culpa dos governantes é não aceitar o que o Espírito Verdade diz na questão 529: “O que Deus quer, deve ser; se há atraso ou obstáculo, é por sua vontade”. Para a Doutrina Espírita não existe acaso ou culpados pela miséria, pela fome, pela violência ou pelo estágio evolutivo da Terra¹⁴. Tudo acontece no momento certo e da forma certa, de acordo com o grau de compreensão e aperfeiçoamento espiritual que possuímos. E tudo acontecendo graças a Onipotência e Onisciência de Deus e suas Leis cósmicas que garantem a cada um a liberdade de plantar (amor ou egoísmo), mas a obrigação de colher toda a energia sentimental emanada para o Universo, afirmam os Universalistas.

Ainda sobre esse tema, a questão 338 de O livro dos Espíritos nos mostra como, segundo a Doutrina Espírita, o destino do personagem, ou seja, do Ego ao qual o Espírito será ligado ao encarnar já está pré-traçado. Kardec pergunta o que acontece se vários Espíritos se apresentarem para um mesmo corpo em formação? Como seria feita a escolha? Segundo o Espírito Verdade, “Deus julga qual deles é o mais capaz para desempenhar a missão à qual a criança está destinada”. Ou seja, a criança já tem uma “missão” para cumprir, tem um papel para representar, poderíamos dizer. Poderíamos comparar esse processo com a escolha de um ator para representar um papel em uma peça de teatro ou em uma novela. O que o personagem fará está pré-definido, mas o autor escolherá um ator que possa dar o melhor de si na hora de representar, seja para o “Bem”, seja para o “mal”.

Na resposta do Espírito Verdade está explícito que Deus escolherá o Espírito que melhor poderá vivenciar a história (missão) daquela criança. Enfim, o ator que mais “talento” tiver para “representar” aquele papel será o escolhido¹⁵.

Como dissemos, para a Doutrina Espírita o livre arbítrio foi exercido antes da encarnação. Após a escolha do gênero de provas, o livre arbítrio torna-se apenas moral: amar ou não tudo o que acontecer em nossa vida, tanto os momentos doces como os amargos. E esse “fatalismo” tem que ser válido para todos os fenômenos materiais, inclusive aqueles que são tabus para os espiritualistas, como o aborto e o suicídio. Enxergar fatalismo nos atos materiais não significa que o espírito humanizado se tornou um autômato. Ele terá o livre arbítrio para amar ou não a situação vivida, mas não para alterar os fatos que foram escritos por Deus para acontecer.

É por isso que na questão 358, encontraremos o Espírito Verdade afirmando que o “abortamento voluntário” é um crime às Leis de Deus. Ou seja, quando há a intenção, ou melhor, quando os desejos do Ego falam mais alto, o aborto gera “carma”. Quando ocorre sem intenção, não há o menor problema para o Espírito. Aquele ato pode ter sido uma expiação para o Espírito que estava ligado ao corpo abortado ou uma prova para os pais. E mesmo quando há a intenção, gerando “débitos” espirituais para o Espírito que cometeu o ato, será que o Espírito programado para se ligar àquele corpo desencarnou antes da hora?

Se ele “desencarnou antes da hora”, temos que admitir que Deus foi pego de surpresa e aí, não faz nenhum sentido a resposta da questão 853, quando o Espírito Verdade afirma que “qualquer que seja o perigo, ninguém morre antes da hora” e que “Deus, sabe, antecipadamente, de qual gênero de morte” partiremos daqui. Assim, se Deus é Onisciente, Ele sabe se o Espírito irá desencarnar por aborto ou por suicídio. Se atentarmos para os livros psicografados que narram os sofrimentos do Espírito que desencarna pelo suicídio, podemos notar que o motivo foi sempre egoísta: desgosto amoroso, apego material, orgulho, falta de Fé em Deus etc. Em suma, não é o ato que faz o Espírito sofrer, mas o seu egoísmo.

Além disso, segundo a Doutrina Espírita, na questão 356, há corpos que são gerados sem que haja um Espírito designado para ele. Com o tempo ele é abortado. Quando isso ocorre, costuma ser uma prova para os pais, afirma o Espírito Verdade.

Enfim, como encontramos na questão 360, “em tudo vedes a vontade de Deus e sua obra”. Nesse sentido, se em tudo está a vontade de Deus, por que ser a favor ou contra o que quer que seja? Quando fazemos isso agimos como Simão Pedro¹⁶, cogitando apenas das coisas dos homens, sem entender como se processam as coisas de Deus, onde tudo é, simplesmente, justiça e amor.

E, independente do ato praticado, segundo a Doutrina Espírita, estamos sempre sendo assistidos pelos Espíritos, sejam os “superiores” ou os “inferiores”, cuja autoridade dos primeiros sobre eles é irresistível. Por isso, na questão 525 de O livro dos Espíritos, o Espírito Verdade afirma que os Espíritos nos aconselham e até agem diretamente para o cumprimento do que precisa acontecer, mas de uma forma tão sutil que temos a impressão de estarmos agindo motivados pelo nosso próprio “livre arbítrio”.

Na questão 526 temos um exemplo interessante sobre como a Doutrina Espírita pensa essa problemática. Kardec pergunta o seguinte: se alguém precisar desencarnar caindo de uma escada, os Espíritos quebrarão a mesma?

A resposta do Espírito Verdade é muito elucidativa. Ele diz que os Espíritos não quebram a escada, mas intuem a pessoa a subir em uma que esteja carcomida pelo tempo. Dessa forma, ela se romperá com o peso da pessoa, gerando o desencarne. Em outras palavras, é como se os Espíritos atuassem como “contra-regras” dessa “peça teatral” chamada Vida. Enfim, é como se estivessem com o “livro da vida”¹⁷ daquele Espírito nas mãos e dirigindo sua ação para que tudo aconteça conforme o que está escrito, sem percalços que estraguem o “espetáculo”.

Na questão 527 temos outro exemplo paradigmático de como se processa nossa vida humanizada. Kardec pergunta se os Espíritos poderiam dirigir um raio até a pessoa que precisaria desencarnar dessa maneira. E a resposta é similar a anterior: sabendo que o raio cairá em uma árvore, os Espíritos podem intuir a pessoa a se proteger embaixo daquela árvore. Assim, parecerá um acidente aquele desencarne que já estava programado para acontecer. Ou seja, os Espíritos não podem dirigir o raio até a pessoa, mas podem intuir este a ir se proteger embaixo da árvore que será explodida pelo raio. Obviamente que farão isso se Deus permitir e se for o momento daquele Espírito desencarnar.

Em suma, segundo a Doutrina Espírita, vivemos rodeados por uma multidão de Espíritos que conhecem nossos pensamentos, mesmo os mais secretos, e os atos que vamos realizar. Aliás, como afirma o Espírito Verdade, na questão 459, são os Espíritos que, freqüentemente, nos dirigem.

Enfim, no capítulo X de O livro dos Espíritos, chamado “ocupações e missões dos Espíritos”, fica evidente que, segundo a Doutrina Espírita, todos temos uma missão para cumprir. Porém, enquanto uns agem com consciência, outros são instrumentos cegos. E, absolutamente nada, acontece sem que Deus permita. Na questão 584 fica evidente que é a intenção a parte do Espírito na co-criação do Universo. Kardec pergunta sobre o conquistador, a pessoa cuja vida está em satisfazer a sua ambição. E a resposta é óbvia: “ele não é, na maioria das vezes, mais do que um instrumento de que Deus se utiliza para o cumprimento de seus desígnios.” Em suma, o conquistador vai conquistar quem precisa ser conquistado, vai exterminar quem precisa ser exterminado e assim por diante. Porém, vai colher o fruto desses atos, não pelo fato em si, mas pela intenção egoísta de conquistar e pela ambição que alimenta.

Em outras palavras, está evidente que, para a Doutrina Espírita, faremos sempre aquilo que precisa ser feito, mesmo quando agimos motivados pelo egoísmo ou pela ambição. Qualquer que seja a intenção, freqüentemente, segundo o Espírito Verdade, seremos o instrumento do qual Deus se serve para o cumprimento de seus desígnios. É por isso que este é um mundo regido pela intencionalidade, pois cada um será recompensado segundo “Bem” que quis fazer (amor incondicional) e a retidão de suas intenções. Ou seja, o nosso livre arbítrio após a encarnação está nas atitudes (os atos morais ou sentimentais) e não nos atos exteriores, guiados por Deus para que a justiça sempre prevaleça.

Mesmo assim, há várias passagens em O Livro dos Espíritos que se não forem interpretadas com cuidado, realmente não farão pensar que temos livre arbítrio nos atos materiais, contradizendo

todo o ensinamento apresentando até aqui, neste livro. O problema está em compreender que, se houve a intenção, há a responsabilidade sobre o ato. Como costuma se dizer, quando mais conhecimento, mais responsabilidade.

Por exemplo, na questão 746, que analisa o homicídio, o Espírito Verdade afirma que este ato é um crime aos olhos de Deus. Para entendermos essa aparente contradição com os ensinamentos anteriores, pois se Deus sabe como cada um desencarnará, como o homicídio pode ser um crime?

A resposta é a seguinte: o homicídio é um ato material, ou seja, só existe dentro das verdades criadas pelo Ego. Se pensarmos espiritualmente, nada mais é que uma provação que um Espírito necessitava vivenciar. E como já salientamos, o Espírito Verdade sempre ressalta que a intenção é tudo. Assim, o desejo de tirar a vida de um outro ser que está por trás do homicídio é o que gera o “débito” espiritual ou o crime aos olhos de Deus.

Imaginemos um policial que está em seu serviço limpando sua arma e ela dispara e acerta um outro policial, levando-o ao desencarne. Neste caso, houve uma fatalidade (algo programado para acontecer), mas não houve intencionalidade. Neste caso, apesar de ter sido um homicídio, o policial que atirou foi apenas um instrumento, sem que o seu ato fosse visto como um “crime aos olhos de Deus”.

Em suma, como podemos encontrar na questão 851 e seguintes, todas abordando o tema da fatalidade, o próprio Kardec concluirá que: “a fatalidade, entretanto, não é uma palavra vã. Ela existe na posição que o homem ocupa sobre a Terra e nas funções que ele aí cumpre por consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão. Ele sofre, fatalmente, todas as vicissitudes dessa existência, e todas as tendências boas ou más que a ela são inerentes. (...) a fatalidade, pois, está nos acontecimentos que se apresentam, visto que são a consequência da escolha da existência feita pelo espírito. Ela pode não estar no resultado desses acontecimentos, posto que pode depender do homem modificar-lhes o curso pela prudência. **Ela não está jamais nos atos da vida moral.**”

Em outras palavras, a prudência está em não agir com motivos egoístas nos acontecimentos pelos quais passaremos. Quando o ser humanizado sente prazer, deixando de amar uma situação em que foi ilusoriamente beneficiado, gerou a necessidade de viver uma nova vicissitude negativa, não prevista anteriormente pelo Espírito, mas que Deus já sabia que aconteceria. Ou seja, a prudência não está nos atos, mas no sentimento, no mundo interior. O amor cobre uma multidão de pecados, já ensinava Jesus. Aliás, como está presente na questão 267, o Espírito até pode fazer escolhas enquanto encarnado, mas tal escolha é realizada nos momentos em que se liberta da matéria. Ou seja, quem tem livre-arbítrio é o Espírito e não o ser humanizado (o Ego).

E como afirmou o Espírito Verdade, na questão 672, “a intenção é tudo e o fato nada”.

PARTE II
TEORIA E MÉTODO DA ANIMAGOGIA

*“Apenas quem não está absorvido na luta pela
vida pode sabiamente apreciá-la.”*

Lao Tsé (sobre a morte)

CAPÍTULO 7

A NECESSIDADE DO PEDIDO DE AUXÍLIO E AS TÉCNICAS POSSÍVEIS PARA O ESCLARECIMENTO ESPIRITUAL

Como salientamos, a Animagogia é um trabalho educativo para libertar o Espírito das ilusões criadas por seu Ego. Para isso conta com uma série de procedimentos práticos para atingir esse objetivo. Alguns são considerados “espíritas”, ou seja, são adotadas nas casas espiritualistas que dizem seguir a doutrina codificada por Allan Kardec, outras não são “espíritas”, como é o caso da Apometria, considerada uma técnica “não-doutrinária” pelos adeptos da religião espiritista ou kardecismo, como também é popularmente conhecida a prática mediúnica adotada nestes centros espiritualistas. A Animagogia, como vimos na primeira parte deste livro, também se fundamenta nos ensinamentos do Espírito Verdade, ou seja, naqueles que formam a base doutrinária do Espiritismo, mas vai além, uma vez que o estudo e as formas de libertação do Ego nos foram transmitidas pela sabedoria oriental, através dos ensinamentos de Buda, Krishna, Lao Tsé e tantos outros mestres espiritualistas que, de uma forma ou outra, estão presentes nos ensinamentos (Psicosofia) que compõem O livro dos Espíritos, apresentados na primeira parte desta obra e de fundamental importância neste trabalho educativo com seres incorpóreos, seja ele praticado no meio kardecista, na umbanda, no universalismo etc.

Após esse necessário esclarecimento, podemos prosseguir com nosso estudo. O Espírito que, em tese, participará do programa animagógico, que será esclarecido, nem sempre o faz por vontade própria. Na maioria dos casos, os Espíritos trazidos são aqueles cujos familiares, por intermédio de preces ou participação em casas espiritualistas (católicas, evangélicas, kardecistas, umbandistas, esotéricas, holísticas etc.) solicitaram que eles fossem auxiliados no plano espiritual ou aqueles que, por uma razão ou outra, estavam procurando apaziguar suas dores por meio da obsessão¹⁸ e, também por intermédio de preces, alguém solicitou auxílio para o encarnado que sofria os efeitos desse assédio extra-físico. Mas também são trazidos aqueles que, por não suportarem mais o sofrimento e a falta de compreensão do que estão vivenciando no mundo dos Espíritos, também por meio da prece solicitaram auxílio. E como a religião também é uma criação do Ego, não importa a religião do Espírito humanizado. Ao pedir, por intermédio de uma prece sincera, o auxílio, a ajuda sempre chegará.

Pelo aqui exposto, nota-se que a prece feita com o coração, com sentimento amoroso e de gratidão, é a fórmula mais adequada para pedir e obter auxílio espiritual. A própria medicina já tem provas de que pessoas que oram se recuperam com mais facilidade e rapidez de certas enfermidades. E o mesmo se passa com aqueles que não estão mais ligados ao corpo físico, mas continuam presos ao Ego.

Algumas religiões afirmam que a prece pelos Espíritos não é necessária, pois o seu destino já foi selado: ou o céu eterno ou o inferno eterno. Mas estudos feitos por terapeutas de vidas passadas, apômetras e informações transmitidas pela psicografia mediúnica demonstram que a prece sincera pelos desencarnados é um importante “remédio” para que consigam compreender o que está se passando com eles e obter a ajuda dos Espíritos que atuam no resgate de almas. O budismo é outra religião cujos fiéis costumam orar por seus mortos.

O pensamento e as preces aproximam todos os seres, sejam estes encarnados ou incorpóreos. O fluido cósmico que os hindus chamam de *prâna* e que vêm sendo estudado desde a Antigüidade é o condutor das preces realizadas com sentimento amoroso. Como os seres incorpóreos, em Tese, locomovem-se por intermédio do pensamento, em poucos segundos estão disponíveis para o auxílio solicitado. Por isso, independentemente da religião, a prece feita com o coração tem sempre efeitos

positivos.

O católico devoto de São Judas, o evangélico que só acredita no Espírito Santo, o umbandista que pede apoio a um preto-velho ou um caboclo, o espíritista que pede auxílio a seu guia espiritual e o hindu e budista que oram, respectivamente, por Krishna e por Buda, serão atendidos pela “espiritualidade superior”, aqueles seres que atingiram um grau de pureza e esclarecimento após inúmeras encarnações na Terra ou em outros orbes habitados. E ela pode ser feita em silêncio, em qualquer ambiente. O importante é a intenção e a vibração amorosa que a nutre.

É importante salientar que este trabalho de auxílio aos desencarnados é realizado, segundo estes, há muito tempo, porém, antes de a mediunidade ser objeto de estudo científico por Allan Kardec, o esclarecimento também necessitava de encarnados, mas que agiam durante o sono, durante o desdobramento¹⁹ espiritual ou em pequenos grupos iniciáticos, quase secretos. No primeiro caso, participavam os encarnados que já haviam atingido certo nível de aprimoramento espiritual, mesmo não se lembrando disso ao retornar ao corpo físico. Mas não só os Espíritos mais evoluídos saem do corpo físico durante o sono. Segundo vários relatos mediúnicos, muitos encarnados aproveitam o intervalo de tempo fora do veículo físico para fazerem o que não têm coragem de fazer no estado de vigília. Assim, participam de orgias sexuais, freqüentam os lugares promíscuos que desejam visitar e não o fazem por razões morais ou sociais vigentes etc. Tudo, enfim, depende do grau de aprimoramento espiritual de cada um.

O trabalho animagógico aqui relatado é aquele em que se faz necessária uma equipe de médiuns²⁰ preparada para esse tipo de serviço, no qual se seguem alguns procedimentos metodológicos.

A primeira tentativa de auxílio consiste em trazer esses irmãos desencarnados para participar de uma sessão de estudos espirituais. Normalmente, utilizam-se livros espiritualistas, que enfatizam os ensinamentos (Psicosofia) de mestres como Buda, Krishna, Jesus etc., segundo a especificidade de cada grupo.

Os encarnados, após uma prece pedindo a proteção divina e o amparo dos Espíritos esclarecidos, lêem e discutem alguns dos ensinamentos espiritualistas desses mestres, como, por exemplo, sobre o perdão, sobre o amor universal, sobre a não existência do mal eterno, sobre o fato de sermos Espíritos eternos vivenciando experiências humanas e não o contrário etc.

A lição escolhida nunca é por acaso, afirmam, mas, ao contrário, sempre tem relação com o problema principal vivido pelo grupo de Espíritos trazido para aquele dia de trabalho. Por exemplo, se predomina entre os seres incorpóreos trazidos para a palestra os Espíritos que se suicidaram, a lição abordará direta ou indiretamente esse tipo de problema, suas conseqüências e como o Espírito deverá libertar-se da culpa e ter Fé em Deus, pois seus sentimentos humanizados são os responsáveis pelo sofrimento e pela dor moral que sente no mundo espiritual. Esses seres incorpóreos assistem ao trabalho enquanto recebem vários tipos de tratamentos invisíveis aos nossos olhos²¹.

Pelo que podemos observar, o número de desencarnados que consegue recuperar a consciência, compreender que o sofrimento pelo qual está passando é fruto de suas próprias escolhas e que precisam retomar o caminho do amor é grande. Normalmente, são Espíritos que já alcançaram um grau mediano de aprimoramento moral e apenas não se lembravam do ensinamento universalista: “*A plantação é livre, mas a colheita é obrigatória*”. Tais Espíritos conseguem abrir seus “corações” e receber o auxílio que necessitam, sendo, dessa forma, levados após a sessão para hospitais ou educandários no plano espiritual. Muitos retornam em outras sessões, desta vez apenas para acompanhar as lições ou mesmo para trazer outros desencarnados que passam por problemas similares, tornando-se, assim, no plano espiritual, mais um dos trabalhadores na seara de Cristo, ou os “trabalhadores da última hora”.

Outros Espíritos, porém, inconformados com a dor e com o sofrimento que sentem, julgando que estão sendo castigados por algum Deus punitivo, que não compreendem que o egoísmo foi o responsável pelo sofrimento que estão vivendo, ou que ainda manifestam ódio por alguém, que desejam se vingar de algum desafeto etc., não tomando consciência que estes por quem nutrem ódio foram instrumentos de Deus para suas provações, não conseguem ser auxiliados apenas com o acompanhamento das lições. Aliás, raramente se encontram em condições de ouvir, devido ao ódio que emanam de seus corações.

Nesse caso, entra em ação um outro tipo de trabalho: a psicografia e a pintura mediúnica. Neles, o contato com os fluidos materializados dos médiuns faz com que o Espírito relaxe um pouco, consiga se centrar. Momentaneamente ele consegue alívio mental e consegue se expressar. Alguns Espíritos escrevem mensagens pedindo socorro, outros apenas xingam. O importante, porém, é permitir ao Espírito se expressar. Ele, ao colocar para “fora” sua raiva, suas emoções e dores, encontra uma forma de quebrar as barreiras energéticas que o impedem de ser auxiliado por outros Espíritos.

Mas nem sempre as comunicações são “negativas”. Muitas vezes os Espíritos que foram esclarecidos e auxiliados se manifestam agradecendo pelo apoio recebido e dizem que estão trabalhando no resgate de outros Espíritos ou realizando outro trabalho de auxílio aos necessitados.

Outros trazem mensagens de conforto e apoio ao trabalho que vem sendo realizado, procurando estimular os médiuns a continuar naquele serviço caritativo.

Já a pintura mediúnica seria uma forma de terapêutica ocupacional com alguns Espíritos que ainda necessitam de fluidos mais densos, mais materiais, para se recuperar. Normalmente não são Espíritos revoltados, mas que têm muita dificuldade de se libertar do plano material. Esses Espíritos são convidados, então, a pintar quadros pelas mãos dos médiuns. Nem sempre o Espírito manipulou pincéis ou havia se interessado por pintura quando esteve encarnado. Nesse sentido, nem sempre o trabalho vale por seu resultado estético, diferentemente dos médiuns que pintam quadros de Espíritos que foram pintores na Terra.

O Espírito, durante aquela oportunidade de manifestação, consegue apaziguar sua necessidade de fluidos densos, tornando-se mais receptivo ao auxílio da espiritualidade.

Como dissemos, em muitos casos, é a primeira experiência daquele Espírito com tintas, telas e pincéis. É por isso que os quadros mediúnicos produzidos nesse tipo de serviço não apresentam, necessariamente, beleza estética e conhecimentos técnicos de pintura. O enfoque do trabalho não é artístico, mas terapêutico²².

É possível perceber que o trabalho com a pintura mediúnica atinge um outro tipo de Espírito, com outras necessidades. Como vimos, na psicografia o Espírito manifesta, pelas cartas que escreve através das mãos dos médiuns, sua dor, sua alegria por estar sendo ajudado, ou mesmo sua descrença e ódio. Uns agradecem por terem sido levados para o trabalho, enquanto outros reclamam por terem sido levados contra a vontade, entre outros tipos de manifestações. O importante é atentarmos para o fato de que este trabalho permite ao Espírito extravasar seus sentimentos, gerando nele uma sensação de alívio e de paz interior necessária para libertar-se do Ego.

É importante ressaltar que mesmo que o médium venha a sentir algum desconforto durante esse atendimento terapêutico, no encerramento do trabalho ele já se encontra pleno e feliz, liberto de todos os sintomas ou sensações que lhe foram transmitidas pelo Espírito auxiliado.

Este é o trabalho visível, algo ínfimo diante de todo o trabalho que acontece durante a sessão e que nosso cérebro não está condicionado para transformar em realidade visível. Entre os trabalhos que

não vemos, um bastante comum é a projeção do passado daquele Espírito, trazendo para a sua consciência o que ele praticou na Terra. É uma espécie de Terapia de Regressão, feito através da Apometria, técnica que por ser mais complexa, será abordada em um capítulo à parte, o seguinte.

CAPÍTULO 8

A APOMETRIA COMO TÉCNICA ANIMAGOGIA OU DE LIBERTAÇÃO DO EGO

Podemos dizer que, juntamente com o kardecismo (a manifestação mediúnica que acontece nos centros espiritistas), com a umbanda e com tantas outras psiconomias criadas pelo Ego humano, seja o de encarnados ou de desencarnados, a Apometria se constitui em uma das ferramentas sublimes de auxílio espiritual, no qual a mediunidade é exercida com consciência e com benevolência. Mas também é instrumento de prova para o Espírito humanizado que a utiliza. Em outras palavras, ele usará a Apometria entendendo que ela é obra de Deus e é Sua vontade que sempre predominará, ou agirá motivado pela ego-complacência, sentindo-se orgulhoso e cheio de vaidade quando resgata, na hora determinada por Deus para isso acontecer, um Espírito de sua ilusão?

A Apometria é, modernamente, um conjunto de técnicas e procedimentos psíquicos aprimorados, fundamentados cientificamente e instrumentalizados operacionalmente pela personalidade vivida por um Espírito que recebeu o nome de Dr. José Lacerda de Azevedo (1919-1997) em sua roupagem terrestre. Tal personalidade exerceu em sua última encarnação/humanização a profissão de médico, formando-se em Medicina pela Universidade do Rio Grande do Sul (URGS).

A Apometria, segundo o Dr. Lacerda, não é ciência, filosofia ou religião. Trata-se apenas de um poderoso instrumento psíquico baseado em conhecimentos científicos advindos da matemática, do eletromagnetismo e da física quântica, sendo capaz, quando Deus assim o desejar, de auxiliar no tratamento de inúmeras patologias, cujo tratamento médico tradicional quase sempre se mostra ineficaz.

Por se tratar de um conjunto de técnicas, a Apometria vem sendo praticada e aprimorada em casas espiritistas, umbandistas e universalistas, e por grupos independentes. Porém, sua “função” espiritual é pouco conhecida, e é isso que pretendemos ressaltar neste momento.

Segundo a espiritualidade que assiste aos trabalhos da casa onde fizemos a pesquisa, trata-se de uma técnica milenar, sem esse nome, obviamente. O nome Apometria também foi intuído pelo Dr. Lacerda. Como ela foi utilizada num passado remoto, para o “bem” e para o “mal”, por grupos esotéricos secretos e magos que viveram em antigas civilizações Orientais, na Caldeia, no Egito etc., foi “retirada de circulação” por alguns milênios pelo plano espiritual. A sua forma atual, “codificada” pelo Dr. Lacerda, foi estruturada no astral da Terra em meados do século XIX, especialmente para auxiliar o processo de regeneração da mesma, processo que é dirigido pelo Espírito que viveu a personalidade Maria, a mãe carnal de Jesus, hoje também chamada de “a senhora da regeneração” por muitos desencarnados.

É preciso esclarecer que estamos nos referindo ao Espírito que viveu a personalidade Maria. E não sabemos se tal Espírito passou por outras encarnações após aquela que o tornou um personagem ilustre na história religiosa terrena. Assim, falar que Maria é a senhora da regeneração não carrega nenhum sentimento de idolatria ou de santidade, mas apenas de respeito ao importante papel que esse Espírito assumiu neste momento de evolução do planeta Terra, sendo, segundo alguns Espíritos, o responsável direto pela coordenação do processo de regeneração deste Orbe que atualmente habitamos, coordenando o processo de limpeza do “umbral”, e buscando, de todas as formas, evitar que um número significativo de Espíritos seja exilado da Terra, ou seja, evitar que estes continuem sua evolução espiritual em Orbes inferiores.

Segundo a espiritualidade, o exílio da Terra teve início na década de 1930. Vários Espíritos já não habitam mais o astral deste planeta e estão no Umbral de um outro Orbe esperando a última leva de

Espíritos para começarem um novo ciclo reencarnatório. Este planeta teria características materiais que lembrariam a Terra de algumas dezenas de milhares de anos atrás.

É nesse contexto de regeneração da Terra que a Apometria ressurgiu, como uma possibilidade de pronto-socorro espiritual que facilita o resgate coletivo de centenas de milhares de Espíritos presos ao Ego e às ilusões do mundo astral inferior, mesmo libertos do jugo da carne, como também de vários Espíritos humanizados que vivem conosco, auxiliando em seu processo de espiritualização, ou seja, de libertação do Ego, o objetivo da animagogia.

Esta informação não desmerece de forma alguma o importante trabalho realizado pelo Dr. Lacerda e sua equipe. Ela apenas contextualiza o porquê da Apometria ter sido aprovada por Deus para ser (re)utilizada na Terra justamente no momento em que a ciência quântica abre novas perspectivas de compreensão do mundo, concluindo, como as antigas filosofias do Oriente, que o mundo material é uma ilusão (*maya*) montada para as nossas provas, aliás, provas escolhidas voluntariamente por cada um, e que não existe o tempo, pelo menos não da forma como o nosso Ego foi programado para vivenciar (determinado em passado, presente e futuro).

A Apometria parte do fenômeno anímico conhecido como “desdobramento espiritual”, induzido através da contagem pausada e progressiva de pulsos energéticos, acompanhados por forte intenção mental. Este procedimento, diferentemente da hipnose, foi (re)descoberto pelo farmacêutico-bioquímico Luis J. Rodrigues, nascido em Porto Rico e estudioso do psiquismo humano, na segunda metade do século XX. A “projeção astral” obtida dessa maneira não necessita das sugestões do hipnotismo, levando a pessoa, sensitiva ou não, a realizar um desdobramento consciente, sendo possível conduzi-la para qualquer lugar da Terra, como também para o passado e para o futuro.

A intenção do Sr. Rodrigues era a de instrumentalizar os médicos e a medicina com técnicas psíquicas, pois o bom médico, em sua opinião, deveria cuidar do corpo e da alma. Porém, ainda hoje, sua contribuição, como também a do Dr. Lacerda, não encontra eco no meio acadêmico, para o qual a vida ainda se resume ao corpo físico e se extingue com a falência e decomposição deste. Mas isso não é motivo para lamentação. Apenas não chegou o momento. A natureza (inclusive a humana) não dá saltos. E como dizem os Espíritos (questão 529 de O livro dos Espíritos): “O que Deus quer, deve ser; se há atraso ou obstáculo, é por sua vontade”.

Para aceitar a Apometria, a medicina acadêmica precisaria compreender que existe um complexo físico-biológico-psíquico-espiritual no ser humanizado e, além disso, a influência das reencarnações na etiologia de muitas enfermidades.

Temos certeza de que esse fato acontecerá, inexoravelmente, em futuro breve. Enquanto isso, a Apometria continuará sendo enquadrada no campo das chamadas “terapias alternativas”.

Porém, como acontece com outras “terapias alternativas”, há grupos de atendimentos apométricos que cobram pelas sessões e grupos que procuram servir com amor e por amor, sem nenhum interesse pecuniário. E, a cada dia, aumenta o número de pessoas que buscam tratamento apométrico para problemas como obsessões, depressões e tantas outras enfermidades psicossomáticas, entre elas, a tão temida *goécia*, mas conhecida como magia negra, considerada superstição pelo kardecismo, mas que continua vitimando aqueles que precisam passar por esta provação, colhendo, no presente, os frutos das sementes plantadas no passado.

Na Apometria não se prescreve nenhum medicamento, seja alopático, homeopático ou floral. Seus instrumentos são bioenergéticos, ou seja, utiliza-se apenas a força mental dos participantes para irradiar energia, criar campos de força magnéticos, fazer regressões de memória, etc.

É importante ressaltar que a Apometria vai além dos limites do animismo e da mediunidade. Entendemos por animismo as práticas recorrentes no Oriente nas quais o discípulo transcende os limites do corpo físico para estabelecer contato consciente com o mundo astral, através da meditação, das viagens astrais, etc. O animismo é uma prática espiritual “ativa”, enquanto a mediunidade é uma prática espiritual “passiva”, na qual os participantes aguardam que o plano espiritual revele informações que poderiam ser adquiridas com esforço espiritual próprio. Mas o animismo e a mediunidade são lados de uma mesma moeda, são experiências complementares. É a nossa tendência cartesiana que nos faz aceitar um lado e criticar o outro. Algumas doutrinas defendem o animismo. É o caso do movimento Rosa Cruz, da Teosofia e tantas outras. Tais doutrinas costumam afirmar que a mediunidade é uma prática espiritual perigosa e que como tal deve ser evitada. O ideal, para essas doutrinas, é o próprio discípulo colher as informações espirituais diretamente no Astral, sem depender dos Espíritos. De outro lado, os spiritistas valorizam a mediunidade e desvalorizam as informações transcendentais adquiridas a partir do animismo, classificando-as sempre como “mistificação”.

Mas é importante ressaltar que, do ponto de vista animagógico, seja por vontade própria do Espírito ou por meios mediúnicos, as informações acessadas não podem ser tomadas como Verdades, pois são também criações do Ego e, portanto, também campos de prova para o Espírito. Ou seja, no desdobramento, o sensitivo vê ou colhe as informações que o seu Ego está programado para ver, sentir ou captar. É claro que poderá visitar colônias espirituais e ver suas construções, jardins, etc. ou ir ao umbral e lá sentir frio ou calor.

Mas, como já enfatizamos, a sensação, a percepção, as formas, etc. são também codificações criadas pelo Ego. Logo, mesmo o “mundo espiritual” codificado na forma de colônia ou de umbral não passa de *maya* (ilusão). Assim, não faz diferença se a informação é transmitida por Espíritos (mediunidade) ou captada diretamente no astral (animismo). Será sempre o Ego racionalizador que estará decodificando tais informações.

A Apometria, como dissemos, é um conjunto de técnicas que ultrapassa essa dicotomia cartesiana, apesar de também estar presa ao Ego. Porém, é uma forma de servir-se do Ego e não de se escravizar a ele, como já enfatizou Krishna no clássico Baghavad Gita. Assim, o animismo e a mediunidade são valorizados e convivem harmoniosamente na prática apométrica, realizada com consciência.

É nesse sentido que costumamos dizer que a Apometria é medianímica, por conciliar a mediunidade com o animismo sem julgamentos ou críticas. Aliás, se Deus é a causa primária de todas as coisas (questão 1 de O livro dos Espíritos), criticar qualquer coisa existente sobre a Terra é não ter Fé plena em Deus. Achar que algo está errado, esquecendo-se de que “nada ocorre sem a permissão de Deus. É Ele quem estabelece todas as leis que regem o Universo” (questão 258), é não confiar plenamente em Deus. Por isso não faz sentido criticar, julgar ou condenar nada, nem as religiões, nem a política, nem a economia, nem os assassinatos e os abortos, etc. Pois tudo não passa de ilusão e de provas para o Espírito humanizado.

Mas não é nosso objetivo tecer aqui longas considerações teóricas sobre a técnica apométrica. O livro do Dr. Lacerda, *Espírito/matéria: novos horizontes para a medicina*, deve ser lido obrigatoriamente por todos os interessados no tema.

Antes de passarmos para os relatos de alguns casos práticos, gostaríamos apenas de constatar como a mídia brasileira desconsidera as contribuições dos pesquisadores brasileiros no campo das pesquisas psíquicas. Sem desmerecer autores estrangeiros como Stanislav Grof, Patrick Drouot, Ian Stevenson e tantos outros que se dedicam ao estudo científico da reencarnação, pouco ou nada se lê sobre as pesquisas realizadas no Brasil por Hernani Guimarães Andrade, por exemplo. Quando algum

jornal ou revista aborda o assunto, apenas os autores estrangeiros são citados, como se no Brasil não existissem pesquisas sérias sobre o assunto, apesar de ser realizadas fora do ambiente acadêmico.

Com a Apometria acontece o mesmo. Essa original contribuição que renasceu em solo brasileiro é ignorada por muitos. Recentemente, foi grande a repercussão do livro *Muitas vidas, uma só alma*, escrito pelo psiquiatra norte-americano Brian Weiss. Este livro, lançado no Brasil em 2006, foi editado originalmente nos EUA em 2004. Por sua vez, a primeira edição do livro *Espírito/matéria: novos horizontes para a medicina* data de 1987. E, desde aquela época, quase vinte anos atrás, o Dr. Lacerda já levava seus pacientes (encarnados e desencarnados) para o futuro, através da Apometria, auxiliando-os em seus tratamentos psíquicos.

Como afirmou o Dr. Lacerda: “Temos elementos analíticos para admitir que o plano mental vibra em outra dimensão, situada além do Tempo e do Espaço. Ela é sede de todos os fenômenos de clarividência, telepatia e precognição. Por transcender às dimensões cartesianas, a que os outros corpos inferiores estão subordinados (astral, etérico e somático), pode o sensitivo que se projetar a essa dimensão conhecer fatos passados com precisão de detalhes, predizer o futuro e adivinhar o pensamento dos circunstantes. (...) Embora esteja equipado pela natureza, no natural evoluir da espécie, com um sistema nervoso central bastante desenvolvido, não aprendeu a usar o prosencéfalo astral e mental. Essa é a razão pela qual se limita a viver a existência praticamente constituída de respostas imediatas aos estímulos do meio ambiente. (...) Vive o ser humano preso, bloqueado pelas três dimensões cartesianas, em que os valores de Espaço e Tempo são dominantes. Dentro dessas barreiras, estiola-se, incapaz de empreender saltos mais amplos, além dos parâmetros espaço-tempo – o que lhe é perfeitamente possível – em aventuras que dariam a seus olhos atônitos horizontes novos, preches de possibilidades extraordinárias, como vislumbrar o Passado ou conhecer antecipadamente o Futuro”.

Ou seja, o Dr. Lacerda já conhecia a “Terapia de Progressão”, já a utilizava com seus pacientes encarnados e desencarnados, porém, por alguma razão, já que nada é por acaso, precisou nascer no Brasil e ter suas descobertas ignoradas durante décadas. Quem sabe chegou a hora de ter seu esforço reconhecido?

PARTE III
ESTUDOS DE CASO

“As noções mais simples são também as mais difíceis de compreender. O que há de mais simples que a luz do Espírito? Ela está em nós assim como em tudo, vivemos por sua causa e nada seríamos sem ela, que nos envolve e penetra por todas as partes; contudo, permanecemos cegos a ela.”

Lao Tsé

Capítulo 9

ESCLARECENDO SUICIDAS

Com base no que apresentamos até agora, predomina no discurso espiritualista a crença de que o nosso livre-arbítrio foi exercido no plano espiritual, quando escolhemos o gênero de provas que pretendemos vivenciar na Terra. Assim, não haveria um Deus julgador e punitivo que coloca algumas almas de seu lado “direito” e outras do lado “esquerdo”, ou que mostre preferência por este ou por aquele ser. A experiência com a Animagogia com seres incorpóreos demonstrou que, em Tese, é a própria consciência (o próprio ser espiritual), na maioria dos casos, que decide o momento em que deseja encarnar, melhorando seu padrão vibratório através do amor universal ao escolher um novo gênero de provas.

O caminho mais curto para sair da roda da reencarnação (o *samsara* dos budistas ou a *salvação* dos cristãos) parece ser o da prática da caridade²³ ou o altruísmo. E, entre os seres incorpóreos, costuma necessitar do auxílio caritativo da Animagogia aqueles que, em sua última passagem pela Terra, cometeram suicídio.

Segundo alguns livros espíritas (escritos por desencarnados), o suicida entra em um estado de sofrimento muito grande, que parece eterno. Se, por exemplo, sua morte foi provocada após ter se jogado na frente de um trem, o Espírito passaria a se visualizar na linha vendo e ouvindo o trem se aproximar. Em seguida, por alguns instantes, sentiria a mesma intensidade de dor experimentada quando o trem arrebentou seus ossos e órgãos. Essa sensação se repete constantemente e o Espírito não sabe como se livrar de tal sofrimento.

Mas é importante salientar que essa experiência dolorosa acontece dentro de sua mente. Ou seja, trata-se de uma realidade imaginária de dor e sofrimento, mas que não é REAL, e sim imaginária. Aliás, o mundo material também só existe dentro de nossa mente e não fora, uma vez que todas as formas materiais, por mais diversas que sejam, não passam de uma derivação da matéria primordial que atualmente chamamos de energia cósmica universal.

A prece por ser energia balsâmica, ajuda o Espírito que passou pela experiência do suicídio a sentir uma paz momentânea e o alívio de seu sofrimento. Em pouco tempo, porém, se o próprio Espírito não muda seu padrão consciencial, o mesmo som e imagens recomeçam, assim como a dor insuportável do corpo se despedaçando, eles narram nas experiências mediúnicas, como acontece conosco quando ficamos com uma idéia fixa ou uma música plasmada na mente.

Um dos clássicos da literatura espírita sobre suicídio é o livro Memória de um suicida, escrito por um Espírito que diz ter vivido a personalidade Camilo Castelo Branco, o famoso escritor português.

Para a maioria dos espiritistas que escrevem sobre o assunto, qualquer suicídio seria uma forma de transgressão à Lei de Deus, o que contradiz a resposta do Espírito Verdade, na questão número 853 de O livro dos Espíritos. Nesta questão encontramos que Deus sabe antecipadamente a hora e o gênero de morte de cada um, ou seja, Deus, em nenhum momento, pode ser “pego de surpresa” com o suicídio de um de seus filhos. O Espírito, antes de encarnar, pode não saber que irá cometer esse ato, mas Deus já sabia com antecedência, como o pai que sabe se o filho tem condições ou não de realizar uma determinada tarefa material.

E se atentarmos à resposta do Espírito Verdade na questão 944, sobre o suicídio, que afirma não ter o homem o direito de dispor de sua própria vida, pois apenas Deus tem esse direito, e que o suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei, podemos interpretar de uma forma diferente daquela adotada

pela maioria dos espíritistas que acreditam que o suicida morreu antes da hora, contradizendo também o ensinamento da questão 853 que afirma o seguinte: não importa o perigo, ninguém morre antes da hora.

Como já salientamos, a Animagogia com os seres incorpóreos não contradiz a Doutrina espírita, mesmo quando praticada em centros não-kardecistas. Ela procura se orientar também pelos ensinamentos presentes em O livro dos Espíritos. Assim, quando se diz que apenas Deus tem esse direito, significa que o suicídio só vai se concretizar quando Deus assim permitir. O Espírito que passa por essa prova, poderá tentar o suicídio diversas vezes, mas seu plano só se concretizará quando Deus o permitir. Na visão Universalista, a Terra é um mundo de provas e expiações e que vivemos, quando encarnados, em um mundo imaginário e não REAL, onde o que importa é a intenção. Tudo aquilo que acreditamos ser Real não passa de um filme que está sendo exibido em nosso cérebro. As únicas coisas REAIS são os Espíritos e seus sentimentos, os seres que manipulam a energia cósmica universal que, independentemente da forma material que se manifestar, estará sempre presente na essência das pontes, viadutos, venenos etc. E acima de tudo isso está Deus com sua Onipotência, Onisciência e Onipresença.

Assim, vencer a tentação do suicídio é uma prova que o Espírito escolhe antes de encarnar e, a partir de sua encarnação, este ser humanizado com tendências suicidas torna-se também um instrumento para as provações de seus familiares e amigos. Além disso, é importante atentar para a expressão suicídio voluntário na questão 944. Para o senso comum e para muitos espíritistas, todos os suicídios seriam voluntários, mas como ensina o Espírito Verdade, nem sempre isso acontece. O louco não sabe o que faz, ele afirma em O livro dos Espíritos, relativizando o fato.

Assim, na prática da Animagogia, que como dissemos, difere daquela adotada por parte significativa do movimento espírita²⁴, não é o ato de se suicidar que transgride a Lei de Deus, uma vez que Ele já sabia que era dessa forma que aquele Espírito desencarnaria, mas a vontade (intenção) do Espírito em cometer o suicídio, motivado, na maioria das vezes, por orgulho, por egoísmo, por falta de Fé etc. Em suma, o sofrimento descrito pelo Espírito é fruto da intenção com a qual vivenciou o ato e não o ato em si, pois o ato é material e a matéria nada mais é que energia cósmica universal.

Todos os suicídios voluntários são motivados pelo egoísmo, como falamos acima, não importa a racionalização que o Ego humanizado se utilize para legitimar o ato. Assim, por permanecer preso ao Ego após o desencarne, o Espírito sofre as conseqüências do egoísmo, que segundo o Espírito Verdade, é o maior dos males da humanidade (questão número 913 de O Livro dos Espíritos). É por pensar de forma semelhante ao Espírito Verdade que a Animagogia praticada em casas Universalistas sempre defende o amor universal e não luta contra atos motivados pelo egoísmo, já que é preciso abordar com profundidade a questão dos sofrimentos humanos e não ficar atacando ou lutando contra os sintomas secundários do egoísmo.

No contato com Espíritos que cometeram suicídio, observei que, de fato, quanto mais o egoísmo foi o que motivou o ato, maior o sofrimento vivido pelo Espírito. O suicídio em si nada mais é que uma forma de desligar o Espírito do corpo físico, porém, a intenção (que é uma atitude espiritual) gera o sofrimento atroz narrado pelos Espíritos através dos médiuns que os “incorporam”.

Nas experiências animagógicas que acompanhei, notei também que alguns Espíritos conseguem encontrar uma forma de aliviar, momentaneamente, essa dor: por intermédio da obsessão. Apresentarei um caso em que essa forma de alívio da dor foi o meio que o Espírito encontrou, lembrando sempre que Deus permite a obsessão como prova para o obsedado, conforme responde o Espírito Verdade na questão 466 de O Livro dos Espíritos.

Como salientei, anteriormente, apesar de se fundamentar também nos ensinamentos do Espírito

Verdade, contidos em O Livro dos Espíritos, a interpretação aqui apresentada vem de encontro ao que parte do movimento espírita prega em diferentes livros, escritos por encarnados ou por desencarnados. Para este grupo de autores o suicídio é uma transgressão à Lei de Deus, voluntário ou não, e pessoas inocentes podem ser vítimas de obsessão, mesmo sem merecer passar por essa experiência. Na Animagogia que acompanhamos, o ensinamento do Espírito Verdade presente na questão número 551 que afirma não ser permitido por Deus que um homem “mau”, com a ajuda de um Espírito “mau” faça mal ao seu próximo, é levado ao “pé-da-letra”. Se a obsessão acontece, é por merecimento, por estarem ambos os envolvidos (obsessor e vítima) na mesma vibração energética, na mesma sintonia.

Após esse esclarecimento teórico, podemos continuar apresentando o caso. Segundo o depoimento do próprio Espírito, ele praticou o suicídio quando ainda vivenciava o Ego de um adolescente na Terra. Afirmou ter procurado ajuda para o seu problema (que não foi relatado por ele) e nunca encontrou alguém que pudesse orientá-lo. Após muito sofrimento descobriu como aliviá-lo. E sua vítima passou a ser uma antiga amiga, ainda encarnada.

De acordo com o Espírito, atacava a amiga porque ela assim o permitia, devido a sua falta de Fé. Se não fosse ela sua vítima, seria outra pessoa, afirmou, comprovando que a Lei de afinidade une o “algoz” e a “vítima”. Encontrando afinidade vibratória, ao se aproximar de sua amiga, enviava para ela seus eflúvios deletérios. Ele parecia consciente de que não era mais um encarnado, mas não sabia como superar seu sofrimento de outra maneira. Enfim, o que ele buscava era parar de sofrer, mesmo sendo de uma forma egoísta, já que o seu alívio se transformava em sofrimento para a amiga. Obviamente que estamos narrando a partir da observação da fala e gestos do médium incorporado.

O animagogo, durante a reunião mediúnica, tentou convencê-lo de que ele precisava, naquele momento, tomar consciência de que não estava sofrendo à toa. Era a sua própria consciência que o punia. Pediu a ele para fazer uma prece reconhecendo seu erro e solicitando auxílio para repará-lo no futuro.

Ele não acreditou nas palavras do animagogo, respondendo que sempre rezava. Disse a ele que suas orações de nada adiantavam. Sua única forma de alívio era aquela que ele praticava. Acreditava, porém, que, caso sua amiga também cometesse suicídio, ele se sentiria melhor. E esse era o seu plano.

A situação estava se tornando dramática quando lhe foi dito que toda prece deve ser realizada com o coração limpo e não precisa ser feita com frases decoradas. Uma prece sincera lhe abriria muitas portas.

Como ele relutava em fazer a prece, o grupo se ofereceu para fazê-la, pedindo ajuda para que ele pudesse ser preparado no plano espiritual para uma nova encarnação. Ele, com um sorriso maroto, disse que não acreditava em reencarnação e perguntou se o animagogo acreditava em Deus.

Depois da resposta afirmativa, ele pediu uma explicação. Ele queria saber como era possível alguém acreditar em Deus. Ao ouvir que pela razão não se chega a Deus e que só nos era possível sentir Sua presença com o coração puro e que todo o seu sofrimento após o desencarne aconteceu por sua falta de Fé, ele ficou pensativo.

Novamente o animagogo orientou-o para que fizesse uma prece. Ele nada respondeu. Para quebrar o silêncio, o coordenador do atendimento perguntou se o grupo ali reunido poderia fazer uma prece para ele.

Após ele fazer com a cabeça um sinal afirmativo, o grupo fez a prece e, pouco tempo depois, o médium voltou do transe, sendo o Espírito levado para tratamento em um hospital do mundo espiritual. Em suma, ele havia cooperado consigo mesmo. Ao se abrir espiritualmente para a ajuda, permitiu que

o socorro do Alto chegasse até ele.

É importante assinalar que o fato de um obsessor ter sido esclarecido não significa que a pessoa que era sua “vítima” esteja livre. Se ela não fizer sua “reforma íntima”, desaparecendo-se dos bens materiais, sentimentais ou culturais e passar a ter Fé em Deus, outros Espíritos similares àquele poderão encontrar nela o alvo para aliviar suas dores e sofrimentos, já que se encontram no mesmo nível vibratório. Na Animagogia, a pessoa obsedada não é tratada como uma pobre vítima. Na Animagogia, não basta afastar o obsessor, é preciso esclarecer a vítima que ela precisa fazer sua mudança interior, aumentando o seu padrão vibratório.

Passaremos, agora, para outro atendimento com suicidas. Dessa vez o trabalho foi realizado com um Espírito que viveu um Ego feminino e cujo suicídio foi motivado pelos maus tratos recebidos na infância. Possivelmente o suicídio aconteceu no início da adolescência da experiência humanizada desse Espírito e foi um caso muito dramático de se acompanhar.

Não tivemos informações sobre o que o mesmo vivenciou na infância, porém, ficou patente o aprendizado do Espírito de que o suicídio voluntário não foi o melhor caminho para encontrar a paz ou extinguir seus sofrimentos. Naquela sessão ficou claro que, ao acabar voluntariamente com sua própria vida física, o sofrimento que já manifestava enquanto encarnado se tornou muito mais agudo e traumático após a morte.

Com a possibilidade de se manifestar por intermédio do corpo do médium, o Espírito começou a chorar desesperadamente. O caso era tão grave que, para o Espírito ser atendido, um dos mentores desencarnados do trabalho incorporou em outro médium e passou a conduzir o trabalho de esclarecimento. O Espírito gritava e afirmava sentir muito frio. Pediu que alguém segurasse suas mãos.

Após receber passes magnéticos e conforto emocional, ficou mais tranquilo e parou de chorar. Tomando consciência de sua nova realidade e recobrando a consciência do que havia se passado, fez um apelo emocionado para que os pais procurassem amar seus filhos e não os maltratassem para que ninguém precisasse passar por uma experiência como a dela. Felizmente, ao final do trabalho de esclarecimento, ela compreendeu que eles (seus pais) foram os instrumentos de sua provação e que o egoísmo foi o responsável por seu sofrimento.

Antes de partir, o animagogo solicitou que fizesse uma prece. Ela atendeu o pedido e rezou um “Pai Nosso” com muito ardor, enfatizando sempre a necessidade de proteger as crianças.

Esse Espírito que sofria os efeitos do suicídio voluntário foi levado para um tratamento mais específico no mundo astral e não tivemos mais informações sobre o seu estado.

Abordaremos, agora, o caso de um suicida que não quis ajuda e que ainda afirmou que se vingaria por termos perturbado sua “paz”. Não ficamos sabendo se ele havia se tornado obsessor de alguém. Como ele estava tomado pelo ódio, não foi possível ajudá-lo naquela noite.

Assim que aconteceu a comunicação através do médium, o Espírito passou a maldizer os que o trouxeram para aquela reunião. Ele se manifestou livremente, uma forma dele aliviar um pouco de sua ira e receber alguns eflúvios benfazejos. Ele afirmou que não precisava de ajuda e nem de esclarecimento. Dizia saber o que tinha acontecido com ele e que estava bem assim.

Seu único desejo naquele momento era de que o libertassem para que pudesse ir embora. Disse, em tom ameaçador, que se ele não fosse solto imediatamente voltaria para se vingar de todos: “Vocês sabem o que é vingança, não é? Se vocês não me libertarem agora, vou me vingar de cada um de vocês!”.

Os participantes, percebendo que estavam diante de um Espírito que ainda não se encontrava em condição de ser auxiliado, fizeram uma prece pedindo a Deus e à espiritualidade superior que amenizassem o ódio que ele ainda manifestava e que o mesmo pudesse voltar em outra ocasião. Infelizmente, naquele momento, ele ainda não havia aprendido o valor do perdão.

Esses três exemplos nos dão uma idéia da dificuldade que é tentar criar um sistema genérico para o esclarecimento e atendimento espiritual. Cada Espírito é uma totalidade e reage singularmente. É assim enquanto encarnado e continua sendo assim no plano espiritual, enquanto o Espírito permanecer humanizado, ou seja, preso ao Ego que construiu para vivenciar suas provações na Terra. Mas é importante lembrar sempre que mais importante que o ato praticado é a intenção com que o mesmo foi vivenciado. Quanto mais preso ao egoísmo, mais sofrimento vivencia aquele que comete suicídio.

CAPÍTULO 10

DESCOBRINDO A MORTE DO CORPO FÍSICO, A COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA E O VALOR DA PRECE

Neste capítulo discutiremos alguns trabalhos de esclarecimentos espirituais em que o Espírito ainda não estava, em Tese, consciente de que estava “morto” ou em que ele descobre pela primeira vez a comunicação mediúnica e o valor da prece feita com Fé e amor. Notei que o espanto ou a alegria manifestada pelo Espírito sempre causa algum tipo de surpresa também à equipe de encarnados presente no trabalho, uma vez que parece ser uma tendência natural achar que depois do desencarne o Espírito se torna consciente de tudo, mesmo sabendo que o desligamento do Ego pode demorar séculos e até milênios. Fatos assim são comumente observados em filmes como “o sexto sentido” ou “os outros”. Segundo a literatura espírita (escrita por desencarnados), esse fato é muito mais comum do que possamos imaginar.

É por isso que parece ser racional a idéia de que devemos nos libertar da ilusão criada pelo Ego o mais rapidamente possível, deixando de acreditar em suas verdades, pois, se daqui a cinco segundos formos desligados do corpo físico, manteremos nossos apegos, desejos e pensamentos individualistas, e ficaremos imantados ao mundo ilusório da matéria, ao invés de sermos conduzidos para as “moradas espirituais superiores” que transcendem as formas materiais, as percepções, as sensações etc.

A consciência da morte física envolve certa polêmica. Alguns espíritistas acreditam que o doutrinador nunca deve dizer ao Espírito que ele está desencarnado. Isso faria com que ficasse ainda mais desesperado. No enfoque da Animagogia, o esclarecimento tem demonstrado ser o melhor caminho para o Espírito resgatar sua consciência espiritual. É claro que tudo depende de como o esclarecimento é realizado nesse momento dialógico entre um encarnado e o desencarnado iludido pelo Ego. Mas omitir essa informação é valorizar a ilusão material ao invés da libertação espiritual.

A situação parece similar à do médico que discute com a família se um paciente deve ou não saber que está com câncer e em estado terminal. Há casos em que o paciente irá piorar se souber, entrando em profunda depressão e, praticamente, entregando-se ao “destino”. Mas há aquelas pessoas que preferem saber a verdade e encontram forças para superar mais um desafio na vida. No caso do desencarnado que ainda não sabe que “morreu” o problema é o mesmo. Mas se a nossa condição Real é como Espíritos e não como seres humanizados, parece-me óbvio que não se deve omitir ao Espírito a informação acima.

Segundo a espiritualidade que se dizia administradora do trabalho de esclarecimento, em nenhum momento afirmou-se que os Espíritos tiveram sua situação agravada pelo fato de ouvirem o animagogo dizer que se encontravam no plano espiritual, sem o corpo físico.

Para a melhor compreensão do leitor, vamos aqui discutir alguns exemplos em que essa situação ocorreu. Começaremos pelo caso de um Espírito que estava totalmente confuso. Ele não parecia sofrer, mas estava completamente perdido e sem entender o que se passava com ele.

O grupo foi orientado, posteriormente, que se tratava de um Espírito benevolente. Isso impediu que ele virasse alvo de Espíritos *obsessores*. Estes últimos não conseguiam vê-lo graças à diferença vibracional. O problema do Espírito estava em sua falta de interesse por questões espirituais em sua última passagem pela Terra. Graças às preces de familiares e de amigos, a espiritualidade conseguiu levá-lo para esse trabalho de esclarecimento, com a permissão de Deus, obviamente.

Assim que se manifestou através do médium, quis saber onde estava. Após o animagogo explicar o que acontecia naquele local, ele quis saber como havia chegado até ali. Ao ser esclarecido que alguém o amava muito e fizera preces pedindo para que ele fosse auxiliado, o que permitiu aos trabalhadores do plano espiritual o levarem para conversar com aquele grupo, notei que o Espírito não havia percebido ainda sua nova condição, mas já dava sinais de que estava chegando a conclusão que havia “morrido”.

O animagogo, para evitar falar que ele estava “morto”, iniciou um diálogo falando que a morte não existia e concluiu dizendo que ele havia desencarnado. Ingenuamente, ele perguntou: “O que é isto?”.

Percebi que essa pergunta desconcertou por um instante o grupo. Mas, depois do “choque”, o animagogo procurou humildemente esclarecê-lo de que não se encontrava mais preso a um corpo físico. Ao tomar consciência, talvez pela primeira vez, que estava “morto”, quis saber como seria viver como Espírito. Ao ser lembrado que essa não era a primeira vez que passava pela experiência do desencarne, o animagogo pediu a ele para ficar tranqüilo e fazer uma prece pedindo auxílio a Deus. Dessa forma, ele seria conduzido pela espiritualidade superior até um local adequado, no mundo astral, para continuar se readaptando, com muito amor e paz, à vida espiritual, a verdadeira vida.

Ele disse que não sabia rezar e pediu ao grupo para fazer uma oração por ele. Atendendo ao seu pedido, a prece foi realizada e ele falou que via duas entidades vindo em sua direção e que não estava sentindo medo. Dentro de alguns segundos o médium voltou do transe em que se encontrava.

Partindo do pressuposto que não se trata de um caso de alucinação coletiva, podemos dizer que esse caso demonstra um sensível e positivo trabalho de esclarecimento em que o Espírito soube que estava “morto” sem que isso gerasse problemas mais graves para ele. O mesmo pôde ser socorrido tranqüilamente pela espiritualidade.

Discutiremos agora outro caso de descoberta da “morte”. Aqui, curiosamente, além de tal descoberta, houve ainda outra também singular: a de como funciona a comunicação mediúmica entre os seres incorpóreos e os encarnados.

Quando o processo psicofônico teve início, ficou evidente que o Espírito comunicante não havia se conscientizado do fato que mais assusta a humanidade: a morte. O Espírito, porém, não demonstrava raiva nem manifestava qualquer tipo de sofrimento. Apenas parecia desorientado.

Como no caso anterior, o Espírito cumprimentou todo o grupo e queria saber onde estava. Sua indagação foi respondida e o grupo se colocou à disposição para tirar outras possíveis dúvidas. Ele nos agradeceu por mostrar interesse em auxiliá-lo e fez mais algumas perguntas. Depois de muito dialogar, o animagogo pediu a ele que olhasse para o corpo que estava “utilizando” para se comunicar com o grupo. O Espírito olhou atentamente para o corpo do médium e com um ar de ingenuidade respondeu: “Não... não é o meu corpo!”.

Nesse momento, o animagogo tentou pacientemente transmitir a informação de que ele era um Espírito desencarnado que não mais habitava o mundo material. O Espírito não deu sinais de que a informação estivesse lhe causando algum mal-estar. Ele chegou a soltar a seguinte frase: “Então eu morri!”. Mas sua atenção parece ter se voltado para o processo comunicativo entre os dois mundos (que na verdade é um só).

O animagogo procurou, então, esclarecer-lhe que era possível conversar com os encarnados por intermédio de técnicas mediúnicas. Ou seja, que ele estava se comunicando através de um médium e que tal técnica era conhecida como psicofonia.

Como hipótese, acredito que o Espírito já tivesse ouvido falar em comunicação com os “mortos”. Mesmo os ateus e os que acreditam que apenas o corpo físico existe já ouviram falar no assunto. Possivelmente, ele não devia levar o tema a sério enquanto encarnado e, naquele momento, parecia deslumbrado com sua condição de “morto” que conversava com os “vivos” por meio de um médium. Não tivemos nenhum comunicado por parte da espiritualidade responsável pelo caso para saber se tal hipótese se confirmava. O importante, porém, é que a informação de que era um “morto” não o prejudicou ainda mais, como defendem alguns espiritistas.

Para encerrar o diálogo, o animagogo pediu a ele que fizesse uma prece de agradecimento. Ele preferiu que o grupo fizesse. Ele segurou as mãos do animagogo e uma prece foi feita para que ele fosse conduzido para um local no mundo astral a fim de continuar sua recuperação e, quem sabe um dia, retornasse na condição de novo trabalhador, ajudando no resgate de outros necessitados no plano espiritual. No decorrer da prece ele foi conduzido e o médium retornou do transe.

Vamos apresentar agora mais um caso importante e que serve de alerta para os encarnados: o do Espírito cristão que não sabia que a prece também deve ser feita pelos desencarnados.

Não soubemos qual era a religião do Espírito quando ele se encontrava encarnado, mas foi possível deduzir que era um cristão, de alguma agremiação evangélica. Ele estava assustado e com medo. Dizia que se encontrava em um lugar sem luz. Ao mesmo tempo, tínhamos a impressão de que ele estava consciente de que não mais habitava o mundo material. Durante sua fala, exclamou: “Aqui não é o paraíso que imaginei!”. Sua expressão manifestou o desconhecimento da necessidade de se libertar do Ego para que o Espírito possa, um dia, vivenciar seu “paraíso” interior.

O animagogo conversou um pouco sobre reencarnação e sobre a escalada gradual do Espírito eterno para se purificar completamente e chegar ao “paraíso”, que não é externo, mas interno. Ele parecia compreender essa reflexão. Possivelmente, durante a conversa, ele se lembrou de outras encarnações ou de algum fato que fazia com que as colocações do animagogo fizessem sentido para ele.

Ele demonstrou muito interesse e confiança nas explicações que foram transmitidas, mas queria saber por que havia sido “punido” por Deus, já que ele havia sido uma pessoa boa. Ele ouviu a informação de que Deus não punia ninguém, pois Ele apenas amava. Quem costuma nos punir é a nossa própria consciência, disse o animagogo. Nesse sentido, para sair do “local” onde ele dizia estar, seria necessário, em primeiro lugar, perdoar a si mesmo.

Parecendo pensativo, ele quis saber como poderia fazer isso. A resposta foi que ele fizesse uma prece pedindo ajuda a Jesus e se perdoadando pelos erros cometidos. Ele, com espanto, exclamou: “É mesmo! Por que eu não pensei em fazer uma prece antes?”.

Ele foi convidado para fazer a prece e aceitou. Todo o grupo deu as mãos e ele fez uma singela oração que emocionou a todos. Alguns segundos após o término da prece, o médium voltou ao seu estado de vigília.

Este último caso nos mostra um fato interessante. Ao despertar no plano espiritual, nem sempre o Espírito encontrará o mundo que imaginava antes da morte. Talvez por orgulho, esse Espírito tinha forte convicção de que, ao desencarnar, encontraria o “paraíso”. Outra hipótese possível para esse caso é a da crença, comum entre alguns segmentos religiosos cristãos, de que Deus ou Jesus pune ou perdoa nossos atos. Bastaria se confessar a um padre ou participar de algum ritual para ter os “pecados” perdoados. Algumas correntes cristãs acreditam que não temos mais “pecados”, pois Jesus teria nos salvado por intermédio da cruz.

Não é possível garantir com absoluta certeza, porém, com base no acompanhamento desses diálogos com os desencarnados, por vias mediúnicas, tenho a impressão de que o apego às verdades criadas pelo Ego, durante a humanização do Espírito, é o que o leva a sofrer. Apenas uma consciência tranqüila e em paz é capaz de levar alguém para a *Luz*, que não está fora, mas dentro de cada um.

E a prece, seja na Terra ou no plano espiritual, é o melhor caminho para solicitarmos auxílio aos “anjos” socorristas. Já dizia Jesus: “Bata e a porta se abrirá!”.

CAPÍTULO 11

O EFEITO DA EUTANÁSIA EM SERES MATERIALISTAS

Como já salientamos, o ensinamento do Espírito Verdade, presente em O Livro dos Espíritos é claro: não importa o problema, ninguém morre antes da hora (853). Além disso, na questão sobre homicídio (746), encontramos que este ato corta uma vida de expiação ou de missão, mas não foi dito que este corte acontece antes da hora prevista. Se tal informação aparecesse, estaríamos diante de uma contradição nos ensinamentos dos Espíritos. Sabemos, porém, que não é essa a posição dominante no meio spiritista brasileiro. Nesse meio, é comum encontrar doutrinadores ensinando que, por imprudência, e também através da eutanásia ou do suicídio, “alguém morre antes da hora”.

No enfoque animagógico aqui apresentado, não se compartilha com essa visão spiritista. A eutanásia, como uma outra forma de cortar uma vida de missão ou de expiação acontece na hora que o Espírito precisa desencarnar. A eutanásia interromperá uma existência sim, porém, na hora prevista por Deus. Se há algum problema espiritual para quem pratica o ato está na intenção como o mesmo será vivenciado. Ou seja, o ato será praticado com sentimento amoroso ou egoísta? O ato pode ser feito para aliviar a dor e o sofrimento de alguém ou para se libertar de uma pessoa que se tornou um incômodo para a família. Em suma, como já vimos em outras respostas do Espírito Verdade, aqui também Deus julga a intenção e não os fatos, para que haja coerência.

Em relação àqueles que desencarnam pela eutanásia, se há algum sofrimento, não foi por causa do ato em si, mas de sua condição espiritual no momento do desligamento, ou seja, do grau de vinculação ao Ego vivenciado na Terra.

Vamos relatar nesse capítulo o atendimento de educação espiritual (Animagogia) com alguns Espíritos que passaram pela vicissitude de desencarnar por meio da eutanásia. Como salientamos, não foi esse o problema que retardou a readaptação do Espírito, mas o fato de se interessarem apenas por questões materiais, dando pouca ou nenhuma atenção para a dimensão espiritual.

Quando se atende as “vítimas” da eutanásia, a primeira parte do trabalho consiste em discutir o tema para, na etapa seguinte, por meio da psicofonia, conversar e tentar orientar alguns Espíritos. Muitos não enxergam e nem ouvem a discussão realizada pela equipe de médiuns. Neste caso, a psicofonia se torna o instrumento necessário para auxiliá-los.

É importante salientar que nem sempre é necessária a identificação do ser que foi trazido para o trabalho. Muitos doutrinadores passam o tempo perguntando o nome do Espírito, querendo saber o que aconteceu com ele. Em minha opinião, desde que tudo isso não passe de uma alucinação coletiva, essas questões pessoais são o que menos interessa. Pouca serventia terá para o auxílio espiritual saber o nome do Espírito que está se comunicando, saber de onde ele veio, o que fazia na Terra, etc. O que importa, realmente, nesse contato dialógico é fazer com que ele abra seu coração e sua mente, atenuando, dessa forma, a barreira energética que o impede de ser auxiliado no plano espiritual. Afinal, o Espírito preso ao Ego é igual a um ser humano. O que vale para este último, vale também para o primeiro.

Como já salientamos, o que faz esses Espíritos ficarem vagando de forma desorientada pela Terra não foi a eutanásia, mas o fato de terem vivenciado Egos materialistas, o que não significa que são Espíritos “inferiores” ou “maus”. O fato de se dedicarem apenas às questões materiais fez com que se esquecessem da existência da vida espiritual, perdendo a consciência ao entrarem em coma.

Ao serem desligados do corpo físico ficaram inconscientes, anestesiados e sem saberem quem eram e o que estava acontecendo, algo similar ao que ocorre, normalmente, com viciados em drogas

alucinógenas.

Essa situação vivenciada por tais Espíritos seria, em tese, uma forma de expiar o excesso de materialismo durante sua última encarnação e esse tempo vai variar de acordo com o grau de apego ao Ego.

Espíritos que passam por essa provação raramente se lembram de seus nomes terrenos. Daí afirmarmos que não adianta insistir para que o mesmo diga o seu nome e o que fazia na Terra. De dezenas atendidos, apenas um conseguiu se lembrar nas reuniões que acompanhei. Porém, mesmo assim, com muitas dúvidas. Ele não sabia se o seu nome era Roberto ou Alberto na Terra. Este foi um dos raros Espíritos que vivenciou a eutanásia e conseguiu conversar de forma um pouco mais articulada com o grupo de auxílio.

Em seu atendimento, primeiramente quis saber onde estava. Ele recebeu a informação de que estava em uma casa espiritual que orientava as pessoas que lá chegavam. Segundo suas palavras, era possível ouvir o que ali se dizia, mas ele não conseguia enxergar ninguém.

O animagogo pediu a ele que fizesse um esforço mental, não se preocupando em enxergar com os “olhos físicos”, mas com a alma. Com um pouco de esforço seria capaz de ver o grupo que o atendia. Ele ficou concentrado por alguns instantes e começou a chorar. Tomou consciência de que não estava mais encarnado e começou a sentir saudades da filha. Ele falou, chorando, que havia deixado na Terra uma filha muito bonita, chamada Carmem. Pediu-nos que a ajudássemos também com preces.

Emocionante, porém, foi quando ele nos disse que estava percebendo que Deus existia mesmo e começava a se lembrar de outras existências, de outras encarnações. Por intermédio da literatura espírita e mesmo por trabalhos mais complexos como a Apometria, possivelmente o atendimento realizado pela espiritualidade é muito diversificado. Para nós, os encarnados, o trabalho se resume em passar algumas informações para o Espírito e, sobretudo, em emitir energia (ectoplasma) para auxiliar no socorro.

É comum nesses atendimentos a produção de uma espécie de tela onde o Ser que está sendo ajudado revê passagens de suas encarnações na Terra. Possivelmente, era o que estava acontecendo com esse Espírito, pois, depois de alguns minutos, ele exclamou emocionado: “Então existe mesmo a reencarnação!”.

Aparentemente, aquela experiência estava sendo muito intensa para ele. Depois que já se encontrava menos ansioso e suas emoções pareciam estar sob controle, ele contou que havia estudado muito e que, enquanto esteve encarnado, abrira muitos corpos e que nunca havia encontrado o “espírito” de que muitos falavam.

Sua fala demonstra que ele tinha interesse em encontrar evidências materiais da existência espiritual, mas, ao mesmo tempo, não encontrando o “espírito” nos corpos abertos, mais materialista se tornava. Também levantamos a hipótese de que ele havia sido algum médico ou, quem sabe, algum acadêmico da área da saúde, trabalhando, possivelmente, com o ensino de Anatomia ou alguma disciplina semelhante. Como não era o momento para conversar sobre curiosidades da vida física, continuou-se o diálogo sobre o mundo espiritual.

Percebendo o desejo sincero daquele grupo em auxiliá-lo, pois esta não era nem a primeira nem a última vez que passaria por esse processo de readaptação consciencial, ele ouviu atentamente as palavras do animagogo. Este lhe dizia que o Espírito, apesar de invisível para os olhos do encarnado, existe. E o mais importante: ele precede a existência do corpo físico. Ou seja, a nossa condição natural seria como Espíritos. A descida para a matéria teria por objetivo a purificação do Espírito eterno, colocando

em prática as lições aprendidas no mundo Real.

A minha impressão foi de que ele ficou satisfeito com o auxílio e muito aberto às colocações do animagogo. Ele dizia sentir os bons fluidos que estava recebendo durante aquela experiência e solicitou uma oração, por ele e por sua filha Carmem.

Muitas reuniões se passaram e, durante um dos trabalhos de psicografia, aconteceu uma comunicação de um Espírito encorajando o grupo. Ele pedia para que o trabalho nunca parasse. Dizia também que havia sido ajudado graças ao esforço daquele grupo e que, agora, ele era um trabalhador da casa, atuando no plano espiritual em auxílio de outros desencarnados. Ele não se identificou, mas muitos acreditaram que se tratava do Espírito que dizia ter uma filha chamada Carmem.

Algumas questões relacionadas a esse caso são importantes e merecem aprofundamento. Uma delas é em relação ao espaço físico. Sabemos que esse é ilusório e só existe em nossa mente. Dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, se estiverem na mesma dimensão. Assim, o que acontece do “outro lado” o nosso cérebro não se encontra programado para decodificar. Mesmo um médium vidente não terá condições de enxergar tudo o que acontece no plano espiritual, mas somente o que tiver permissão para acessar.

É com base em relatos da equipe espiritual socorrista que soubemos que nem todos os Espíritos atendidos são levados imediatamente para alguma colônia espiritual. Muitos continuam em outros “ambientes” da casa, recebendo ainda “tratamentos médicos”. A energia que os encarnados liberam é importante para a recuperação de Espíritos que ainda se encontram presos às verdades criadas pelo Ego, daí o fato de alguns afirmarem que não enxergam ou que não ouvem. De certa forma, eles se esqueceram de que, no plano astral, os órgãos físicos não são mais necessários. É tudo uma questão de readaptação à verdadeira pátria.

É possível concluir que as aflições que atingem os seres desencarnados vitimados pela eutanásia são produções mentais e não uma hipotética “desencarnação antes do tempo”. Aquele que cultivou excessivamente uma visão materialista em sua última encarnação, com o desligamento do Espírito, vivencia durante algum tempo o fruto da “cegueira” e da “surdez” espiritual que cultivou na Terra, sofrendo por não saber o que está acontecendo com ele.

Muitos que desencarnam por eutanásia permanecem dormindo por um período variado para cada caso: os sentimentos e pensamentos que cultivaram, as atitudes amorosas praticadas, etc. Mas é importante lembrar que, se pessoas encarnadas orarem, a recuperação será muito mais rápida. A energia emitida pelas preces é excelente e indispensável remédio para todos, encarnados ou não.

Porém, se acreditarmos que apenas Deus teria o direito de definir a hora que o Espírito seria desligado do corpo, ou seja, quando acontece a morte, não existe eutanásia e nem o processo oposto, a distanásia. Aquele que “antecipa” ou “prolonga” uma existência seria apenas um instrumento da justiça divina, já que a hora programada para o desencarne ainda não chegou ou nem passou. Ou seja, dizer que somente Deus tem esse direito, significa dizer que só Deus pode fazer isso.

CAPÍTULO 12

DIALOGANDO COM OS “FALSOS PROFETAS”

Como os demais capítulos, este também é polêmico. Como definir quem são os “falsos profetas?”. De forma geral, cada religião se considera a “verdadeira” e as demais como sendo as “falsas”. Os doutrinadores da rival agremiação religiosa costumam ser classificados como “falsos-profetas”. Porém, cada religião tem os seus “falsos-profetas”.

Segundo alguns Espíritos comunicantes, no plano espiritual não há a necessidade de religião. Essa é uma necessidade tipicamente dos seres enquanto encarnados e ainda em fase de amadurecimento e esclarecimento espiritual mais profundo. Por isso, dizem que as religiões também são campos de provação para nós, os encarnados. Sempre que idolatramos uma religião, nos esquecemos de amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, já que deixamos de emanar amor universal para amar apenas os que pensam e agem da mesma forma.

Como salientamos, os “falsos profetas” estão em todas as religiões, e são aqueles que passam a difundir que sua religião é a verdadeira, a superior, e que as demais são falsas e devem ser combatidas.

Na categoria de “falsos profetas” estão incluídos, também, os Espíritos que, após a encarnação, utilizaram seu poder de liderança religiosa ou espiritual para se beneficiar materialmente. Nessa categoria, há ex-pastores evangélicos que encontraram na religião uma forma de fazer fortuna, ex-líderes de seitas, grupos esotéricos ou “Nova Era” que comercializavam o intercâmbio com a espiritualidade e até médiuns kardecistas ou de umbanda que não usaram a mediunidade que receberam da Providência Divina para a prática da caridade ou que se fingem médiuns para autopromoção.

Normalmente, antes do início do trabalho de psicofonia, a espiritualidade socorrista costuma instruir o grupo. Naquele dia, a informação transmitida era de que o trabalho daquela noite seria com os “falsos profetas”. foi possível notar que estes costumam apresentar rápido raciocínio e domínio dos ensinamentos sagrados. Ou seja, na maioria das vezes o grupo está diante de Espíritos cultos e que gostam de conversar. O problema dos “falsos profetas” costuma ser o orgulho, o charlatanismo e a crença de que ainda se encontram encarnados e ludibriando as pessoas.

Vamos narrar o caso de um Espírito muito irônico. A impressão era de que ele havia se aproveitado muito bem de sua profissão de “falso profeta”. Assim que a médium entrou em transe, ele começou a nos oferecer seus serviços de orientação espiritual. Foi fácil notar que ele ainda não havia se apercebido de que não estava mais entre os encarnados. Quando recebeu a notícia, quis saber onde estava e começou a ficar mais interessado no diálogo que ali se travava. Parou de falar um pouco e tornou-se mais receptivo.

De repente, exclamou: “Então existe mesmo essa história de alma!”. Ao mesmo tempo em que parecia contente com a revelação, começou a contar que havia magoado muitas pessoas. Ele demonstrava sinais de arrependimento. Mesmo sem saber o que ele havia feito, ele ouviu a seguinte informação: que buscasse se abrir, a partir de agora, para os ensinamentos espirituais e que se tornasse mais um trabalhador no plano espiritual.

Tive a impressão de que o diálogo surtiu algum proveito para ele. Aparentemente estava feliz e pediu uma prece.

Este outro caso de Espírito que vivenciou o ego de “falso profeta” na Terra, atendido pelo grupo, é ilustrativo. Sem perceber que estava se manifestando por meios mediúnicos, assim que viu o animago

falou: “Boa-noite, irmão, deseja algum conselho?”.

Ele foi informado que o grupo estava contente com sua presença e que gostaria muito de ouvir seus conselhos. Porém, também gostaria que ele ouvisse os conselhos que seriam passados para ele, caso não se importasse.

Surpreso, talvez por ele ser a pessoa que vendia conselhos espirituais, quis saber o que o animagogo tinha para lhe dizer. Ao ser informado que estava vivendo no mundo espiritual, que era um ser desencarnado, e que seu corpo físico não mais existia, ele disse: “Mas eu não estou no Céu! Onde está o Céu para onde eu deveria ir?”.

Ficou patente, naquele momento, que ele vagava desorientado pela Terra, acreditando que ainda estava encarnado e vendendo seus conselhos espirituais.

Ao ser informado que não existia um espaço circunscrito chamado de “céu” ou de “inferno”, mas que o reino de Deus estava dentro de cada um e que, para se libertar da Terra, ele precisaria mudar suas atitudes (sentimentos e pensamentos), ele se interessou e perguntou como fazer isso.

Ele foi orientado a fazer uma prece do fundo da alma, pedindo ajuda e o esclarecimento espiritual. Meio arrependido, ele não quis fazer a prece e pediu para que o grupo a fizesse. Durante a realização, ele foi retirado e o médium readquiriu sua consciência.

Um outro “falso profeta” que foi atendido pelo grupo não tinha interesse em dar conselhos. Sua preocupação era com o fato de “não estar no Céu”. Ao contrário do anterior, tinha consciência de que não se encontrava mais no mundo dos encarnados.

Ao perguntar onde estava, ficou intrigado com a nossa resposta e disse: “Aqui não se parece com nenhuma das igrejas que conheço. Isto não parece uma Casa de Cristo”.

Ele foi esclarecido da sua participação em um trabalho mediúnico e que sua comunicação conosco, os encarnados, se dava através de um sensitivo. Ele, então, disse-nos que já havia escutado falar no assunto, mas que não acreditava nisso. Porém, sem alternativa, aceitou o fato, e pediu uma prece antes de ser retirado.

Um caso típico de charlatão que vivera da exploração espiritual na Terra foi atendido em uma noite. Ele se mostrava tranqüilo e muito irônico. Possivelmente seria um Espírito que os adeptos da Doutrina Espírita classificariam como “zombeteiro”.

Ao contrário dos Espíritos que questionavam seriamente ou com desconfiança onde estavam, este parecia estar bem tranqüilo quando fez a pergunta. E quando soube que havia desencarnado, respondeu com uma mistura de ironia e curiosidade: “Ih! Então eu já era!”.

Sua forma descontraída de conversar com o grupo ajudou a criar um clima bem amistoso, apesar da seriedade do trabalho. Ele foi informado que o corpo físico que usou em sua última encarnação *já era* mesmo. Porém, sendo um Espírito eterno, ele permanecia vivo.

Ele parecia tranqüilo com sua nova situação, lamentando apenas um pouco de dor em seu corpo astral. Ele foi orientado a tentar amenizar a dor com a força do pensamento e pedir em uma prece sincera, a Deus e a Jesus, a ajuda necessária para se livrar das dores, já que elas eram reflexos da existência humanizada da qual estava se libertando, e retomar sua consciência espiritual plena.

Com expressão de curiosidade perguntou ao animagogo se a prece realmente funcionava. Ao ouvir que sim, tanto no mundo material como no espiritual, ele pediu que uma fosse feita por ele.

Estes casos apresentados acima resumem, de certa forma, a condição dos Espíritos que viveram

o Ego de “falsos profetas” na Terra. E não importa a religião que abraçaram, conforme a maioria relata, por algum período ficaram na escuridão, sofreram dores e sentiram-se atordoados mentalmente por não encontrarem o Céu que “venderam” na Terra.

Como foi possível perceber, não são Espíritos “maus”, apenas não fizeram com amor a missão que receberam. Usaram para fins egoísticos o poder que Deus confiou a eles.

CAPÍTULO 13

ALGUNS DESAFIOS E A BUSCA DO AUTODOMÍNIO

Os casos que apresentarei a seguir são paradigmáticos no que se refere ao aprendizado da equipe de médiuns que realiza esse trabalho animagógico essencial com seres incorpóreos. Apesar de toda e qualquer preparação teórica, é somente na hora do contato com os Espíritos necessitados que se aprende a ter autodomínio sobre a situação e a superar diversas barreiras.

A Animagogia é, sobretudo, uma prática educativa e não apenas uma teoria. E é justamente no trabalho cotidiano com os seres incorpóreos que o trabalho se torna pleno. Sem falar que os casos mais complexos, onde o ódio parece ser fim, que inúmeras lições morais podem ser aprendidas. Escrevo isso porque, compreendendo o problema de cada Espírito, aprendemos que, de fato, o único caminho para a libertação do Ego está no ensinamento cristão: “amar o outro como a si mesmo”.

A Animagogia com os seres incorpóreos é um dos trabalhos de doação voluntária mais difícil e, a cada novo encontro, notamos como ainda não estamos totalmente preparados para realizá-la. Os problemas são tão singulares e cada caso exige autodomínio para não ofender nem agredir o Espírito comunicante, para não se envolver emocionalmente com cada um e nem transformar em meras curiosidades suas experiências traumáticas, respeitando a experiência e o valor de cada Espírito, sem julgá-lo ou puni-lo.

Devemos nos lembrar também que mesmo que “erraram” ao deixar de amar, cada Espírito humanizado não deixa de ser um instrumento inconsciente da justiça divina. Ou seja, seus atos serão sempre aqueles que o outro, naquele momento, necessita receber.

Não conseguindo esconder o medo

Em um dos primeiros trabalhos de esclarecimento que acompanhei, foi trazido um Espírito que parecia muito irritado. Queria saber por que aquele grupo tinha perturbado sua paz e por que estavam com aquela “conversa mole” para cima dele. Em determinado momento, olhou bem para o animagogo e lhe perguntou: “Por que você está com medo de mim?”.

O animagogo respondeu-lhe que não era medo, mas a ansiedade normal que cerca o primeiro encontro com um desconhecido, ainda mais com um ser que já deixou o mundo material. Mas que, apesar de tudo, estava ali para ajudá-lo no que estivesse ao seu alcance e competência. O Espírito, embora se lamentasse por não conseguir fazer nada direito, felizmente, se abriu e extravasou seu ódio, podendo, assim, ser socorrido para esferas mais elevadas.

O falso irmão

Neste outro caso, o trabalho estava sendo realizado com um Espírito que manifestava uma forma feminina. Ela parecia perdida e manifestava muito medo. Não parecia uma entidade revoltada, apenas desorientada. Enquanto conversava com o grupo, um segundo Espírito se manifestou em outro médium

e começou a dizer que era irmão dela e pedia-lhe para acompanhá-lo. Seu tom de voz era estranho e sem afeto. Era nítida a falsidade em sua intenção.

O animagogo continuou o atendimento e questionou o primeiro Espírito se conhecia aquele que se identificava como seu irmão. Além de responder negativamente, informou que sentia muito medo dele. Mas o Espírito continuava insistindo para que ela fosse embora com ele. De repente, um terceiro médium incorporou um dos mentores do trabalho, que, com uma postura séria e vigorosa, criticou o Espírito que tentava enganar a jovem desencarnada. Não sabemos o que aconteceu, mas o Espírito começou a chorar e afirmou estar arrependido, dizendo que não enganaria mais as pessoas. Dessa vez ele pareceu sincero e foi retirado pela espiritualidade que conduzia o trabalho e o animagogo continuou o seu diálogo com a entidade feminina.

Após o incidente, os médiuns foram orientados a não dar passagem a mais de um Espírito por vez, exceto em casos excepcionais de interesse dos mentores espirituais, para que algo semelhante não voltasse a ocorrer. A intenção daquele Espírito não era boa, mas, aparentemente, também acabou sendo esclarecido e auxiliado. Em suma, nada acontece sem a permissão de Deus.

A felicidade e a horizontalidade da cooperação

Um Espírito infeliz, mas sem dúvida esclarecido, manifestou-se. Para cada colocação do animagogo, havia sempre uma resposta na ponta de sua língua e ele sempre dizia que o animagogo tinha os mesmos problemas. Por exemplo, quando o animagogo falava sobre a importância de se livrar do ódio, ele dizia que o animagogo tinha muito ódio em seu coração. Se falasse algo sobre felicidade, ele respondia que o animagogo também não era feliz.

Aquela entidade parecia não compreender como alguém que vivia os mesmos problemas poderia lhe ajudar. O animagogo falou que, independentemente de estarmos encarnados ou não, estamos todos juntos nesse processo de aprendizagem, trabalhando e buscando nosso próprio aprimoramento espiritual, aprendendo a amar universalmente. E, naquele momento, ele (o Espírito) não estava apenas sendo ajudado, mas também ajudando o grupo a aceitar que devemos ser felizes incondicionalmente, libertando-se do rancor e do ódio, perdendo etc. Essa fala o deixou sensibilizado. Mas calmo, pediu ao grupo que fizesse uma prece por ele.

O poder da mente e a criação do sofrimento

Um Espírito manifestou-se pedindo ajuda. Ele se dizia amarrado e que não conseguia se livrar das cordas. Nesse momento, o médium que apenas recebia os Espíritos condutores do trabalho (seja para auxílio no esclarecimento dos desencarnados ou para trazer alguma informação para a equipe de médiuns) incorporou uma mulher que, possivelmente, havia sido a mãe biológica do rapaz.

Ela agradeceu pelo grupo estar ajudando-o e disse que esperava ansiosamente por esse momento. Ela mesma, então, começou a esclarecer o Espírito. Disse-lhe que ele não estava amarrado e que deveria desfazer aquela imagem para se libertar. Falou que, pela forma como desencarnou (não ficamos sabendo detalhes do que aconteceu), ele mantivera aquela impressão e sofrimento em sua mente pelo

tempo que Deus considerou necessário e como forma expiação. Mas que já era hora dele perceber que não tinha mais o corpo físico. Quando o Espírito parecia estar rompendo com o pensamento doentio que o prendia àquela situação, ela pediu para fazer uma prece e foi embora junto com o rapaz. Ambos os médiuns voltaram à consciência quase simultaneamente.

Uma segunda chance

Esse caso foi muito emocionante. O Espírito que se manifestou disse que se chamava André e que sentia muito frio nas mãos. Quando o animagogo segurou suas mãos, ele disse emocionado que conhecia aquelas mãos, que conhecia quem estava segurando-as e que já tinha estado naquela casa. Porém, no encontro anterior, ele não tinha conseguido compreender o que haviam falado para ele, mas recebeu o auxílio que necessitava. Somente nessa segunda oportunidade é que tomou consciência de estar desencarnado.

Ao retomar a consciência de ser um Espírito eterno, ficou mais tranqüilo e agradeceu pela ajuda. Solicitou uma prece e se afastou do médium.

Sufrimento secular, mas não eterno

Em uma noite de trabalho, o grupo foi alertado pela espiritualidade que o trabalho seria difícil. O grupo estaria diante de Espíritos que sofriam, no mundo espiritual, há séculos. Tratava-se de entidades desencarnadas em guerras e que, por causa do ódio que traziam em seus corações, não conseguiam ser socorridas pela espiritualidade superior. Somente o tempo era capaz de dissipar tanto ódio, permitindo a ajuda a esses Espíritos presos fortemente ao Ego.

A energia do grupo e a conversa com o animagogo seriam importantes para ajudá-los, uma vez que nenhum deles era capaz de ver ou ouvir os Espíritos socorristas.

Não foi difícil notar que a maioria dos Espíritos que se manifestaram naquela noite demonstrava muito orgulho. Poucos assumiam a necessidade de ajuda e se postavam de forma arrogante diante de nossa tentativa de diálogo.

Um deles, porém, assim que se manifestou, disse que precisava de ajuda e que faria tudo o que fosse recomendado para cessar seu sofrimento. Ele ouviu que, em primeiro lugar, precisava se autoperdoar. Somente assim conseguiria ter a consciência tranqüila e se preparar para uma nova encarnação retificadora.

Ele queria saber se Deus o havia perdoado. O animagogo disse a ele que Deus não precisa perdoar ninguém, pois Ele apenas ama. Naquele momento era ele mesmo quem precisava se perdoar. Ele foi orientado a olhar ao redor e ver os Espíritos que estavam ao seu lado querendo ajudá-lo, levando-o para um lugar tranqüilo onde receberia tratamento. Ele, então, disse que não merecia ajuda e, angustiado, confessou que havia cometido muita maldade. Ele foi acalmado com a afirmação de que apesar de não ter colocado amor em seus atos, no fundo ele foi um instrumento inconsciente da justiça divina, já que nada acontece sem a permissão de Deus.

O zombeteiro aparentemente de bem com a vida

Assim que se manifestou, o Espírito começou a ironizar o corpo do médium. Mexeu as pernas e os braços e disse, com ironia: “Esse corpo está meio enferrujado”. Em seguida, cruzou as pernas, apoiou a mão sob o queixo e disse que não prejudicava ninguém, por isso não sabia por que havia sido levado até ali. Então contou que gostava de se aproximar das pessoas e de se divertir com elas. O animagogo perguntou se ele não gostaria de melhorar seu padrão vibratório, reencarnando e procurando ajudar as pessoas. Ele respondeu que se sentia feliz naquela situação. Desejou ao grupo sucesso no trabalho e pediu para que fizéssemos uma prece antes de ele se retirar.

Do repúdio ao trabalho ao auxílio ao filho

O Espírito estava muito irritado no início do atendimento. Manifestou todo o seu repúdio ao trabalho que ali se realizava e disse que queria ir embora, pois não precisava de nenhuma ajuda. Falou também que aquele grupo era muito orgulhoso e que não necessitava dos serviços. Ao ser questionado se ele aceitaria uma prece antes de partir, ele disse que o grupo poderia ajudar as pessoas, menos ela (sic).

Não foi possível saber quem era a pessoa que não merecia ajuda. Ao ser questionado sobre o motivo do grupo não poder ajudá-la, ele disse o seguinte: “Porque foi ela quem me matou”. Ele foi aconselhado a perdoar tal pessoa, pois assim seria muito mais feliz. Ele quis saber se o animagogo já havia perdoado alguém. Este, ao responder que havia perdoado o pai que o fizera sofrer muito e que orava sempre por ele, despertou algum sentimento ou lembrança naquela entidade. De repente, começou a chorar e disse que precisava ver os filhos, que estava com muita saudade deles. O animagogo sugeriu que fizesse uma prece por ele e pelos filhos. Nesse momento, ele disse que estava vendo um dos filhos. Afirmava que o filho estava ali presente. Não foi possível saber se era uma das pessoas encarnadas ou se o filho, já desencarnado, manifestara-se para ele naquele momento. Ele repetia, chorando: “Ele está aqui! Ele está aqui!”. O grupo fez uma prece por ele e pelos filhos e o Espírito se retirou, fazendo com que o médium voltasse ao seu estado de vigília.

O Espírito viciado em sexo

Certa noite manifestou-se um Espírito bem singular. Ele parecia muito seguro de si. Disse que não precisava de ajuda. Falou ainda que nada tinha para dizer naquela reunião e que nada tinha contra o trabalho que ali se realizava. Ao ser perguntado sobre o que gostava de fazer no plano espiritual, ele respondeu que só tinha interesse por sexo. Contou de sua felicidade porque o Carnaval estava se aproximando e que se “esbaldaria”. ele foi informado que no plano astral ele poderia encontrar outras formas de prazer e, assim, se afastar do plano material e das energias densas dos encarnados. Ele ouviu também que o sexo é uma expressão sagrada e que se pode buscar o prazer nele. Porém, quando só encontramos prazer em determinada atividade, ela se transforma em vício.

Perguntado se não gostaria de sentir prazer em ajudar alguém, em fazer uma prece, sentido toda a vibração amorosa que irradiava, em brincar com uma criança, em cultivar um jardim etc., ele respondeu

que só queria saber de sexo mesmo. Ao ser questionado se acreditava em reencarnação, ele nos respondeu: “Tenho de acreditar, né!”. Quando o grupo se ofereceu para lhe fazer uma prece, ele a rejeitou e foi embora.

Conclusão

Como apresentei no início desse livro, a Animagogia é uma educação espiritualista de cunho ecumênico e universal. No que se refere ao Espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec, ela se utiliza dos ensinamentos (Psicosofia) transmitidos pelo Espírito Verdade, mas ela não é praticada somente nos chamados centros espiritistas. Além disso, nem todas as técnicas utilizadas na Animagogia são aceitas pelos kardecistas.

Em suma, a Animagogia utiliza, sem dúvida, os ensinamentos presente em O livro dos Espíritos, pois eles são importantes para se compreender a vida ativa após a morte e a relação que existe entre o mundo espiritual e o material, conforme foi possível perceber nas descrições dos casos apresentados na terceira parte deste livro. Obviamente que não temos como provar cientificamente tais ensinamentos e nem como provar que a mediunidade é realmente o intercâmbio com um morto ou uma forma de patologia mental.

Além disso, como podemos provar que antes de encarnarmos escolhemos um gênero de provas ou que só vamos morrer na hora prevista? Tudo isso deve ser pensado como hipótese e não como verdade absoluta. Caso contrário, cairemos no fanatismo e no dogmatismo.

Aliás, sobre a relação complementar entre todas as Psicosofias, o Espírito Verdade, na questão 628, faz uma recomendação importante: não negligenciar o estudo de nenhum sistema filosófico ou religião. E é justamente o que acontece nas casas Universalistas que praticam a Animagogia com os seres incorpóreos. Estas casas procuram também compreender a essência dos ensinamentos de Buda, de Krishna e de tantos outros mestres espiritualistas para melhor ajudar os encarnados e desencarnados. Como afirma, ainda na questão 628, o Espírito Verdade: “não há para o estudioso, nenhum sistema filosófico antigo, nenhuma tradição, nenhuma religião a negligenciar, porque tudo contém os germes de grandes verdades que, ainda que pareçam contraditórias uma com as outras, esparsas que estão no meio de acessórios sem fundamentos, são muito fáceis de coordenar, graças à chave que nos dá o espiritismo para uma multidão de coisas que puderam, até aqui, vos parecer sem razão, e da qual, hoje, a realidade vos é demonstrada de maneira irrecusável. Não negligencieis, portanto, de haurir objetos de estudos nesses materiais; eles são muito ricos e podem contribuir poderosamente para a vossa instrução”.

Assim, e de acordo com os ensinamentos espirituais (Psicosofia) do Espírito Verdade, a Animagogia não despreza os ensinamentos de Lao-Tsé, de Krishna, de Buda, de Jesus e de tantos outros mestres que, inspirados por Deus, intuíram verdades confirmadas posteriormente pelas revelações dos Espíritos, através do Espiritismo.

Nesse sentido, a Animagogia, como já salientamos, é uma educação espiritualista voltada, exclusivamente, para a transformação interior, seja de encarnados ou desencarnados. E ela se fundamenta nas Ciências do Espírito que, ao estudar a relação entre o mundo material e o espiritual, reconhece a contribuição de todas as Psicosofias (sabedorias espirituais) ensinadas ao longo do tempo, nas mais direfentes tradições sócio-culturais.

Sistematizando, podemos dizer que a partir da experiência animagógica com os seres incorpóreos, alguns ensinamentos que formam o Espiritismo, se tornam fundamentais neste processo:

- Deus é a causa primária de todas as coisas (questão 01);
- A inteligência é atributo do Espírito (questão 24);
- A matéria resulta de uma única e mesma substância primitiva (questão 32);
- Todos os globos que circulam no espaço são habitados (questão 55);
- O livre arbítrio foi exercido antes da encarnação (questão 258);
- Os Espíritos superiores exercem uma autoridade irresistível sobre os inferiores (questão 274);
- Frequentemente são os Espíritos que dirigem nossos pensamentos e ações

(questão 459) e também os acontecimentos da vida (questão 525);

- Um homem mau, com o auxílio de um mau espírito não pode fazer o mal ao seu próximo (questão 551);
- A verdadeira adoração é a do coração (questão 653);
- Deus julga a intenção e não os fatos (questão 747);
- A fatalidade só existe em função do gênero de provas escolhido pelo Espírito antes da encarnação (questão 851);
- Ninguém morre antes da hora, não importa o perigo (questão 853);
- Caridade consiste em ser benevolente, indulgente e perdoar (questão 886);
- É do egoísmo que deriva todo o mal (questão 913).

E é importante salientar também a diferença que demonstramos existir entre o campo de atuação das Ciências do Espírito e o Espiritismo. Nesse sentido, podemos dizer que:

- Romance espírita significa um tipo de literatura produzida por Espíritos (desencarnados, seres incorpóreos) e que podem estar de acordo ou não com os ensinamentos da Doutrina Espírita, porém, sempre serão objetos de estudo das Ciências do Espírito;
- Operações espíritas, como as praticadas por Dr. Fritz, através da mediunidade de José Arigó, entre outros, são “fatos espíritas” (mediunidade), mas podem e devem ser estudados pelo Cientista do Espírito ou Espiritólogo.
- As Ciências do Espírito não são produzidas dentro dos chamados “centros espíritas”. Estes praticam diferentes formas de mediunismos. As Ciências do Espírito estuda, obviamente, todas as manifestações mediúnicas que neles ocorrem, mas também as que ocorrem nos chamados terreiros de Umbanda e em outros locais, pois estuda a relação entre o mundo material e o espiritual e a vida ativa após a morte.

Enfim, o Espiritismo é uma filosofia espiritualista que foi sistematizada por Allan Kardec através das respostas que obteve dos Espíritos e está presente em O Livro dos Espíritos. Porém, os ensinamentos que formam essa doutrina filosófica não podem ser comprovados cientificamente e muito menos transformados em dogmas.

Porém, em todos os atendimentos aqui apresentados, apesar de nem todas as práticas animagógicas serem aceitas pelo movimento espiritista brasileiro, é importante salientar que em nenhum momento os ensinamentos do Espírito Verdade são negligenciados, pois estes possuem um aspecto filosófico e não definem formas certas ou erradas de comportamento. Ao contrário, com a Animagogia, percebemos o valor de todos os ensinamentos que aparecem em O livro dos Espíritos. Em suma, a Animagogia valoriza todas as faces do espiritualismo, mostrando que a consciência universal e a libertação do Ego acontece através da união de todas essas forças complementares.

E como foi possível demonstrar, o trabalho de orientação e esclarecimento espiritual, chamado por nós de Animagogia, consiste em propiciar inúmeras situações educativas e fraternas para que o ser desencarnado, carente de informação e amor, possa se conscientizar de sua nova realidade e prosseguir em sua caminhada de purificação espiritual, preparando-se para novas encarnações.

Para a realização do trabalho animagógico é necessária uma equipe de médiuns, no mínimo três: um que “incorpora” Espíritos ou psicografa, outro que fará vibração positiva por intermédio de preces, mantendo seu pensamento elevado, e, por fim, o animagogo, aquele que conversará com o Espírito que ali se encontra, algumas vezes contra sua própria vontade, como já salientamos, usando, quando possível, recursos como regressão de memória e outras técnicas próprias da Apometria.

Como já dissemos, essa prática é necessária, pois, nem sempre, a espiritualidade superior consegue se fazer visível e audível para esse ser desencarnado. Em razão da baixa frequência vibracional na qual se encontra, apenas com a participação de encarnados é que esse trabalho pode ser realizado.

Os adeptos da Doutrina Espírita chamam esse trabalho de Doutrinação. Como dito anteriormente, tal expressão manifesta uma forte carga pejorativa, uma vez que aparece associada à imposição de ideologias autoritárias, como o Fascismo, o Nazismo e o Stalinismo. E como já foi salientado, a Animagogia é um trabalho de educação espiritual que visa ajudar o Espírito a libertar-se do Ego, portanto, seu objetivo não é, em nenhum momento, “doutrinar”.

Poderíamos pensar essa questão do ponto de vista arquetípico. O trabalho educativo aqui realizado se manifesta como um dos atributos de Urano que, segundo a mitologia grega, seria um deus heróico, mas que não luta. Ao contrário de seu neto Zeus, que enfrenta e destrói os inimigos, Urano busca “laçá-los” e trazê-los para seu lado. Essa diferença arquetípica pode ser encontrada quando se procura compreender as diferenças entre esclarecer um Espírito e “exorcizar o demônio” ou “passar por uma sessão de descarrego”, em uma igreja evangélica. Não estamos dizendo que essas práticas estejam erradas, pois, se elas existem é porque Deus permitiu. Porém, nos dois últimos casos, o ser incorpóreo que está assediando espiritualmente alguém é tratado como sendo o próprio Mal ou o “satanás” que sempre foi e será um ser das “trevas”.

Quando se fala em esclarecer esse Espírito ainda humanizado, entende-se que, naquele momento, por alguma razão específica, ele encontra-se envolvido pelo ódio e, por esse motivo, age com o desejo de vingança. Porém, sua essência não é má. Lembremos que o Ego não pertence ao Espírito, que é puro e perfeito. O Ego é um agregado que o Espírito necessita para encarnar. Podemos afirmar, portanto, que tal Espírito se encontra desorientado e que precisa de esclarecimento, ou seja, passar por um processo de educação espiritual (Animagogia).

Este trabalho educativo de orientar um desencarnado, mesmo aquele carregado de ódio e desejo de vingança, deve sempre partir da noção de que nos encontramos diante de um ser que “errou” (deixou de amar) e está colhendo o que plantou. Porém, mesmo assim, não é um inimigo, e sim um irmão espiritual necessitado de ajuda.

Em um trabalho de orientação e esclarecimento não se utilizam as técnicas dramatizadas de “exorcismo” ou de afastamento de “encostos”, pois não se trata aqui de lutar contra um “ser do mal”, mas reconhecemos que se estes trabalhos medievais ainda acontecem, é porque Deus ainda permite. Logo, ainda possuem alguma importância.

Foi possível perceber que, mais cedo ou mais tarde, o Espírito se conscientiza de que seu egoísmo foi o responsável pela dor que sente e que, somente por intermédio do perdão e do amor universal poderá encontrar a paz de espírito que tanto almeja.

Esse trabalho, porém, não é infalível. Nem todos os Espíritos conseguem auxílio por meio das técnicas animagógicas, o que nos leva a compreender que nada acontece antes do tempo.

Algumas pessoas sempre me perguntam por que a espiritualidade faz uso dos médiuns para ajudar esses Espíritos. Possivelmente, esse fato acontece em razão do tipo de vibração manifestada por esses desencarnados. Ou seja, seu padrão vibratório é baixo, muito mais próximo do dos encarnados. Assim, poucos são capazes de enxergar ou ouvir os Espíritos que atingiram um grau de aprimoramento mais elevado, portanto, necessitam de alguém que esteja próximo do seu campo vibratório: no caso, de um encarnado, para receber ajuda.

Nem sempre, porém, as palavras afetuais do animagogo serão suficientes para apaziguar a dor

ou o ódio do Espírito, sendo necessários vários encontros ou o uso de uma técnica que consiga ir mais fundo no inconsciente do Espírito. No caso, a Apometria. Neste livro não mostramos nenhum caso tratado com essa técnica. Para os interessados, eu recomendo o meu livro “Ciência e Espiritualidade: trabalhos práticos de Apometria”, que se encontra na forma de e-book na internet.

Os melhores resultados são obtidos com os Espíritos que não agem conscientemente no prejuízo de outrem, mas que se encontram desorientados, sem saber o que está se passando com eles. Muitos nem sabem que desencarnaram. Alguns, por sempre terem acreditado que a vida se extinguiria com a morte física, acham que estão vivos, mas não compreendem porque seus familiares ou amigos não os escutam ou conversam com eles.

Alguns Espíritos desorientados são trazidos por diversas vezes. Na primeira, nem sempre conseguem entender como foram trazidos e não compreendem as palavras do animago. Na segunda vez, dependendo do caso, mostram-se mais abertos ao auxílio e agradecem. Outros Espíritos, quando convidados a fazer uma prece, dizem que sempre rezaram e que isso de nada adiantou, e que continuam sofrendo. Porém, quando se apercebem que suas orações eram mecânicas, decoradas e da “boca para fora”, compreendem a força de uma prece que vem do fundo da alma, que manifesta o perdão verdadeiro e o desejo ardente de ser auxiliado. Nesse momento, solicitam ao animago que faça uma prece por eles ou, muitas vezes, decidem fazê-la.

Os mais atormentados, os mais rudes, nem sempre conseguem ser auxiliados. Guardam muita mágoa e ódio e não conseguem perdoar. A conversa poderá, algumas vezes, acalmá-los um pouco, fazer com que reflitam sobre o que estão fazendo, mas ainda não será suficiente para que possam ser socorridos imediatamente. Mesmo assim, após algumas reuniões, já se encontram preparados para o auxílio sem a intervenção dos encarnados.

A ajuda só é possível se o Espírito está preparado para aceitá-la. É uma questão de livre-arbítrio. Felizmente, segundo todos os mestres espiritualistas, “nenhuma ovelha se perderá” e, mais cedo ou mais tarde, cada um encontrará seu caminho de volta ao Lar. É por isso que não existem o bom e o mau, o certo e o errado. Porém, o único caminho para se libertar do egoísmo e das sucessivas encarnações no orbe terrestre é o amor universal.

Se noções ou valores espirituais fossem discutidos e aprendidos em salas de aulas, muitos, ao regressarem ao mundo espiritual, não precisariam ficar tanto tempo desorientados ou em estado “errante”. O mundo espiritual é uma realidade que a própria ciência, sobretudo aquela que dá suporte às Terapias de Vidas Passadas, à Psicologia Transpessoal ou Holográfica vem esclarecendo. Nesse sentido, um enfoque científico para o tema é possível, sem a necessidade de envolver religião ou preocupações de fundo doutrinário, uma vez que a existência das religiões é uma necessidade apenas dos mundos de provas e expiações.

O esclarecimento fraternal e a emissão de energia positiva é a melhor maneira de auxiliar o Espírito “obsessor” que escolhe suas vítimas (que se encontram no mesmo padrão vibratório) com o objetivo de aliviar seu sofrimento ou por não ter ainda perdoado seu algoz de outra existência.

Muitos, ao descobrir que são capazes de descarregar seus fluidos deletérios sobre alguém que não se “vigia”, encontra uma forma simples de aliviar sua dor, apesar de não extirpá-la, pois somente por intermédio do perdão, do amor incondicional, da busca de aprimoramento moral é que, de fato, irá encontrar a felicidade, aclamada por avatares como Buda ou Jesus.

A “obsessão” alivia de forma ilusória, já que tanto o obsessor como o obsedado, por seus sentimentos e pensamentos de baixa vibração, permanecem estacionados espiritualmente.

Assim, é por meio da palavra amiga, do amor incondicional, em suma, dos “laços de Urano”, que o Espírito obsessor poderá mudar de lado e se tornar mais um “trabalhador da última hora” na seara do Cristo.

O poder de Urano, se não utilizado de forma correta, ou seja, simbolicamente, para o amadurecimento do Amor verdadeiro, poderá se virar contra ele próprio. Isso é simbolizado pelo ato em que seu filho Cronos (o tempo) corta sua genitália e a lança ao mar. Nasce daí a sedução, a sensualidade e o amor que corrompe, na figura de Afrodite.

É por isso que o trabalho de esclarecimento deve ser realizado com muito amor e Fé.

notas

¹ A palavra *demônio* deriva do grego *daimon*, utilizada por Sócrates para se referir ao seu guia espiritual ou “anjo da guarda” com quem costumava conversar e de quem recebia conselhos. Na Antiguidade era uma palavra para representar Espírito, não importando se o mesmo era “bom” ou “mau”. Posteriormente passou a representar um ser espiritual malévolos. Hoje, algumas linhas psicológicas usam a expressão para identificar o nosso Ego, um demônio interior com o qual lutamos diuturnamente.

² Na Animagogia se interpreta que o livre-arbítrio foi exercido antes da encarnação, quando o Espírito escolheu o gênero de provas que deseja vivenciar na Terra, como ensina o Espírito Verdade em O Livro dos Espíritos. Após a encarnação ele passa pela expiação que seria viver as vicissitudes da vida humanizada, ou seja, os momentos positivos e negativos, de alegria ou de tristeza, criadas de acordo com o gênero de provas escolhido. Nesse sentido, os atos da vida material estão escritos, é o famoso Maktub das filosofias islâmicas. O livre-arbítrio, após a humanização do Espírito é moral, ou seja, ele pode vivenciar com amor ou com egoísmo sua vida humanizada. Em suma, será através da energia emanada para o Universo por cada Espírito que Deus criará as provas de cada um e também os usará como instrumentos de Sua justiça. Essa interpretação também aparece em O Livro dos Espíritos, na questão 258, apesar de não ser aceita pela maioria dos espíritistas.

³ Recentemente tivemos uma comprovação empírica desse fato. Em um local onde atualmente temos um bairro residencial de classe média, na cidade de São Carlos, antes do descobrimento do Brasil era habitado por uma tribo indígena que fazia sacrifícios humanos e, posteriormente, na época da escravidão, foi palco de trabalhos de magia negra realizados por feiticeiros vindo da África. Pessoas mais sensíveis costumam se sentir mal no lugar, dizendo que a energia do lugar é “pesada”. Através de trabalhos mediúnicos de Umbanda realizados em um terreiro da cidade, fomos informados dessa história e o local vem sendo limpo, a cada nova reunião. Felizmente parece que muitos Espíritos estão sendo libertados daquela ilusão em que se encontravam há séculos. A ciência já fala na existência de mundos paralelos, mas talvez não saiba que eles estão intimamente interligados ao mundo que habitamos. A mediunidade é a porta para se adentrar nesses mundos invisíveis que interagem, sem a nossa consciência, com o mundo visível, realizando trocas energéticas nem sempre salutares para quem está do lado de cá. Em suma, dois corpos só não ocupam o mesmo local no espaço se estiverem na mesma dimensão.

⁴ O pensamento materialista cultivado pelo espírito humanizado durante a sua encarnação tende a bloquear o contato com as esferas mais sublimes e a sua sensibilidade espiritual. O Ego materialista tende a criar por meio do pensamento uma barreira energética que não permite compreender a nova

realidade em que se encontra. Somente com as orações sinceras de familiares e amigos tal barreira pode ser amenizada e o Espírito ser socorrido de sua ilusão.

⁵ Neste caso, com freqüência, o Espírito desencarnado torna-se um “obsessor”, assediando extrafísicamente aquele por quem nutre ódio. Deus permite esse processo como prova para o encarnado, vítima desse assédio espiritual. Daí ser o ensinamento cristão “reconcilia-te com o seu inimigo enquanto se encontram no caminho”, até hoje, a melhor forma de evitar obsessões ou assédio extrafísico.

⁶ Entendemos por doutrinação a imposição por meio de técnicas persuasivas de um modelo teórico ou de um sistema ideológico ou religioso, conforme definição do filósofo Olivier Reboul. Em outras palavras, a dimensão dialógica e a alteridade não encontram espaço no que se convencionou chamar de doutrinação. A doutrinação se caracteriza por ter um discurso e métodos persuasivos uma vez que possui como objetivo arrebanhar novos adeptos para a Doutrina ou para a Ideologia em questão.

⁷ Entendemos por ressurreição não o retorno do Espírito para o plano espiritual, como Kardec, mas a sua libertação do Ego. Portanto, a ressurreição pode acontecer em qualquer momento, estejamos ou não encarnados. Se nos libertarmos do Ego enquanto nos mantivermos presos a um corpo físico, mais fácil será nossa readaptação ao mundo espiritual, nossa verdadeira pátria, no momento do desencarne.

⁸ O que comumente chamamos de “carma”, ou seja, os “débitos” adquiridos pelo espírito humanizado, não se relacionam com os atos materiais, mas com a intencionalidade. Esse assunto será aprofundado no livro *A animagogia do Baghavad Gita*, mas para o leitor poder compreender, vamos dar um exemplo. Se estou jogando futebol e, em uma dividida, quebro a perna de um outro jogador sem a intenção de agredi-lo, fui um instrumento do “carma” daquele espírito humanizado, sem que este ato me prejudique espiritualmente. Mas, se entrei mais duro em uma jogada por raiva ou desejo de feri-lo e a ação resultou na quebra da perna daquele jogador, passarei por uma vicissitude negativa de igual teor energético, nessa ou em outra encarnação. Nos dois casos, fui um instrumento nas mãos de Deus. Porém, somente o ato vivenciado sem amor resulta em “carma” para o espírito. No mesmo sentido, o Espírito Verdade diz que o abortamento voluntário ou o suicídio voluntário é crime contra as Leis de Deus. Ou seja, se houve a vontade (intenção) de cometer o ato, gerou-se “carma”. Em nenhum momento o Espírito Verdade condena o aborto espontâneo ou o suicídio cometido sem intenção.

⁹ Na essência, o que existe onde enxergamos Lua ou Marte é também fluido cósmico universal.

¹⁰ É importante diferenciamos o significado para a palavra atitude e ato. A atitude é sempre uma ação interior, ela pode ser amorosa, egoística, orgulhosa etc. O ato, por sua vez, é o que acontece exteriormente. Assim, um mesmo ato (dar pão para mendigos) pode ser vivenciado por atitudes diferentes, por exemplo, com amor ou com orgulho, com benevolência ou para se destacar no grupo religioso do qual participamos. Se o ato fosse mais importante que a atitude (intenção), aquele que dá mil reais para um trabalho social estaria mais próximo de Deus do que o outro que dá apenas um real. É por isso que Deus julga a intenção e não o fato, segundo os Espíritos.

¹¹ Essa “vontade de Deus” é metafórica, uma vez que ele é o único “espírito” que não pode ter vontades. Ele apenas trabalha para a concretização de tudo aquilo que pedimos para vivenciar antes de encarnar,

para dar formas materiais ao gênero de provas que solicitamos, fazendo interagir todos os gêneros de provas para que possamos, ao mesmo tempo, viver nossas vicissitudes e sermos instrumentos para a ação que o outro necessita passar.

¹² Jesus afirmou que aquele que não for puro como uma criança não entrará no reino de Deus. Recentemente, um fato curioso comprovou essa sabedoria. Em uma determinada cidade, bandidos entraram em uma casa, rendendo toda a família. Enquanto um deles mantinha todos no chão, apontando uma arma, um outro roubava vários objetos. Enquanto os adultos se preocupavam, a criança mais nova disse: “que legal mãe! Igualzinho na TV!” Essa é a pureza e a ingenuidade que não podemos perder, ainda mais quando se tem a consciência de que tudo é ilusão, que não existe morte, doenças, acidentes etc., apenas provas que devemos suportar com amor. Presos ao Ego, acreditamos em assalto; libertos dele, enxergamos no ato uma prova de desapego material e de Fé incondicional em Deus.

¹³ Certa vez em uma palestra, falando sobre esse tema, uma pessoa me perguntou porque, então, uma pessoa consegue libertar-se de uma obsessão através da apometria e não pelas técnicas de doutrinação kardecista. Isso acontece por que cada técnica foi criada para um tipo diferente de obsessão. Enquanto os kardecistas ironizam as práticas evangélicas de “descapetamento”, dizendo que elas são ineficazes, irão gerar a necessidade de ver casos de obsessão não sendo resolvidos nas suas próprias casas espiritualistas e sim, nos trabalhos apométricos, que tanto criticam. Porém, se os apômetras acreditarem que são eles que resolvem os problemas, gerarão o mesmo “carma”. O importante é atentar que, não importa o caso ou o lugar de tratamento, é sempre Deus que realiza a cura em função do merecimento já adquirido pela “vítima”.

¹⁴ É comum em alguns livros escritos por spiritistas uma crítica ao catolicismo pelo estágio atual da Terra. Dizem que se não fosse a Igreja Católica, na Idade Média, a Terra estaria muito melhor hoje. Isso é ilusão. Muitos Espíritos evoluíram graças aos “absurdos” cometidos pela Igreja no passado, resignando-se diante dos “abusos” cometidos, enxugando o excesso de egoísmo que traziam na alma. Aliás, hipoteticamente falando, o mesmo que hoje critica a Igreja Católica pode ter sido um dos seus mais fervorosos adeptos no passado, em uma encarnação anterior. Enfim, “vítimas” e “algozes” existem somente em nossa cabeça, em nosso Ego.

¹⁵ O livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, escrito pelo espírito Humberto de Campos, através da mediunidade de Chico Xavier, publicado, originalmente, em 1938, traz um estudo histórico da influência espiritual na formação do território brasileiro. Porém, uma passagem interessante é quando “Jesus” conversa com o espírito que irá encarnar para viver o Ego D. Pedro II. Reproduzirei parte do livro na qual fica evidente a escolha do espírito em função do personagem a ser vivenciado. Jesus diz o seguinte ao espírito: “será imperador do Brasil, até que ele atinja a sua perfeita maioridade, como nação. Concentrarás o poder e a autoridade para beneficiar a todos os seus filhos. (...) A autoridade, como a riqueza, é um patrimônio terrível para os espíritos inconscientes dos seus grandes deveres. (...) Inspirarei as suas atividades; mas, considera sempre a responsabilidade que permanecerá nas tuas mãos. (...) Procura aliviar os padecimentos daqueles que sofrem nos martírios do cativo, cuja abolição se verificará nos últimos tempos do teu reinado. Tuas lides terminarão ao fim deste século, e não debes esperar a gratidão dos teus contemporâneos; ao fim delas, serás alijado da tua posição por aqueles mesmos a quem proporcionares os elementos da cultura e liberdade”.

¹⁶ Em uma passagem dos Evangelhos, quando Jesus diz que será crucificado, aquele diz: “Deus não o permita, Senhor! Isso de modo algum te acontecerá!”, e Jesus afirma que ele fala como ser humano, sem entender das coisas de Deus.

¹⁷ Citarei uma outra passagem da história de Chico Xavier, conforme aparece no livro *O prisioneiro do Cristo*, de R. A. Ranieri. Este autor nos conta que alguns dias antes de um acidente de trem acontecer, o médium “viu” os espíritos chamando aqueles que deviam subir no trem e, ao mesmo tempo, orientando alguns que lá estavam para descer. Todo esse trabalho era feito com base em uma lista enorme já existente. Em suma, o acidente estava programado para acontecer e participariam daquela encenação somente os que “mereciam” estar na representação para que não houvesse injustiça. Enfim, se isso é verdade, quem devemos culpar: o maquinista, o trilho ou o governo?

¹⁸ Esta é uma expressão utilizada pelo espiritismo para se referir aos Espíritos não esclarecidos que, por ódio de alguém, passa a prejudicá-lo, enviando fluidos deletérios ou o intuindo com idéias e pensamentos negativos. Outras linhas espiritualistas chamam de “espíritos vampiros”, “demônios”, etc. Aqui concordamos com a doutrina espírita que afirma que tais Espíritos não são maus por natureza. Apenas agem prejudicando outras pessoas por não terem ainda alcançado um grau de esclarecimento espiritual. Mas é importante lembrar que Deus permite a obsessão como prova para aquele que, naquele momento, é a “vítima”. O verdadeiro cristão perdoa o inimigo, pois sabe que no mundo ilusório da matéria aquele que nos ofende é apenas um instrumento para nossa evolução espiritual, dando-nos oportunidade de praticarmos a indulgência, por exemplo. A mesma idéia está presente na não-ação taoísta, onde, independentemente do que nos acontecer, devemos sempre responder com amor, benevolência e perdão.

¹⁹ Todos nós, ao dormirmos, projetamos nosso Espírito para fora do veículo físico. Trata-se de um fenômeno conhecido como desdobramento. Muitas vezes, podemos ir para outras dimensões, como é o caso da projeção astral. Algumas pessoas, talvez a minoria, conseguem fazer projeções conscientes. Ou seja, elas se lembram de todos os detalhes do que viveram fora do corpo físico. A maioria tem *flash* do que aconteceu por intermédio dos sonhos ou muitas vezes não se lembra de nada do que fez fora do estado de vigília. Algumas técnicas de meditação ajudam as pessoas a conseguirem fazer o desdobramento consciente, entrando em contato com seres incorpóreos ou realizando as chamadas “viagens astrais”. A projeção consciente fora do corpo é conhecida no meio espírita como animismo e não costuma ser recomendada, com a argumentação de ser uma prática mistificadora. Outras doutrinas incentivam a projeção astral e criticam a mediunidade. Em suma, ambos os procedimentos se complementam e podem ser úteis quando realizados com intenção amorosa e caritativa.

²⁰ Médium, segundo Kardec, é todo o ser que consegue sentir ou estabelecer contato ostensivo com os seres incorpóreos. Nesse sentido, a mediunidade sempre existiu, recebendo os nomes mais diversos, e os médiuns já foram chamados de profetas, pitonisas, feiticeiras, xamãs, etc. O grande mérito da doutrina espírita foi o de demonstrar o caráter natural e sagrado da mediunidade, mas ela não é um patrimônio exclusivo dos spiritistas e pode ser utilizada sem finalidades doutrinárias, visando apenas a libertação do Ego, como acontece na Animagogia.

²¹ Uma médium vidente relatou ver na sala uma espécie de arquibancada com numerosos Espíritos participando dos ensinamentos. Tratava-se de Espíritos que, de certa forma, já estavam conscientes de sua nova situação como seres incorpóreos, mas ainda carentes de informações sobre a nova realidade em que se encontravam. Outros eram acompanhados por “enfermeiras” e recebiam algum tipo de tratamento médico.

²² Com o passar do tempo notamos que a maior parte dos desenhos realizados pelos Espíritos na casa espiritualista era feito por “crianças”. Questionando a espiritualidade que coordena os trabalhos, soubemos que no Astral da casa funciona um educandário para auxiliar Espíritos que desencarnaram como crianças, e que necessitam de um cuidado especial para recuperar sua consciência espiritual.

²³ Que não significa a esmola material, mas a prática da benevolência, da indulgência e do perdão. A caridade possui uma dimensão moral e não material.

²⁴ Uma rara exceção é o livro escrito por Almerindo Martins de Castro e publicado pela Federação Espírita do Brasil, em 1940: “o martírio dos suicidas”. Nesse livro, o autor afirma: “quer sucumba na prova do suicídio, quer triunfe dela, morre sempre no tempo preciso. Isto é, quando chega para ele a hora de partir.” Essa é também a nossa opinião, apesar de não ser a de boa parte dos spiritistas.

Anexo:

Você está preparado para morrer?

Palestra realizada pelo espírito Pai Joaquim de Aruanda

Médium: Firmino José Leite

Hoje vamos partir de uma parábola ensinada pelo Cristo: As dez moças (Mateus capítulo 25).

25 - 1 Jesus disse: — Naquele dia o Reino do Céu será como dez moças que pegaram as suas lamparinas e saíram para se encontrar com o noivo.

25 - 2 Cinco eram sem juízo, e cinco ajuizadas.

25 - 3 As moças sem juízo pegaram as suas lamparinas, mas não arranjaram óleo de reserva.

25 - 4 As outras levaram vasilhas com óleo para as suas lamparinas.

25 - 5 O noivo estava demorando e, então, a cochilar, pegaram no sono.

25 - 6 — À meia-noite se ouviu este grito: “O noivo está chegando! Venham se encontrar com ele!”

25 - 7 — Então as dez moças acordaram e acenderam as suas lamparinas.

25 - 8 - Aí as moças sem juízo disseram às outras: “Dêem um pouco de óleo para nós, pois as nossas lamparinas estão se apagando.”

25 - 9 — “De jeito nenhum”, responderam as moças ajuizadas. “O óleo que nós temos não dá para vocês e para nós. Se querem óleo, vão comprar!”

25 - 10 — Então as moças sem juízo saíram para comprar óleo, e, enquanto estavam fora, o noivo chegou. As cinco moças que estavam com as lamparinas prontas entraram com ele para a festa do casamento, e a porta foi trancada.

25 - 11 — Mais tarde as outras chegaram e começaram a gritar: “Senhor, senhor, nos deixe entrar!”

25 - 12 — O noivo respondeu: “Eu não sei quem são vocês!”.

25 - 13 E Jesus terminou, dizendo: — Portanto, fiquem vigiando porque vocês não sabem qual será o dia nem a hora.

Grande parábola! Vamos entender primeiro os elementos dela para depois falarmos sobre o assunto de hoje. Na Bíblia, Cristo é codificado como o noivo da humanidade dos Espíritos que habitam o planeta Terra. Assim, cada ser humano é uma noiva do Cristo, é uma noiva que está se preparando para o casamento com o Cristo. Esse é o primeiro aspecto dessa historinha. E as noivas ficam na escuridão esperando o noivo, não os noivos! Ele é o Cristo, o amor, e para essa vigília é preciso ter Luz. Algumas têm a Luz e outras não. Estas não conseguem se unir ao noivo, não conseguem entrar no recinto do casamento, ou seja, no reino espiritual.

Ou seja, os Espíritos que estão vivendo no orbe terrestre um dia casarão com o Cristo; alcançarão a elevação espiritual. Mas, enquanto esperam por esse momento, os Espíritos precisam se manter preparados para o encontro, porque não sabem qual será o dia e a hora que irão casar com o Cristo, ou seja, o dia e a hora em que voltarão para o mundo espiritual. Em outras palavras: o dia e a hora em que

vocês vão morrer!

Esse é o tema da palestra de hoje e a pergunta que eu quero fazer para vocês é a seguinte: você está preparado para morrer? Será que você está pronto para abandonar a encarnação, para abandonar a roda da encarnação e ir viver no mundo espiritual?

Essa é a minha pergunta e o tema da conversa de hoje, que será realizada a partir da parábola das dez moças esperando o casamento. Será que você está pronto para morrer? Será que dá para sair da carne nesse exato momento e ter Luz suficiente para ingressar no recinto do casamento?

Pergunta de um participante – Sócrates dizia que a Filosofia era uma preparação para a morte. Seria algo semelhante ao conhecimento espiritual? A Filosofia como um instrumento de transformação da consciência?

Sim. A transformação da consciência é a preparação para a morte. Nós vamos falar sobre isso com muita calma, pois estar preparado para a morte é saber: você tem a consciência necessária para desligar-se da Terra. Por quê?

Só para começar o assunto, morrer nada mais é do que isso: desligar-se da Terra, das coisas mundanas. Morrer não é nada diferente disso. Quem morre apenas se desliga das coisas mundanas. É isso que eu quero falar hoje. Então a transformação da consciência através da Filosofia, da Espiritologia, do Espiritismo, da Psicologia, do Cristianismo é o caminho para preparar-se para a morte.

Pergunta de um participante – E o que a gente faz depois da morte?

Depende. Se você gosta de conviver com a sua família, vai ser isso que você vai fazer depois que morrer. Você vai ficar preso aqui junto aos seus familiares. Se você gosta do monte do Tibet, você vai morrer e vai ficar preso lá. Preste atenção! A morte não é algo físico, mas é uma transformação de consciência. Será que você está vivendo para morrer, porque esse é o ponto fundamental. Você vai morrer um dia e a encarnação, a sua existência, é um preparatório para a morte. Não há mais nada a se fazer na vida a não ser se preparar para voltar ao reino do céu, para voltar ao mundo espiritual. É isso que precisa ficar bem claro, porque tudo que você faz durante a vida carnal não é real, não existe. Tudo vale por um determinado tempo e só vale para você. Então a vida humana é relativa, não é absoluta. E alguma coisa para ser Real tem que ser absoluta. Por isso nada do que você faz durante a vida interessa. Ou seja, se você estuda, se você casa, se você tem filho, se você planta uma árvore... Nada disso interessa.

Agora, vai interessar se ao vivenciar essas coisas você está, ao mesmo tempo, se preparando para morrer. Ou seja, você vive hoje com a consciência de que vai morrer? Você vive hoje com a consciência de que a família que você tanto presa vai acabar na morte? Você vive hoje com a consciência de que o prazer que você busca tão enfaticamente não terá nenhum valor depois da morte? Você vive hoje com a consciência que vai morrer quando torce pelo seu time de futebol e que ele vai continuar existindo e não você? A cada momento da sua vida, você vive com a consciência de que ele pode ser o último? Você vive com a consciência de estar preparado a esse retorno a pátria espiritual ou você só vai se lembrar disso no momento da morte? Ou será que você só vai se lembrar que tem que voltar a viver como espírito depois do desencarne?

Essas são as primeiras perguntas que eu faço porque, como eu disse, nós estamos lendo a Bíblia

para trazer o ensinamento do Cristo para a nossa vida. E trazer o ensinamento do Cristo é dizer: você é uma das cinco noivas que tem o querosene de reserva para esperar o noivo ou você é uma das cinco noivas que vai esperar a hora do noivo chegar para saber que esta sem luz?

Pergunta de um participante – E se eu não for preso a nada, o que vou fazer depois da morte?

Se você não for preso a nada material, depois da morte você vai viver o espiritual. Agora se você for preso ao material, você vai morrer e vai continuar aqui, sem corpo, mas preso às coisas materiais.

Um casamento ou uma faculdade, por exemplo, podem durar anos. Já o tempo de uma viagem, horas, e o de um jogo de futebol, minutos. Enfim, todos os acontecimentos da vida têm uma extensão de tempo, menos um: a morte. A morte não dura meses, anos, minutos, horas. A morte acontece em uma micro fração de tempo. No momento você está vivo e no outro você está morto. Essa é outra consciência que você precisa ter! Você não pode e não deve contar com a perspectiva de entrar num processo de morte porque não existe tal processo. A morte acontece subitamente.

Você pode achar que vai sentir a morte chegando e que poderá correr para se preparar, mas isso é ilusão! Mesmo os doentes que estão em fase terminal ainda acham que vão viver dias, semanas ou meses e a morte não tem essa característica. Ela é igual ao machado que desce de uma vez só. Então, não dá para esperar, não dá para deixar para se preparar para a morte em um outro momento.

Durante o casamento você pode até relaxar porque se hoje você fizer uma besteira terá tempo para se recompor. Durante a escola você pode relaxar porque se fizer uma besteira você terá tempo para mudar o que fez. Agora, na morte, não há volta. Não há como refazer a não ser em outra existência. Na morte, não há como dizer: “eu fiz errado, da licença, eu vou começar tudo de novo”.

Viver é se preparar para morrer e a morte vai acontecer de súbito. Por isso é preciso que você esteja atento e vigilante como Cristo ensina: atento e vigilante. Mas você vive, completamente, ao contrário. A cada dia, a cada hora, a cada minuto você programa mais coisas para fazer na Terra como se fosse eterno, imortal. Age como se o momento da morte pertencesse a todos, menos a você. Não se pode viver a vida desse jeito. Quem vive a vida desse jeito não consegue libertar-se da Terra, não consegue casar com o Cristo, não consegue sair do ciclo das encarnações.

É preciso que a cada minuto, a cada problema você diga: e se esse for meu último minuto, estarei pronto para morrer agora? Estarei pronto para abandonar isso agora?

Pergunta de um participante – Sabemos de alguma forma quando iremos morrer? Temos essa consciência?

Racionalmente, não. O Espírito sabe quando, pois isso lhe é revelado antes da encarnação. Esta informação foi respondida pelo Espírito Verdade em O livro dos espíritos, mas, racionalmente, não sabe.

Então vamos começar a conversar sobre essa preparação para estar pronto para, a qualquer momento, libertar-se do mundo material.

Pergunta de um participante – Em um centro espírita, minha mãe recebeu uma mensagem dizendo que meu avô já estava esperando por ela e foi uma semana antes dela morrer.

O Espírito pode ter uma noção, mas não sabe o dia ou a hora. O Cristo diz assim: “o dia e a hora vai chegar, isso é certo; mas só Deus sabe quando será o dia e à hora”. Por isso, nós podemos ter uma noção e receber uma ordem de Deus para falar, mas não sabemos o dia e hora precisa.

Pergunta de um participante - Alguém consegue saber que desencarnou logo após a morte?

Perceba! Você fala em saber que desencarnou e isso é um processo racional. E todo processo racional é Ego. Então, o Ego pode criar para você a informação que você desencarnou, mas isso vai acontecer quando você merecer. Somente quando você, por merecimento, tiver a condição de receber essa informação, Deus vai permitir que você tenha essa informação. Porém, 99,9 por cento dos que desencarnam não sabem de imediato. Eu costumo sempre dizer que o próprio Arjuna, que era o seguidor fiel de Krishna, teve que passar pelo Umbral, pelo menos por um minuto.

Agora eu vou começar a conversa de hoje. Como é que eu me liberto da Terra? Quando é que eu vou estar apto a me libertar da Terra?

Quando eu passar a viver o presente! Ou seja, passe a viver o que você tem hoje e não o futuro. O futuro não existe e quem projeta ou cria futuros está preso a Terra, está gerando tempo para estar na Terra ou, pelo menos, uma previsão de tempo para estar.

Se você está pensando no que vai fazer amanhã, você não está pronto para morrer. Porque você não sabe se vai estar vivo amanhã. E se você desencarnar essa noite? Se isso acontecer, você vai querer viver o amanhã que você projetou e não vai conseguir se desligar do mundo material, do mundo que você projetou para ter amanhã.

A vida foi feita não para viver amanhãs, e é por isso que a vida é completamente instável. Hoje você sai à rua e não sabe se volta para casa. E mesmo tendo a consciência dessa instabilidade, você projeta futuros como se fosse normal sair de casa e voltar. Mas você não sabe se voltará. É essa consciência que é a preparação para a morte. Eu estou saindo de casa; vou voltar? Não sei. Não sei se vou voltar, não sei o que vai acontecer na rua, não sei o que poderá se suceder. Quando eu voltar, eu verei se voltei. Se preparar para a morte é isso: viver o que você esta vivendo neste momento sem se preocupar com mais nada, sem projetar mais nada. Mas você vive sempre preparando o dia de amanhã, mesmo dizendo: o dia de amanhã pertence a Deus.

Quem vive projetando-se para o futuro não está preparado para morrer. Enquanto você disser: hoje de noite, amanhã de manhã, na semana que vem, no mês que vem, no ano que vem eu vou fazer isso e aquilo..., Saiba que você deixou de se preparar para a morte e, quando ela vier, você vai estar comprando óleo para a sua lamparina e não vai casar com o Cristo, não vai entrar no recinto do casamento.

Pergunta de um participante – Para se desligar da matéria, devemos fazer uma evolução na consciência... É possível morrer e só depois fazer essa evolução na consciência, nos desprendendo da matéria?

Não é pode, vai. Se você não se desprender na carne, você vai se desprender depois dela, porque ninguém pode assumir uma nova encarnação enquanto estiver preso a uma anterior. Ou seja, enquanto você achar que é o João, você vai estar preso a essa encarnação e para você vir como Maria, Josefina ou qualquer outro nome, você terá que se libertar do João. Porém, se você se liberta durante a ligação com uma matéria carnal, isso conta pontos para a sua elevação espiritual. Depois que você sai da carne, tal libertação não conta mais pontos para a evolução. O Espírito Verdade diz: “a evolução só se dá no mundo material, fora dele existem os intervalos entre encarnações para o espírito se preparar para uma nova encarnação”. Por isso, o libertar-se do João após a morte será parte do preparatório para uma nova encarnação e não uma elevação espiritual.

Então vamos continuar. Outra coisa que te prende a matéria carnal, são os desejos carnis. E não estou falando em sexo não. Estou falando em desejar estar vivo, em desejar ganhar um presente, em desejar ganhar na loteria, em desejar saúde para você, em desejar que a sua mulher ou o seu marido trate você bem. Qualquer desejo baseado em elementos materiais te prende ao mundo material. Você fica na dependência daquilo acontecer para ser feliz. Quem se prepara para a morte não cria raízes na Terra, não se fixa na Terra, por isso ele não deseja nada da Terra. Ele não deseja nem um prato de comida, nem uma casa para morar, nem um carinho de quem quer que seja. Ele é auto-suficiente, tendo Deus no seu coração.

Esse é outro aspecto do preparatório para a morte. Quem está com a sua lamparina acesa, com o seu querosene em ordem no momento em que o noivo chega, não tem desejo algum. Se tivesse, a única coisa que ele desejaria é que o noivo chegasse antes. E sabe por quê? Porque a noiva que quer que o noivo chegue logo, valoriza o casamento, valoriza positivamente o casamento, ou seja, a morte.

A morte, para quem está preparado para ela, é um momento de felicidade, é um momento de ternura, é um momento de realização. Mas o Ego induz o espírito a acreditar que deve permanecer vivo e que viver é bom e morrer é ruim. É por isso que você cria desejo em cima de desejo e, pior que isso, nenhum desejo realizado te satisfaz.

Repare bem nisso! Você deseja uma coisa e, no momento que consegue o que deseja, pode ter alguns momentos de satisfação, mas logo vem o Ego e cria um novo desejo. Para quê? Para te manter preso, para te manter enraizado na Terra e distraído com a chegada do noivo.

Por isso, quem quer casar com o Cristo vive atento e esperando, ansiosamente, a chegada do noivo. Não estou falando em se matar. Estou falando em viver para morrer, em transformar a morte no coroamento de uma ação espiritual chamada encarnação.

O seu Ego não deixa você se lembrar que é um espírito encarnado. Ele diz que você é um ser humano. Ele diz que você é um elemento da Terra. Mas você é um Espírito. E para que a sua lamparina esteja acesa e você não tenha que voltar para buscar mais querosene é preciso não viver o futuro, não programar futuro, não esperar futuro e também não acreditar em desejos, sonhos, planejamentos, esperança...

Você diz que sonhar não custa nada, mas custa muito caro. Custa perder a hora do casamento. É isso que custa sonhar, programar, viver a ilusão. Você não está errado se continuar vivendo assim, mas se quer casar com o Cristo precisa reformar-se.

Essa reforma é a elevação espiritual, é a reforma da consciência, não sendo mais um ser humano e sim um Espírito na carne. O Espírito na carne é aquele que tem a consciência de que é um Espírito eterno. E esta consciência leva à morte do ser humano. Esse é o significado do último segredo de Fátima: O fim da raça humana. O fim da existência de Espíritos que se acreditem como humanos. Assim será a transformação da Terra, deixando de ser um planeta de provas e expiações para se tornar

de regeneração.

Mas tem outra coisa que te liberta da Terra. É não ter paixões, não ser apaixonado positiva ou negativamente por nada desse mundo. Não achar nada certo e nem errado, bom ou mal. Não ter prazer ou desprazer com alguma coisa. Porque só tem prazer com alguma coisa quem é apaixonado por algo... Não desejar ter fama ou ter medo da infâmia, pois aquele que se acha famoso é porque é apaixonado por alguma coisa... Não querer elogios e nem ter medo da crítica, porque quem quer ter elogios está preso a Terra, espera conhecimento, espera que o outro o reconheça, nem que seja como ser humano, nem que seja como amigo.

Quem nutre paixões terrestres capazes de gerar o bem e o mal, o prazer e a dor, a fama ou a infâmia, o elogio ou a crítica... Está fincado na Terra e não tem como sair disso, pois toda a sua vida depende dessas paixões.

Quem passa o dia inteiro julgando o certo e o errado, que aquilo deveria ser feito de outra forma, que aquilo não poderia estar acontecendo, ou mesmo dizendo gostei disso, não gostei daquilo... Vai se enraizando, se enraizando, se enraizando...

São dessas paixões que surge o desejo: “eu gosto daquilo”, “eu quero que aquilo aconteça” e olha você preso à condicionalidade, à dualidade que só existe no planeta Terra. Quem se prepara para morrer luta contra essas paixões, não se deixa levar pelas paixões que o Ego cria. Não acha nada bonito ou feio, não acha nada certo ou errado.

Se preparar para morrer é abrir mão das paixões humanas, é abrir mão daquilo que você gosta, daquilo que você quer e abrir mão também de não gostar de nada ou de não querer alguma coisa. É soltar todas as amarras que te prende ao mundo carnal. Quem não se solta, quem só acha bonito o que esta fazendo, vive preso ao desejo, vive amarrado à Terra.

É por isso que usei essa parábola. Ela é perfeita! Será que você está preparado para morrer? Será que você não tem nada para fazer amanhã para poder morrer hoje em paz? Será que você não tem nenhum desejo pendente que te impeça de morrer hoje em paz? Será que você não tem alguma paixão que te impeça de morrer hoje em paz? Porque se você tiver o que fazer amanhã, se estiver esperando alguma coisa para amanhã ou se tiver algo que você não é capaz de abrir mão, sinto muito: você não está preparado para o casamento e não vai conseguir entrar no ambiente do casamento.

Pergunta de um participante – Ok! Desligo-me de tudo, nada sei, nada desejo, nada possuo... Eu consigo viver assim, mas como ficam os compromissos assumidos com a família? E os filhos?

Que compromisso você assumiu com a sua família e filhos? De representar determinado papel para que o Ego dos filhos e da família crie determinadas provas para eles? Esses atos vão acontecer. Deus não vai deixar de dar a cada um o que necessita e merece. Agora, internamente, você tem que estar desligado de tudo. Eu não falei em se desligar externamente. Eu falei em você se desligar de desejos, de paixões, de planejamentos, e não de atos. Eu falei de você não desejar um carro novo, mas não falei em não ter um carro novo. Eu não falei em você não ter uma casa nova, mas eu falei em você não ser apaixonado pela casa que tem.

Porque você se preocupa com o que vai comer amanhã? Se é Deus que dá comida aos bichos, será que não vai dar a você?: Cristo não falou que você não deve comer, disse que você não deve se preocupar e essa preocupação é uma paixão. Você é apaixonado pela idéia de que tem que dar o alimento para os seus. Se você acredita nisso, não está pronto para morrer. Sabe o que vai acontecer, se você

morrer agora? Vai dizer assim: “e agora, meu Deus, minha mulher e meus filhos, como vão ficar?” Ou seja, você vai voltar para trás e vai perder o noivo.

Comentário de um participante – Eu acho que as variações do mundo são boas porque provêm de Deus. Não importa se somos tristes ou alegres, mas saber que tudo é passageiro e curtir cada momento sempre esperar o próximo ou comparar ao anterior.

Então o bom não é a variação do mundo. O bom é o estado de espírito com o qual você vive a avaliação do mundo. É isso que eu chamo de Bem: tudo aquilo que provêm de Deus. E o Bem não é bom e nem mal, é apenas Bem. É essa a diferença! Agora, se você achar a tristeza boa você será masoquista. A tristeza não é boa é Bem porque o bom é aquilo que você gosta e o Bem é aquilo que não importa se você gosta ou se você não gosta, mas como vem de Deus é fruto do amor do Pai por mim.

Por isso, além do planejamento do futuro, dos desejos, das paixões... Você precisa se desligar das posses. São elas que criam as paixões e os desejos. Deixe o mundo enterrar os mortos e venha comigo. Você já cumpre a Lei, então abandone todas as suas posses e me siga! Não foram essas as palavras do Cristo?

Só que, quando se fala em possuir, vocês pensam logo em objetos, em posse material, em posse das coisas. Você precisa se libertar delas, é claro. Você precisa se libertar do seu carro, da sua casa, do seu emprego se quiser morrer em paz. Caso contrário, vai morrer preocupado com o que seu filho vai fazer com a herança que você deixar; vai morrer preocupado com o que seu filho ou a sua mulher vai fazer com a casa que você deixar... Mas você precisa libertar-se de outras posses também. Além da posse material, você precisa se libertar da posse sentimental: o meu filho, a minha mulher, o meu amigo, o meu inimigo...

O “meu” é uma posse, o “meu” quando dirigido a outro ser humano é uma posse sentimental. Se você não se libertar desse “meu filho”, não está pronto para morrer, para se encontrar com o Cristo. Se você estiver preocupado com o filho, vai ficar aqui querendo tomar conta do filho; se você não se liberta da sua esposa, você vai morrer e vai querer ficar aqui tomando conta dela e se você não se libertar do seu inimigo, vai morrer e virar obsessivo, pois estará preso a matéria carnal para se vingar.

Para se estar preparado para a morte, é necessário que você se liberte dos sentimentos que te levam a possuir o próximo.

E a terceira posse que você precisa se libertar é a moral: o “eu sei”. “Eu sei” o que vai acontecer depois da morte; “eu sei” como é o mundo espiritual... Quem diz isso não está preparado para morrer porque o seu Ego não te deixa saber o que acontece deste lado da vida. O seu Ego não tem elementos para isso. Por isso, preparar-se para a morte não é buscar cultura; é libertar-se das culturas.

Aprender a morrer não é adquirir novas verdades que sejam mais ou menos espiritualizadas, mas é alcançar o “eu não sei nada”. Porque só quando você não souber de nada, poderá aprender algo. O Cristo disse: “louvado seja Deus que mostra ao simples, aquele que não sabe nada o que esconde dos sábios”. Não que Deus queira esconder alguma coisa de alguém, mas porque Ele não pode chegar a um sábio e ensinar porque o sábio “sabe”.

Depois de me ouvir falar que você não deve programar futuro, que não deve prender-se a desejos, que não deve apaixonar-se por nada nesse mundo, que não deve possuir as coisas desse mundo, seja materiais, pessoas ou culturas, será que você está preparado para morrer?

Mas até agora eu falei de elementos do mundo. Você tem que doar o que você quer, você tem que doar o que você é apaixonado, você tem que doar o que você possui. Mas agora eu vou falar que você tem que doar você. Ou seja, libertar-se de você. A última coisa que você precisa fazer para se preparar para morrer é deixar de ser quem você é. Você tem que deixar de ser o José, a Maria, o Pedro... Enquanto você for José, Maria, Pedro... Estará preso na Terra porque o José, a Maria e o Pedro são da Terra e não espíritos. Quem não se liberta do Ego não se prepara para voltar a ser só um Espírito. E sabe o que acontece quando você se liberta do Ego? Acaba o egoísmo, o querer para si...

Todos os que se identificam com uma personalidade são egoístas. É dele que surge a paixão, o desejo, o esperar o amanhã... Então, você tem que vir descendo, libertando-se do planejamento, do futuro, do desejo, das paixões, das posses, mas tudo isso você só conseguirá quando se libertar do José, da Maria, do Pedro... É por isso que eu deixei esta parte para o final, porque esse final é o início. E sabe por quê? Porque o José, a Maria e o Pedro vão morrer. O José que você é hoje, essa personalidade transitória, vai morrer e quem se apega ao José prolonga a existência do José e um dia vai ficar sem saber o que fazer. Por que o José morreu! O José acabou e agora meu Deus? O José morreu, como é que eu faço? Como é que eu vivo se o José está morto? Cadê a minha masculinidade, a minha feminilidade, cadê ao meu corpo bonito ou feio?

Esse é o ponto fundamental da vida. Quem não se prepara para morrer não viveu, quem não se prepara para morrer perdeu a encarnação. Portanto, seja vigilante com o seu Ego. Não o deixe planejar futuros, criar desejos, paixões, posses e uma personalidade. Você não sabe a hora do casamento. Não deixe para se preocupar com isso no momento da morte porque ela dá tempo para você se preocupar com ela. Para morrer, basta estar vivo. Morrer sem ser para se casar com o Cristo não vale de nada.

Simplesmente será mais uma encarnação e você terá que viver outras até chegar o dia em que essa noiva prometida terá que se casar com o Cristo. Então, para que ficar adiando o casamento? Quem adia o casamento com o Cristo esta simplesmente jogando o tempo fora, perdendo oportunidades de criar uma grande família, de viver uma relação que satisfaz por si só. Se você quer um conselho: passe a acordar de manhã e se veja se está preparado para morrer. E se você trabalha na apometria, na umbanda, no centro espírita, na igreja católica, na igreja evangélica ou no raio que o parta, e não ajudar o próximo a se preparar para morrer, você não fez nada. Essa é a única ajuda que você pode dar a alguém que está vivo, no sentido de estar ligado ao Ego, preso à matéria. Você precisa o ensinar a morrer, estando ele vivo (encarnado) ou morto (desencarnado).

É isso que este preto-velho faz e é isso que o pastor, o padre e você devem fazer: ensinar a morrer, ensinar a estar paradíssimo para o casamento com o Cristo.

Que a graça de Deus esteja com todos.